

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO  
POLÍTICA

BRENDA BARBOSA DA SILVA

***“Faz isso por nós, faz essa por nós”*: reflexões sobre a periferia como sistema cultural e a universidade pública contemporânea.**

São Paulo

2020

BRENDA BARBOSA DA SILVA

***“Faz isso por nós, faz essa por nós”*: reflexões sobre a periferia como sistema cultural e a universidade pública contemporânea.**

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política.

Versão corrigida contendo as alterações sugeridas pela comissão julgadora em 08 de novembro de 2019. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:

Mudança Social e Participação Política

Orientadora:

Profa. Dra. Marília Velardi

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

### CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

CRB 8 - 4936

Silva, Brenda Barbosa da

*"Faz isso por nós, faz essa por nós"*: reflexões sobre a periferia como sistema cultural e a universidade pública contemporânea / Brenda Barbosa da Silva ; orientadora, Marília Velardi. – 2020  
124 p: il. + 1 Anexo.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo em 2019.

Versão corrigida

1. Periferia - Aspectos culturais - São Paulo. 2. Universidade. 3. Cultura. I. Velardi, Marília, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 307.76098161

Nome: SILVA, Brenda Barbosa da.

Título: “Faz isso por nós, faz essa por nós”: reflexões sobre a periferia como sistema cultural e a universidade pública contemporânea.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Área de Concentração:

Mudança Social e Participação Política

Aprovado em: 08/11/2019

### **Banca Examinadora**

Prof. Dra.	Marília Velardi	Instituição:	Universidade de São Paulo – USP Leste
------------	-----------------	--------------	---------------------------------------

Prof. Dra.	Renata Cristina Gonçalves dos Santos	Instituição:	Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP Baixada Santista
------------	---	--------------	--

Prof. Dr.	Tiaraju Pablo D'Andrea	Instituição:	Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP Zona Leste
-----------	------------------------	--------------	--

*À Minha família,  
onde tudo principia.*

*Ao Hip Hop, por tantos ensinamentos.  
Às/aos lutadoras/es sociais,  
linha de frente nas periferias.*

*Às pessoas que em diferentes momentos da minha vida  
semearam afetos e apoios  
que me permitiram realizar esse trabalho,  
especialmente:*

*Bruna Ara Miri  
Damiso Faustino  
Denise Clemente  
Marília Velardi  
Pedro Higuchi (in memorian)  
Nicolas Spakovskis  
Rafaela Soares  
Tami TaGuiNá  
Uberê Guelé  
Valéria Ribeirinho.*

## AGRADECIMENTOS

Meu, sabe quem eu quero agradecer? Ao pessoal com que eu cresci e brinquei lá no Jd. Mirna, especialmente ao pessoal da Rua Carmino Amódio, a melhor rua e não se fala mais nisso! À Tia Moranguinho. À Profa. Ana Maria. Ao meu professor de Ciências lá no Carlos José Ribeiro.

À Profa. Maria José, por na 6ª série ter realizado meu grande sonho: descobrir *quem* tinha sido Santo Dias da Silva, que dava nome à escola. Em minha memória recordo dela, um pouco incrédula, ao ver minha resposta em alguma tarefa, onde eu havia escrito o *quanto* eu queria descobrir quem era o patrono da escola, o quanto aquilo era meu *sonho*. Ela então me levou até a entrada da sala de professores, local ao qual estudantes comumente não tinham acesso e me mostrou um quadro, que me parecia enorme. No quadro, contavam a história do Santo Dias da Silva. No quadro eu encontrei a satisfação da minha curiosidade, a realização do meu sonho. Naquele momento, a Profa. Maria José me proporcionou três descobertas importantes para minha vida: a descoberta do prazer gerado pela satisfação do conhecimento, a descoberta do que era um *militante* e o de aprendizado que um simples gesto e atitude pode mudar o mundo de uma pessoa.

À minha Mãe por, sabendo do meu gosto pela leitura, sempre comprar livros que ela encontrava em brechós e ferros-velho ou eram *vendidos de porta em porta*. À Madrinha Vilma. À Profa. Cláudia, por ter fortalecido a autoestima da minha turma na 8ª série. Ao compromisso da Profa. Vera Lúcia, da Profa. Célia, do Prof. Luís Tadeu, do Prof. Maranhão (*in memoriam*). À acolhida no grupo ECOAR.

Às educadoras que em diferentes momentos de minha vida tiveram gestos que me colocaram em movimento e inquietação, aqui representadas pelas já mencionadas Vera Lúcia e Maria José, Renata Gonçalves, Raiane Assumpção, Marília Velardi, Renata Matsuo, Rosângela Batistoni e Elânia Francisca.

Agradeço ainda aos colegas virtuais que mensalmente comentavam na página “Pós-Graduando”, no Facebook, na postagem em que nos perguntávamos *se e quando* a bolsa CAPES seria depositada (sim, eu falei que agradeceria vocês aqui e vocês não acreditaram). Aliás, agradeço à CAPES por ter me concedido bolsa de pesquisa. Agradeço às servidoras do Setor de Processamento Técnico da Biblioteca da EACH — se você está lendo isso, certamente é por elas terem me salvado!

Por fim, agradeço às minhas camaradas que mesmo com a vida cotidiana aperreada, conseguem me inspirar e fortalecer: Mairã Soares, Tamires Nascimento, Juliana Florentino, Hellen Neves, Bruna Ara Miri, Nathália Franco, Priscila Ribeiro, Denise Clemente, Aline Rocco, Valéria Ribeirinho, Mayara Maria e Janaína Maurer.

## RESUMO

SILVA, Brenda Barbosa da. *“Faz isso por nós, faz essa por nós”*: reflexões sobre a periferia como sistema cultural e a universidade pública contemporânea. 2020. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Versão corrigida.

A dissertação que aqui apresento, compreende *periferia* como sistema cultural e reflete sobre isso no contexto da universidade pública contemporânea. Tais reflexões foram construídas a partir da minha vivência nesses espaços. Em uma abordagem teórica-metodológica ancorada nas pesquisas radicalmente qualitativas, investigo *periferia* no contexto acadêmico e o processo histórico do surgimento de periferias na cidade de São Paulo, especialmente na região do Grajaú, local em que passei a maior parte da minha vida. Ao compreender *periferia* como sistema cultural, apresento algumas práticas culturais mediadas pela oralidade — Slams, Batalhas de Rima e Saraus — que possibilitaram minha formação e a de outras/outros sujeitas/os periféricos. Algumas/uns sujeitas/os periféricas/os agora *também* tentam ocupar as universidades públicas contemporâneas, embora o modelo hegemônico de universidade ainda não tenha realizado as mudanças estruturais necessárias para que esse novo grupo estudantil consiga se reconhecer, pertencer e construir *na* e *a* universidade. Como respostas à estas tensões, os próprios estudantes desenvolvem estratégias que possibilitam sua permanência na universidade — muitas delas influenciadas por práticas periféricas. Por fim, reflito sobre o espaço universitário como espaço de produção e reprodução do conhecimento e também de produção e de reprodução *da opressão* por meio do conhecimento.

Palavras-chave: Periferia. Pesquisa radicalmente qualitativa. Universidade. Cultura. Educação Universitária.

## ABSTRACT

SILVA, Brenda Barbosa da. *“Do it for us, do it this for us”*: reflections on the periphery as a cultural system and the contemporary public university. 2020. 124 f. Dissertation (Master of Sciences) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2019. Corrected version.

The dissertation I present here, understands the *periphery* as a cultural system and reflects on it in the context of the contemporary public university. Such reflections were built from my experience in these spaces. In a theoretical-methodological approach anchored in radical qualitative research, I investigate *periphery* in the academic context and the historical process of the emergence of peripheries in the city of São Paulo, especially in the Grajaú, where I spent most of my life. Understanding the *periphery* as a cultural system, I present some cultural practices - Slams, Battles of Rhyme and Saraus - that made possible my formation and that of other peripheral subjects. Some peripheral subjects now also try to occupy contemporary public universities, although the hegemonic model of university has not yet made the structural changes necessary for this new student group to be able to recognize, belong, and build on the university. In response to these tensions, students themselves develop strategies that enable them to stay in college - many of them influenced by peripheral practices. Finally, I reflect on the university space as a space for the production and reproduction of knowledge and also for *the production and reproduction of oppression through knowledge*.

Keywords: *Periphery*. Radical qualitative research. University. Culture. University Education.



## *Trilhas percorridas*

Pro começo de nossa conversa.....	12
Um pouco antes dessa pesquisa.....	12
Como cheguei nessa pesquisa.....	14
Das dificuldades de se compreender e se identificar como “falante da academia”/ sujeita acadêmica. ....	18
O processo metodológico como forma de pensamento .....	20
O processo metodológico como forma de ação .....	22
Das novas possibilidades de caminhos e re-existências. ....	25
“Periferia é Periferia em qualquer lugar” .....	29
Periferia nas pesquisas acadêmicas .....	30
O que as pesquisas acadêmicas falam sobre a periferia.....	37
<b>A minha Periferia - Nordestina.</b> .....	43
O surgimento de São Paulo .....	44
A ocupação do território Grajaú, na periferia de São Paulo. ....	51
As influências culturais no território periférico do Grajaú, em São Paulo e a atuação de sujeitas/os periféricas/os .....	56
<b>A Periferia como Sistema Cultural</b> .....	57
<b>poéticas periféricas – a força dos lugares de fala, voz e escuta.</b> .....	63
Convites e negociações.....	63
<b>SARAUS, BATALHAS E SLAMS</b> .....	66
A Reivindicação de Memórias Ancestrais no espaço urbano periférico.....	69
a força dos lugares de fala, voz e escuta. ....	71
<b>Universidade: produção e reprodução do</b> .....	74
<b>conhecimento Ou</b> .....	74
<b>Não tem jeito</b> .....	75
<b>Viver em dois mundo diferente é uma coisa tão difícil...</b> .....	76
<b>Além da sala de aula, além da expansão: NERP, PDAAN e PET</b> .....	78
O surgimento do Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares – NERP .....	78
Programa de Educação Tutorial – PET Educação Popular: criando e recriando a realidade social. ....	81
Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento – PDAAN.....	84
Algumas Reflexões.....	85
<b>Linhas, estradas e universidades</b> .....	89
<b>Uberê Guelé passando a visão...</b> .....	90
<b>“Sou negro(a) e entrei na Unifesp e agora?”</b> .....	91
<b>Quem não tem crachá</b> .....	93
<b>Vai se tratar</b> .....	95
Trote 2014 .....	96
<b>Exposição</b> .....	97
<b>DIREÇÃO RACISTA</b> .....	98
<b>“Tá na minha cabeça”</b> .....	100

O nosso movimento incomoda – sobre “...precisa disso?” e a violação do corpo negro. ....	101
Com os pés no chão e o mundo nas costas .....	106
De Capítulo 4, Versículo 3 à AmarElo – diálogos entre universidade e o RAP .....	107
Mensagem para Marília (conversa no whatsapp) .....	119
Asema Aya .....	120
REFERÊNCIAS .....	122

***“Oh, dai-me,  
dai-me alicença  
pra eu fazer meu samba  
nesse terreiro  
de branco”.***

***‘Alicença - (SILVA, B.B. 2016, p.04)***

## ***Pro começo de nossa conversa...***

Quando me candidatei ao Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, minha pesquisa era outra. Não é raro durante o desenvolvimento do mestrado, as pesquisas passarem por muitas mudanças. É comum ao ponto de, muitas vezes, pesquisadoras e pesquisadores não relatarem todas essas mudanças. Eu não sou essa pesquisadora.

As mudanças na pesquisa guardam a riqueza e grandeza desse desenvolvimento e revelam, além da memória desse percurso, a apreensão da vida dessa pesquisa e de onde ela se insere e realiza.

Entendo que compartilhar essas mudanças é promover as condições necessárias para que você entenda como penso, como ajo, como realizo meu trabalho acadêmico. É uma intimidade compartilhada, para que você, aí na intimidade de seus pensamentos, ao ler esse trabalho, possa imaginar, sentir, ouvir, conversar com a gente — eu, a dissertação, a orientação, os grupos de estudos... É uma intimidade compartilhada para que possamos existir dentro de você. Mesmo quando *em primeira pessoa do singular* é uma conversa que singulariza muitas vezes, é coletiva. Então, vamos lá, entender como eu cheguei ao texto que aqui apresento, para que possamos surgir e viver um pouco *em e com* você.

### **Um pouco antes dessa pesquisa...**

Um dia, quando corrigiam meu projeto de pesquisa do trabalho de conclusão de curso (TCC)<sup>1</sup>, o consideraram “muito panfletário”. Eu me senti ofendida, pois no contexto acadêmico o sentido dessa expressão *é* mesmo ofensivo. Foi empregado para me informar que meu trabalho não era acadêmico o suficiente, era um adjetivo desqualificando meu trabalho. Certamente que o projeto de pesquisa possuía fragilidades quanto a sua construção, algo esperado no decorrer de um curso e não sou avessa à correções. No entanto, as mudanças necessárias para que minha pesquisa pudesse se tornar *acadêmica o suficiente* indicavam que o “problema” não era a proposta de pesquisa não atender ao esperado de uma pesquisa. O projeto apresentava introdução, justificativa, objeto de pesquisa, objetivos, metodologia, cronograma.... A redação era formal e adequada ao contexto acadêmico. Estava de acordo com as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas — ABNT. O texto possuía coesão e

---

<sup>1</sup> Intitulado como “SALVE! O HIP HOP no enfrentamento ao genocídio *descaracterizado* da juventude pobre, preta e periférica”, meu TCC foi apresentado em 2016, como pré-requisito para obtenção do grau de bacharela em Serviço Social na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

coerência em si. Não seria possível entender onde estava *a insuficiência acadêmica*, se não tivessem indicado as mudanças necessárias para que ele deixasse de ser *panfletário*. Junto com a anotação de que minha pesquisa era muito panfletária, vinha uma série de correções necessárias ao texto. Todas arrancando minha pesquisa de mim e de seu contexto. O motivo que tornava meu projeto de pesquisa academicamente insuficiente era eu realizá-lo tomando como referência a cultura Hip Hop e os movimentos sociais que atuam no enfrentamento à violência do Estado.

Hoje, eu torço para que minhas pesquisas sejam sempre panfletárias mesmo. Que possam ser acessíveis como são os panfletos distribuídos nas áreas de trânsito popular. Que possam ser facilmente compreendidas. Que estejam sempre ali, ao alcance de uma mão quando se precisa. Que elas ofereçam o que as pessoas precisam. Que anunciem e *vocalizem* o que constantemente é silenciado.

Hoje, para mim, ofensivo é ser considerada *muito acadêmica* — no sentido hegemônico do que acadêmico é. Trabalho fortemente para que a academia não tenha retirado minha qualidade de ser mesmo extremamente panfletária e cometer o absurdo de sistematizar e produzir conhecimento vivo. E comprometo-me ainda mais em fazer do contexto acadêmico um lugar para a autoria e edição de panfletos.

Hoje, considero pretensão demais de minha parte querer que minhas pesquisas sejam assim tão panfletárias e esforço-me para que elas sejam e permaneçam assim. *Conhecimento preso em prateleira e poucas cabeças não cumpre sua função social. Deus me livre me tornar latifundiária de conhecimento!*

Em “The Qualitative Manifesto: a call to arms”, Norman DENZIN, ao apresentar seu livro, diz o seguinte “I seek a writing form that is performative, dialogical, pedagogical — it tells by showing. Because I believe the performance turn represents an important path into the future, portions of many of the chapters that follow are presented as short, dramatic plays to be co-performed” (DENZIN, 2018, p. 4), entendendo que “that performance is a way of knowing, a way of understanding, a way of creating critical consciousness” (idem).

Inspirado pela Imaginação Sociológica de Charles Mills (1965), DENZIN indica que

“like Mills, I want a discourse that troubles the world, understanding that all inquiry is moral and political. So today I am coming full circle, back to 1963 and Charles Wright Mills, fighting still to find my voice in my version of the sociological imagination, my version of an agenda for the global community of critical scholars in the 21st century” (2018, p.2).

Por isso, minha escrita é *manifesta*. Meu conhecimento é *coletiva*. *Performa* a escrita, o pensamento, a vida, num exercício de encontrar as relações do mundo em minha história,

investigar minha moral e política, e assim encontrar formas de saber, de entender, promover e criar consciência crítica. Hoje, o panfleto é meu elogio. Sejamos *panfletárias!*

### **Como cheguei nessa pesquisa**

Descobrir-me academicamente insuficiente e muito panfletária, tornou mais compreensível para mim algo que ao longo de minha graduação eu já percebia e intuía: a universidade é uma construção e está sempre em disputa. Na verdade, agora concluindo o mestrado, isso se torna ainda mais nítido e elaborado. Mas, na época do TCC, em que percebi isso se manifestar no meu cotidiano, dando prosseguimento à minha pesquisa, desejei e propus realizar uma pesquisa sobre os saraus periféricos e os processo de mudança social mediados pela arte — no TCC eu já me referenciava *no* Hip Hop. Referenciar-se no Hip Hop era mais que uma *intenção*. Era a forma como *eu* havia *apreendido* aquelas reflexões, era meu sistema cognitivo e cultural, uma forma de coadunar forma de pensamento e forma de ação. Não confunde-se com pesquisar *o*, *sobre* ou *baseado em*. Por tratar-se de *uma condição* para o desenvolvimento da pesquisa, *está para além do que tenho gestão e só referenciando-me no* é que consigo compreender, trazer à consciência. Então, no mestrado eu prosseguia referenciando-me *no* e ao voltar minha atenção aos saraus, compreendia-o como uma estratégia para intervenção e mudança social por meio da arte-cultura.

Minha expectativa, além de compreender como ocorre esse processo e o motivo pelo qual ocorre, era também o de valorizar essas referências, já que constantemente experienciei elas sendo diminuídas.

Ao iniciar o processo de orientação com a Profa. Dra. Marília Velardi e participar do grupo de Estudos em Corpo e Arte (ECOAR), o projeto inicial sofreu profundas mudanças. Nesses espaços descobri referenciais mais coerentes com o meu processo de pesquisa e uma “comunidade interpretativa”, portanto um ambiente mais sensível para compreender, provocar e desenvolver a pesquisa.

Conforme compreendia, provocava e desenvolvia a pesquisa, percebi que eu *já sabia* como ocorrem os processos de mudanças sociais mediados pela arte nos espaços de saraus periféricos. Eu queria, na verdade, era que outras pessoas soubessem e o *tornassem* legítimo também.

Na medida em que eu descobria as minhas intenções para a pesquisa, também redescobria (e encontrava) que o caminho teria que ser outro. Ainda que eu partisse de outras formas de conhecimento, de outras epistemologias, essas epistemologias *também* estão inferiorizadas no contexto acadêmico em que transito — assim como o Hip Hop ou os saraus

periféricos. Percebi que essa hierarquia dos e nos conhecimentos, apesar de fortemente arraigada em nossa cultura e sociedade, não é algo orgânico, é algo construído. E se pode ser construído, pode ser desconstruído. Passei então a me ocupar com a investigação desses processos.

Encontrei a descolonização, decolonialidade, pós-colonialidade, contra-colonialidade. Encontrei as epistemologias do sul. Encontrei os estudos culturais. Reencontrei e reelaborei o materialismo histórico (e com isso me refaço enquanto Assistente Social). A pós-modernidade. O pan-africanismo. O multiculturalismo. O positivismo. As relações de gênero. As relações étnico raciais. *A interseccionalidade*. Descobri a amplitude e profundidade das pesquisas qualitativas. Os estudos em corpo e arte. História da educação no Brasil. A pesquisa baseada nas artes. O estudos sobre presença e performance. Estudos sobre enunciação e local de fala. Estudos sobre o corpo urbano.

Mergulhei em tanta coisa, que depois de nadar em mar aberto tive muitas dificuldades em voltar para a praia e contar como foi. Contar é muito pouco. E nem mesmo isso o modelo hegemônico de produção de conhecimento recebe bem...

Então, após um conflito intenso com a pesquisa inicial, compreendi que não pesquisaria os saraus periféricos. Entendi que não seria justo e honesto desenvolver o tema inicial da pesquisa, *trazer de peito aberto como ocorrem os processos de mudanças sociais mediados pela arte e cultura periférica*, se eu acreditasse que ele depende de uma legitimação no espaço acadêmico. Se eu fizesse dessa forma, eu estaria corroborando com a compreensão de que a universidade confere autoridade em termos de conhecimento e que ela é a métrica para tornar ou não um conhecimento legítimo. E ainda *entregaria de bandeja* um conhecimento que o próprio contexto acadêmico hegemônico *insiste em não querer* valorizar. E não é bem assim. Não é que não conhecem. Não querem conhecer. Não seria ético para mim sujeitar o conhecimento periférico a isso. Enquanto eu não *investigasse* o contexto universitário contemporâneo, seria arriscado me expor nessa relação, já que eu também sou *periférica*.

Foi assim que de saraus periféricos, passei a refletir sobre a universidade. Mergulhei na minha vida escolar e universitária. Observei meus colegas de diferentes turmas. Dialoguei com estudantes que se preparavam para o ingresso na universidade, com graduandas/os, com mestrandas/os. Com pessoas que não tiveram acesso a educação formal. Com minhas professoras. Meus pensamentos.

Por isso, nestes cadernos tento compartilhar a sistematização de alguns desses processos. Eu *ainda* falo de periferia, pois minha forma de pensamento e de ação se construiu nesse meu contexto e vivência periférica, portanto contextualizo isso para você, para que você

tenha condições de se aproximar de meu pensamento — *APROXIMAR... Você não precisa concordar, mas para formular sua opinião você precisa me entender.*

Num caderno concentro informações sobre periferia — como ela aparece nas pesquisas acadêmicas, como eu a percebo, como ela foi construída, e proponho o *insight* que foi para mim interpretá-la como um sistema cultural.

Em outro caderno concentro informações sobre as expressões poéticas da e nas periferias — um breve histórico do surgimento dessas práticas nas periferias de São Paulo; apresento as expressões mediadas pela oralidade, especificamente *Slams*, batalhas de rima e *saraus*.

E em outro caderno concentro as informações sobre universidade. São *insights* e reflexões sobre como o espaço universitário é um espaço de produção e reprodução do conhecimento e também é um espaço de produção *e reprodução da opressão* por meio do conhecimento, especialmente para o novo perfil de estudantes da universidade contemporânea.

Meu estilo de redação mescla texto dissertativo-argumentativo e narrativo em prosa e poesia. É também um trabalho com recursos em audiovisual de outras pessoas. Conforme o texto apresenta alguma referência audiovisual, sugiro fortemente que você escute-a/veja-a. Sugiro no momento e ordem em que aparecem no texto em que você escolher ler. Para facilitar que isso aconteça, preparei uma playlist no Youtube, com todas as referências em audiovisual que aparecem nesse trabalho e que você pode acessar nesse link: <http://bit.ly/dissertacao2019>. Você também pode escanear o QR code ao lado a partir de seu smartphone para ter acesso a mesma playlist.



Figura 1- QR Code

A seguir você ainda encontra uma sistematização<sup>2</sup> de como eu reorganizei isso na pesquisa.

Entendendo a diversidade das abordagens qualitativas, assumimos aqui que essa pesquisa se alinha ao campo de pesquisa radicalmente qualitativa. Com isso queremos partilhar a descrição desse processo e também o seu imbricamento com a realidade, de modo que há, pelo menos, dois processos que consideramos relevantes aqui: a reflexão quanto ao percurso metodológico e a intervenção/relação que ele gera com a *coisa* que se investiga.

---

<sup>2</sup> Reprodução da versão corrigida do artigo “Se compreender, refletir e não pedir autorização para (re)existir: trilhas de uma pesquisa radicalmente qualitativa“, apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos – SIPEQ, realizado pela Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos – SE&PQ, em parceria com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, juntamente com o Centro de Educação, Letras e Artes – CELS, em 2018, na cidade de Foz do Iguaçu, PR. Disponível em <https://sepq.org.br/eventos/vsipeq/documentos/39276200843/11>.



O projeto de pesquisa que apresentei para ingresso no Programa de Mestrado em Mudança Social e Participação Política (PROMUSPP) na Universidade de São Paulo (USP) tinha por título “SARAUS PERIFÉRICOS: quando a arte mediatiza mudanças sociais”, cuja hipótese era a de que os saraus que acontecem nas periferias da cidade de São Paulo servem como espaço de humanização, fruição artística e favorece processos de mudança social, sendo a dimensão “arte” a catalisadora desse processo.

Propunha isso, pois foi como ocorreu comigo e como vejo ocorrer com outras pessoas que participam desses espaços. Na época eu não sabia, mas meu interesse era apresentar os espaços de expressões poéticas da/na periferia, tais como as Batalhas de Rima, Saraus, Slams e outras *performances*, como importantes espaços de formação. Estes eram espaços importantes para mim, já que foi o sistema cultural em que tive acesso a diversos aprendizados e conhecimentos que permitiram meu acesso e permanência à Universidade e que não eram reconhecidos com esta validade, então eu queria falar sobre isso.

Apesar de vivenciar esse lugar de onde eu queria falar, projetei a pesquisa como se eu fosse apenas uma observadora externa a esse fenômeno, como se nunca o tivesse vivido. Nessa época eu tinha como proposta metodológica a etnografia e desde o período em que eu elaborava o projeto me inquietava pensar que a etnografia diz respeito a uma estratégia em que o sujeito que a realiza é um sujeito “de fora” da realidade observada. Eu questionava de que forma eu, forjada nos espaços de saraus e outras linguagens similares, conseguiria me colocar “de fora”, distante dele, se teria capacidade e se seria cabível eu desempenhar esse papel. Lembro-me de achar estranho esse lugar, sentir-me como uma farsa e mesmo questionar se eu poderia investigar esse assunto.

Mesmo não aderindo as visões que postulam a imparcialidade da ciência, meu envolvimento com o campo deixou-me insegura. Além da insegurança quanto ao caminho metodológico para o que eu queria fazer, a insegurança em pensar se pessoas *como eu* poderiam ser mestradas. Mantive-me confiante na proposta ao considerar que a Antropologia, de onde mina a etnografia, passou e ainda passa por questionamentos e novas perspectivas sobre sua constituição como pesquisa do/sobre/com o outro, abrindo margens para diálogos e reposicionamentos quanto ao antropólogo, seu papel, quem são os outros, etnocentrismos, decolonialidade e outras aberturas.

Esses questionamentos fizeram-me considerar que a etnografia ainda não era o que eu queria como metodologia, mas que ela permitia produzir subsídios academicamente

legitimados mais próximos aos de minha linguagem. Na época, apesar de já existirem relevantes publicações sobre autoetnografia, por exemplo, eu ainda não as conhecia. Eu pensava que, no limite, eu “olharia de forma exótica o familiar”, relembrando os apontamentos de Milton Santos sobre território.

Tanto a noção de que eu deveria ser e estar distante do campo que eu investigaria, quanto minha insegurança com o ambiente acadêmico têm uma origem bem anterior e interior na estrutura da nossa sociedade e que em minha própria vivência na graduação pude experienciar, compreender e por isso mesmo temer.

### **Das dificuldades de se compreender e se identificar como “falante da academia”/ sujeita acadêmica.**

Eu me formei em Serviço Social em uma universidade federal fruto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Isso significa dizer, dentre tantas coisas, uma graduação construída em um campi universitário com intensas lutas estudantis por políticas reais de permanência; um corpo discente mais diverso do que o habitualmente matriculado nestas universidades; dificuldades de permanecer simbólica, financeira e intelectualmente; e toda uma estrutura universitária, em especial o corpo docente, diante do desafio de formar profissionais com origens e contribuições muito diferentes para serem facilmente amalgamadas como estavam habituados. Também no que concerne à expansão considerada “democratização do ensino superior no Brasil” é importante dizer que a ampliação das oportunidades de acesso não necessariamente se constituiu em uma queda das desigualdades sociais que, obviamente, a universidade também reproduz.

Especificamente no curso de Serviço Social, que é uma profissão que atua com o enfrentamento da questão social em suas diversas expressões e onde me graduei, de repente receber como estudantes as/os sujeitos que historicamente são o público com que esta profissão atua significou (e significa) repensar as bases teóricas da própria profissão enquanto ela acontece, se desenvolve e é ensinada.

É também lidar com o desconforto dos questionamentos tanto das apreensões que a profissão fez/faz desse público que agora está *ali* presente para falar por si e problematizar o lugar delegado para eles, quanto ter que repensar respostas profissionais para o próprio público/estudante que está na sala de aula com todas as demandas aparentes e reais com que Assistentes Sociais e Educadores têm que atuar – muitas vezes sem considerá-las/os como sujeitas/os, em uma perspectiva ainda conservadora e extremamente colonizadora.

Ao distanciar-me do contexto periférico em que cresci e ocupar a universidade pública, o *território periferia* não pôde ir comigo, mas o *sentir-se periférico*, a memória, a vivência, a cultura e visão de mundo, a periferia como sistema cultural, foram comigo, sim. É verdade que, na minha percepção, os espaços acadêmicos hegemônicos não expressaram maiores interesses do que o de “objetificação” e marginalização do lugar periferia. Porém, também é verdade, que durante toda a minha permanência e a de outras/os periféricos ali, procurávamos sempre “pela brecha”, pelas vielas, subvertendo e desconstruindo essa objetificação. Eu buscava meios de não “*alijar-me de mim*”, e se eu estava ali, então ali também estaria uma contribuição da experiência periférica em primeira pessoa, como sujeita periférica – e não objeto. Mas essa postura não foi imediata. E mesmo depois de assumir essa posição, isso nunca significou que eu não estaria sujeita à depreciação por minha origem socioespacial e cultural ou que eu não seria impelida a me distanciar dela, ser arrancada de minhas referências, como ocorreu com frequência – ora meus estudos eram “panfletários demais”, ora minhas práticas eram “subjetivas demais”, “agressiva demais”...

Os desafios dessa nova realidade no contexto universitário brasileiro talvez estejam mais amplamente discutidos e expressos como “racismo institucional” ou “inserção da/o negra/o na universidade”<sup>3</sup>. O que se percebe é que o tão “sonhado” acesso ao ensino superior pode se revelar um processo (de)formativo, silenciador, expulsivo, doloroso e colonizador quando não nos moldamos à universidade. Se moldar à universidade pode significar abrir mão de quem somos, como nos constituímos, de nossas referências, para dar lugar as referências universalizadoras da universidade. Foi desse lugar que senti maior dificuldade em falar a linguagem acadêmica, identificar uma forma de expressão coerente com a minha forma de ação e de pensamento – construídas em grande parte por práticas político-pedagógicas, estéticas e poéticas das/nas periferias. O desafio não era o de entender, não era uma dificuldade de aprendizado intelectual ou de “ser aceita”, me relacionar com as pessoas. Em minhas reflexões eu não entendia como *eu, sujeita periférica*, pertencendo e concordando com os que emanam tal crítica à universidade, fazia parte da instituição criticada – universidade/*eu, sujeita universitária* – ainda mais para investigar as relações estabelecidas por quem estabelece a crítica – *eu, sujeita periférica* – sem corroborar com os paradigmas dominantes da instituição criticada – *eu, sujeita universitária*? Sim, dessa forma confusa mesmo. Como mediar essa relação junto à universidade? E junto às demais sujeitas periféricas? Em que medida eu também não reproduziria tal processo de “objetificação” da coisa que investigo, objetificando a mim

---

<sup>3</sup> Afinal, “CEP”, endereço, é mais fácil de disfarçar do que cor de pele.

mesma, doendo em mim? O desafio era descobrir se de meu lugar de investigadora eu poderia construir um lugar de vocalização desse *eu, sujeita periférica* e desse *eu, sujeita universitária*, bem como de outros vários “eus” que possuímos, da forma como eu penso ou se eu teria que seguir me mutilando.

### **O processo metodológico como forma de pensamento**

“Pega tudo que você se orgulha de si, e se empodere  
Então veja como interfere,  
parei de me ferir quando aderi ao que difere (...)  
Se esconder na própria pele e apontar é muito fácil,  
difícil é habitar a outra pele  
(JUPI77ER, 2018)

Como dito anteriormente, ao ingressar no PROMUSPP eu pensei que pesquisaria sobre saraus periféricos. Mas ao me vincular com o grupo de Estudos em Corpo e Arte – ECOAR e iniciar o processo de orientação junto a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marília Velardi, pude aproximar-me de uma comunidade de aprendizado, como lia em bell hooks.

Na graduação eu tive a oportunidade de construir espaços que serviram como comunidades de aprendizado. Logicamente não os construí sozinha. Havia um cenário que favoreceu a ocupação e mesmo a (des)construção da universidade. Em meu processo investigativo perceber as referências que me constituem, independente de seu caráter de “cientificidade” e a forma como penso representa um importante desdobramento, pois permite também minha adesão a formas de ação mais coerentes às minhas investigações. O processo investigativo já não é um martírio de negação de si, incoerências, prescrições e de não pertencimento. O processo investigativo passa a fazer sentido para todos os meus papéis sociais, guardadas suas particularidades, mas sem a necessidade de sua negação.

Foi com surpresa que descobri no ECOAR uma comunidade de aprendizado, uma comunidade interpretativa, um lugar em que eu pude começar a me refletir e formular por inteiro. Se me surpreendo, é por já ter visto nos estudos em corpo e arte práticas e narrativas que deslegitimavam e atacavam o meu corpo — feminino, gordo e negro —, minhas artes — periféricas. Era um receio. Então inserir-me no ECOAR, sentir-me pertencente a ele e reconciliar-me com os estudos em corpo e arte foram processos essenciais para que eu pudesse identificar que minha pesquisa não era para falar de saraus, de arte, de periferia. Era também isso, que é onde culturalmente eu me referencio. Eu me constituo disso. Em minhas investigações o outro que eu falava como sendo um estranho, não era um falar do outro, era um falar *de mim com* os outros. Percebi minha biografia na proposta investigativa. Não como centralidade, mas como lugar por onde passa todo o processo criativo e interpretativo, íntimo,

lugar que sente, pensa, sofre, vive e é. Crucial e também inicial nesse processo foi me encontrar com a escrita de Charles Wright Mills (1965) em “a Imaginação Sociológica” que validava a importância de cientistas sociais localizarem suas biografias ao investigarem a sociedade — aqui ampliando, não apenas para cientistas sociais, mas para todos que se propõe ao exercício investigativo.

Elizabeth Adams St. Pierre (2017) ao apresentar a forma como compreende a história da pesquisa qualitativa, situa quatro destas gerações e descreve também o momento em que ela própria se percebe nesse caminho, suas críticas e reflexões. Em dado momento do texto ela faz o seguinte apontamento:

“Given the incompatibility of the humanist of the “post” descriptions of language and being, especially human being, deconstruction was inevitable. Derrida (1990) wrote that 'deconstruction is neither a theory nor a philosophy. It is neither school nor a method. It is not even a discourse, nor act, nor a practice. It is what happens' (p. 85). Indeed, as read Derrida and Foucault and Butler and Spivak and Deleuze and Guattari, qualitative methodology deconstructed itself. I could neither think it nor do it. (PIERRE, 2017, p. 39).

Ela narra também que só quando retornou a estes autores/as que ela já havia conhecido em seu doutorado é que percebe que o lugar de sua inquietação é a incapacidade para este modelo pesquisa “I began to fully understand that my inability to *do* conventional humanist qualitative inquiry emerged from my inability to *think* it” (PIERRE, 2017, p. 39).

Assim, entendo também, que minha investigação passou a fazer mais sentido quando do conflito entre os lugares que vivenciava de forma antagônica e fragmentada na universidade, que por motivos estruturais tolhiam-me e manipulavam-me como objeto, eu saltei para pensar o lugar em que vislumbro uma maior *inteireza* de mim, uma investigação que me contempla e completa, que me percebe viva nesse contexto, que coaduna os múltiplos interesses e complexidades entre os papéis que vivencio, em que eu posso dar formas, me coisificar e vivê-los, vocalizá-los, assumí-los, interseccioná-los.

Estes caminhos, portanto, estão se apresentaram para mim como um conjunto a ser articulado no processo em que eu, dentre tantas possibilidades, tramo a mim como sujeita periférica e sujeita universitária não em oposição e sim *onde me reconheço no contexto universitário*, onde as linhas que me costuram podem ser e tecer novos emaranhados e já não tenho que remendar-me nos rasgos da “alta-costura” da academia. Aqui o ganho é reconhecer outras formas de pensamento e, principalmente, *a forma de pensamento como orientadora metodológica da investigação*. Já não cabia pensar num sentido e não agir do mesmo modo. Nunca me coube.

## O processo metodológico como forma de ação

“Decidimos mover nossas asas,  
de coadjuvante ser muito além  
Antes de falar, ouça bem.  
Tamo junta e ninguém nos detém”.  
(ANARKA, 2018)

Não acredito no exercício da crítica que tudo questiona, mas nada propõe, em nada age. Na verdade, tenho dificuldades em conceber qualquer exercício de cunho unicamente contemplativo. Mesmo a “*meditação sem atitude não te traz respostas*”<sup>4</sup>. Há exceções em que o próprio exercício da crítica apontam os limites desta quanto à tomada de novas atitudes, mas que se justificam como necessárias para conseguir se tecer processos de mudanças. Entretanto quanto mais a coisa que se investiga está imbricada em nosso cotidiano, maior será a interação com a coisa que se investiga e suas relações. Coisa, coisificar-se, aqui é o oposto do objeto fabricado pela humanidade. É o reconhecimento da inteireza da vida da coisa (INGOLD, 2012). Quanto mais interações, maiores possibilidades de novos olhares, experiências, processos, saberes, ações... Daí a radicalidade que adjetiva esta pesquisa qualitativa.

Assumir essas reflexões exigem um intenso cuidado para “não jogar a água da banheira com o bebê junto”, mas isso também significa não deixar a água parada, ainda que haja riscos nesse movimento. Estou dizendo que é necessário um processo recíproco em ouvir, entender o olhar do outro conforme o outro olha, aprender um outro universo para poder se comunicar com ele. Nos campos em que existem ruídos, podemos ser vozes que ecoam e o desatam e também podemos amplificá-los. Então a consciência do que se quer e a coerência desse querer precisam ser constantemente revisitadas. Não há uma fórmula de *como* fazer. Tem um *acontecer* que se faz dessa busca, desse profundo respeito por quem se é, de onde se *pensa*, um profundo compromisso ético, estético e político com a coisa investigada.

Dizer isso no contexto de minhas investigações significa dizer que caminho onde for possível caminhar respeitando-se quem sou, valorizando e me referenciando em minha formação construída extramuros da universidade e também considerando a universidade e a dinâmica da academia.

A academia hoje consegue articular um movimento contra hegemônico no que refere as epistemologias dominantes. Apesar de não hegemônico, nem homogêneo, essa contra hegemonia consegue viabilizar muitas das mediações necessárias em minhas investigações.

---

<sup>4</sup> Versão da canção PAY ATTENTION!, de Marina Peralta.

Pós-colonialidade, decolonialidade, anticolonialidade, epistemologias do sul, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, retomada guarani, perspectivas feministas...

Todos esses saberes são expressões de movimentos que questionam a reprodução e manutenção de hierarquia e desigualdades na produção de conhecimentos, a afirmação de outros paradigmas para ciências e cientificidade e, evidentemente, também expressam as contradições que tensionam. Como explicar que o sujeito com maior visibilidade no debate sobre epistemologias do sul é um europeu?<sup>5</sup> Isso deslegitima essa abordagem? Deslegitima esse sujeito? Dependerá da relação que se estabelece com a coisa que se investiga! É preciso recordar que todos possuem um lugar de fala e que primar por esses lugares não significa silenciar vozes, mas romper com o unísono forçado e os silenciamentos acadêmicos.

Nesse sentido entendo-me como contra hegemônica no contexto universitário, no contexto periférico, no contexto afrofeminista, no contexto literário... Uma maré de contracorrentes! Mas entendendo as possibilidades desse lugar. Em uma passagem do livro “O que é lugar de fala?”, de Djamila Ribeiro, a autora retoma a necessidade de se reconhecer diferentes saberes e de como isso rompe com um postulado de silêncio e diz:

“Tanto Lelia Gonzalez, como Linda Alcoff, Spivak, entre outras, pensam a necessidade de romper com a epistemologia dominante e de fazer o debate sobre identidades pensando o modo pelo qual o poder instituído articula essas identidades de modo a oprimir e a reificá-las. Pensar lugares de fala para essas pensadoras seria desestabilizar e criar fissuras e tensionamentos a fim de fazer emergir não somente contra discursos, posto que ser contra, ainda é ser contra alguma coisa. Ser contra hegemônica, ainda é ter como norte aquilo que me impõe. Sim, esses discursos trazidos por essas autoras são contra hegemônicos no sentido de que visam desestabilizar a norma, mas igualmente são discursos potentes e construídos a partir de outros referenciais e geografias; visam pensar outras possibilidades de existências para além das impostas pelo regime discursivo dominante” (RIBEIRO, 2017, p. 90).

Assim, por exemplo, eu opto por narrativas, no lugar de autoetnografias, mesmo hoje já ciente de que *sim*, se eu *quiser* eu *posso* fazer uso dessa estratégia metodológica. Porém *reflito* que a autoetnografia é parte de um processo que questiona a etnografia, que questiona Antropologia e que não é isso que quero fazer. Esses questionamentos são extremamente necessários para desestabilizar epistemologias dominantes e desenvolver a Antropologia. No entanto, de forma igualmente crítica e retomando o estilo de escrita de diversas outras escritoras

---

<sup>5</sup> Aqui refiro-me ao sociólogo Boaventura de Sousa Santos, homem, cis, branco, europeu e questionador da matriz eurocêntrica, articulador de diversas lutas sociais e que, possivelmente, por seu lugar na estrutura da sociedade alcança maior impacto e visibilidade a estes questionamentos do que, por exemplo, outras/os pensadoras/es latinoamericana/o — é exatamente a reprodução dessa estrutura da sociedade no contexto do conhecimento que ele questiona e da qual é beneficiário.

negras, as narrativas permitem eu me afirmar sem ter que fazer mais uma oposição. Eu não preciso reivindicar a decolonização da Antropologia, apesar de apoiá-la. Eu prefiro não “me colonizar” (se é que é possível) nessa antropologia, posto que *posso* optar por outro caminho. Não significa que eu desconheça o movimento que reivindica a autoetnografia, que já não se restringe a Antropologia. Tampouco que não estou atenta a ascensão das narrativas em primeira pessoa como estratégias metodológicas em pesquisas qualitativas. A minha *opção* considera estes cenários. No livro “Ensinando a transgredir – A Educação como prática da liberdade”, bell hooks lembra que em seu papel de ativista e feminista comprometida com a transformação da sociedade, quanto mais coerente é sua prática com esses valores, maior a perturbação e subversão a essa sociedade:

“Desse ponto de partida, automaticamente pensamos em criar uma teoria que fale com o público mais amplo possível. Já escrevi em outros textos, e disse em inúmeras palestras e conversas, que minhas decisões sobre o estilo de redação são decisões políticas motivadas pelo desejo de incluir, de alcançar tantos leitores quanto possível no maior número de situações. Essa decisão teve consequências positivas e negativas. Os estudantes de várias instituições acadêmicas reclamam que não podem incluir minhas obras como leituras obrigatórias para os exames de conclusão de curso porque seus professores não as consideram suficientemente eruditas. Todos nós que criamos teorias e escritos feministas num ambiente acadêmico onde somos continuamente avaliadas sabemos que os textos considerados 'não eruditos' e 'não teóricos' podem nos impedir de receber o reconhecimento e consideração que merecemos” (hooks, 2014, p.99).

Assumir um lugar contra hegemônico e aberto às possibilidades é optar por uma escrita que pode não reconhecer méritos no que eu escrevo, mas que gera incômodos que a academia precisa encarar; precisa se posicionar se quiser se opor a ela; precisa argumentar para defender sua ingênua neutralidade e *status quo*. Ao fazer isso torno visível o que antes apenas eu percebia e calava ao ser impelida a escrever com a dita erudição, com a dita teoria, mesmo quando isso significava me mutilar. Mas, para mim, mais relevante ainda é contribuir para fazer emergir o debate não apenas dentro de mim ou em nossos textos, mas em nossos contextos acadêmicos, em nossas construções onto-epistemológicas. É preciso gerar diálogos que expressem a complexidade de onde estamos e como nos relacionamos.

Através da narrativa eu também consigo retomar a escrita não apenas como minha forma de pensar e comunicar, mas também como uma forma de me comunicar fundamentada na oralidade e na memória, acessar territórios de ancestralidade e também conectada com os espaços de expressão poéticas das/nas periferias que me educaram e educam. Já não preciso que reconheçam sua legitimidade, pois as epistemologias dominantes não possuem autoridade para isso. Quando eu me referencio nas práticas da cultura periférica eu mesma a reconheço



como minha formadora, como artística, como poética. Nesses espaços narrativas são *performances*, poesias são ensinamentos, corpos são expressões e a busca pela coerência do que se entoa e como se age é a métrica necessária para a manutenção de zonas autônomas temporárias que a gente cria por meio das palavras. Não é outra matriz de pensamento dominante externa que vai reconhecer essas experiências.

### **Das novas possibilidades de caminhos e re-existências.**

Como subversiva, que é uma das formas como nossa sociedade nomeia quem ocupa espaços públicos declamando textos poético-políticos e realizando intervenções artísticas, eu parei de pedir autorização para (re)existir. Como periférica, universitária, educadora, mulher, jovem, negra, feminista, exercitando todas as minhas polivocalidades parar de pedir autorização para (re)existir não é pouca coisa e ainda estou experimentando essa nova postura – inclusive ainda buscando não me sentir culpada por isso. Tem sido uma experiência crítica, que sugere, gera e inspira novas possibilidades de conhecimentos, reconhecimentos, diálogos e práxis. É também um processo de criação artística, não apenas pelas referências artísticas que invoca, mas também pela poesia de como se pensa e pela artesanaria de como se faz.

A pesquisa radicalmente qualitativa permite-me ter no horizonte a busca pela minha inteireza em meus múltiplos papéis e vozes, ciente de que estas estão sempre em construção. Uma vez sabendo onde se quer chegar e os motivos da caminhada, acredito que os passos se desenharão, dançarão e caminharão comigo, como tem sido até aqui. Por estes contextos entendo como um ganho legitimar outras formas de pensamento como orientadora da investigação, principalmente em tempos de crise paradigmáticas. Assumir estas premissas possibilita experimentar novos caminhos metodológicos antes indisponíveis, dado os apriorismos teóricos que cercam o tema, e que também exigem e geram novas intervenções e relações com a coisa que se investiga.

Neste contexto, se dizer radicalmente qualitativa é reivindicar um modo de se fazer pesquisa qualitativa em primeira pessoa, atravessada pelo campo. Não se trata de analisar fenômenos, as aparências. Trata-se de também emaná-la, vivê-las:

“E essa pesquisa qualitativa que hoje está sendo conduzida por uma quarta geração de pesquisadores se alarga e, sob ataque da ditadura da Ciência e dos mecanismos neoliberais de patrulhamento da investigação acadêmica e artística, coloca-se na direção de pensar métodos que sejam não métodos. Fluidez. Pede-se fluxo na fluidez da investigação. Façamos aquilo que, como pessoas criadoras de formas de pensar o mundo, nos permita resgatar a humanidade nas pesquisas sobre as vidas e seus fluxos. Senão resgatar, radicalmente, instaurar” (VELARDI, 2018, p.53).

Aqui talvez não haja nenhum ineditismo para o campo das pesquisas qualitativas — e não vejo problemas nisto. Mas certamente que sua reivindicação por novas gerações de pesquisadoras/es com origens tão heterogêneas como as minhas também permitem novas reflexões para a área e a coloca diante de novos desafios. Em minha realidade esse processo gera importantes impactos em minha forma de ser e relacionar com o mundo. Então, que outras formas de se relacionar estão sendo descobertas e impactadas? Penso que ainda é incomensurável o significado dessa adesão por parte destas/es pesquisadores da qual eu também faço parte. E que há ainda um árduo trabalho a ser desenvolvido por todas/os nós que encontramos nas pesquisas qualitativas sua morada. Independente das dobras que nos aguardam, meu maior anseio nesse momento é te apresentar como eu as vivi e investiguei.



*“PERIFERIA*

*É*

*PERIFERIA”*

### **“Periferia é Periferia em qualquer lugar”**

Durante minha graduação algumas situações no contexto universitário evidenciaram que haviam distinções quanto a compreensão que eu tinha sobre alguns assuntos e a compreensão de outros sujeitos acadêmicos sobre o mesmo assunto. Dessas situações, a que se refere a *periferia* talvez seja a que mais se sobressaísse, pois impactava na compreensão de outros assuntos de minha formação profissional, reverberando em outros tópicos e discussões.

A divergência quanto à compreensão por si só não é um problema. Pelo contrário, ela pode favorecer a pluralidade e amplitude de uma reflexão. Entretanto, nos casos relativos à *periferia*, as divergências de compreensão, diferente de pluralizar ou ampliar seu significado, geralmente convergiam para um sentido de *periferia* que não apenas se opunham à minha compreensão, mas também diminuía e inferiorizavam essa outra compreensão possível, da qual eu partilhava. Aliás, é importante considerar que essa outra compreensão não era unicamente “minha”. Outros sujeitos acadêmicos, também compreendem periferia de outra forma e assim partilhamos e sustentamos reflexões a partir dessa compreensão durante nossa formação, mesmo ela não sendo hegemônica, homogênea ou majoritária.

Entre as compreensões possíveis para *periferia*, de modo geral, encontrei sujeitos acadêmicos que entendiam *periferia* de forma similar entre eles, o que tornava mais difícil colocarmos uma outra perspectiva sobre *periferia*. Essas compreensões majoritariamente compreendem *periferia* como espaço geográfico distante do centro, pobre e que sintetiza violência e pobreza (D’Andrea, 2015).

Embora essas compreensões tenham elementos dos quais eu também partilho ao caracterizar periferia, compreendo que elas reduzem, fragmentavam e despolitizam essa outra percepção sobre a *periferia* que eu e outros sujeitos acadêmicos e *periféricos* reivindicamos.

Neste capítulo tento recuperar os elementos que foram necessários para que eu (e outros) formulássemos uma compressão sobre periferia. Certamente essa formulação é mais dialética do que aquilo que consigo apreender e expressar. Mas, já que não é possível ter consciência de todas as contribuições recebidas, recorro ao desenvolvimento acadêmico deste tema, bem como aos “produtos” produzidos por periféricos e que revelam como compreendemos *periferia*. Por fim, conto como eu própria sintetizo essas discussões. O intuito não é sobrepor essa síntese às demais, mas, possibilitar que entendam de que *periferia* estou falando, que possam também “olhar por essas lentes” enquanto avistamos algo em comum.

## Periferia nas pesquisas acadêmicas

Para me aproximar das pesquisas acadêmicas que abordam o tema “periferia” empreendi busca em bancos de teses e dissertações e bibliotecas eletrônicas. Em cada acervo virtual eu configurava os recursos de cada plataforma para encontrar dissertações de mestrado, teses de doutorado e teses de livre-docência que tivesse como palavra-chave, assunto ou descritor da pesquisa o termo “periferia”. Num trabalho acadêmico palavras-chave, assuntos e descritores servem para caracterizar aspectos relevantes da pesquisa. Considerando que a periferia e seus moradores constantemente são temas de pesquisas e intervenções acadêmicas, imaginava que, minimamente, o termo poderia aparecer como um descritor destas pesquisas.

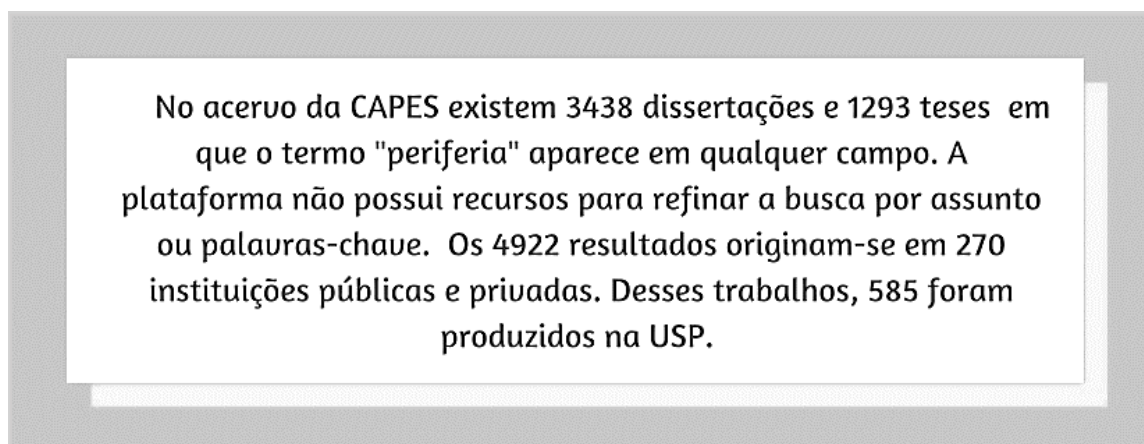
*. Você imagina fazer uma pesquisa em Marte e não contar que ela se passa em Marte? O lugar em que desenvolvemos uma pesquisa não é relevante ?*

Então, em cada acervo virtual eu configurava os recursos de cada plataforma para encontrar dissertações de mestrado, teses de doutorado e teses de livre-docência que tivesse como palavra-chave ou assunto o termo “periferia”. Assim, realizei essa configuração na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Digitações - BDTD.

No acervo da BDTD existem 273 dissertações e 111 teses com o assunto "periferia".  
Desses 384 resultados, 85 foram produzidos na USP.  
No acervo próprio da USP a mesma busca retorna 103 produções, sendo 67 dissertações, 36 teses.

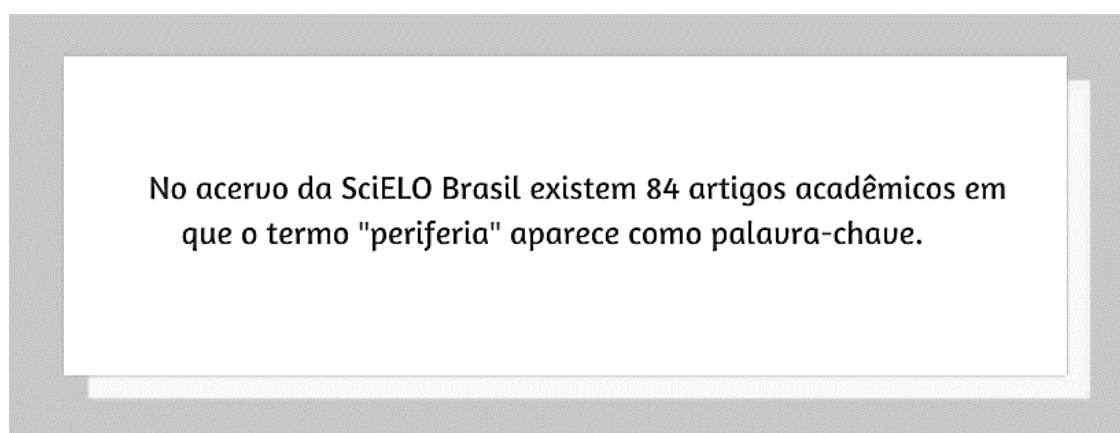
Figura 2 Fonte: BDTD. Imagem elaborada pela autora

Realizei essa configuração de pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior – CAPES.



*Figura 3 - Fonte: CAPES. Imagem elaborada pela autora.*

Busquei, ainda, com configuração similar de pesquisa no acervo da SciELO, entretanto nessa plataforma a busca foi por artigos acadêmicos ao invés de dissertações e teses, por sua própria característica.



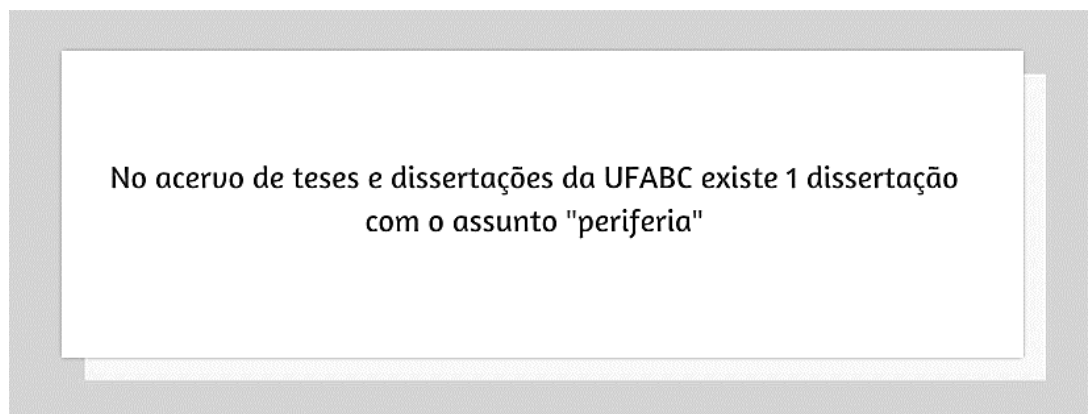
*Figura 4 Fonte: SciELO. Imagem elaborada pela autora.*

Essa configuração de busca resultou em pesquisas relevantes, mas não me pareciam suficientes para organizar e interpretar os resultados, pois algumas informações importantes para esse exercício não estavam disponíveis. A ausência de um acervo unificado e atualizado que congregue essas informações torna necessário a busca em acervos individuais. Mas a diferença das informações disponibilizadas em cada acervo dificulta a reunião dessas informações, como a ausência de recursos para exportar os resultados para manejo posterior.

Além disso, num mesmo acervo individual, por exemplo, não há informações sobre a frequência com que o acervo é atualizado, se o acervo anterior à virtualização dos trabalhos foi

ou não disponibilizado integralmente, tendo inclusive numa mesma instituição acervos que se sobrepõem... Por isso passei então a realizar o mesmo parâmetro de pesquisas realizado anteriormente em acervos individuais de instituições acadêmicas. Por uma maior proximidade geográfica dos territórios em que trânsito nesta pesquisa, elegi os acervos das universidades públicas do Estado de São Paulo. Também influenciaram nessa decisão a percepção de que nos acervos de base nacional, CAPES e BDTD, as universidades paulistas concentram a maior parte das pesquisas que foram filtradas. Entretanto considero que a maior quantidade de pesquisas nessas instituições não ocorrem necessariamente por um maior interesse no assunto, mas também por uma maior concentração de recursos e consolidação dos programas de pós-graduações, permitindo uma atração e retenção de pesquisadores e maior visibilidade das produções acadêmicas.

Realizei a busca no acervo virtual da Universidade Federal do ABC - UFABC. A UFABC foi instituída em julho de 2005 e atualmente possui 26 Programas de Pós Graduação em nível de mestrado e/ou doutorado.



*Figura 5 Fonte: Diretório UFABC. Imagem elaborada pela autora.*

Realizei a busca no acervo virtual da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. A UNESP foi criada em 1976, incorporando faculdade que já existiam anteriormente, e atualmente possui 138 Programas de Pós-Graduação em nível de mestrado e/ou doutorado.



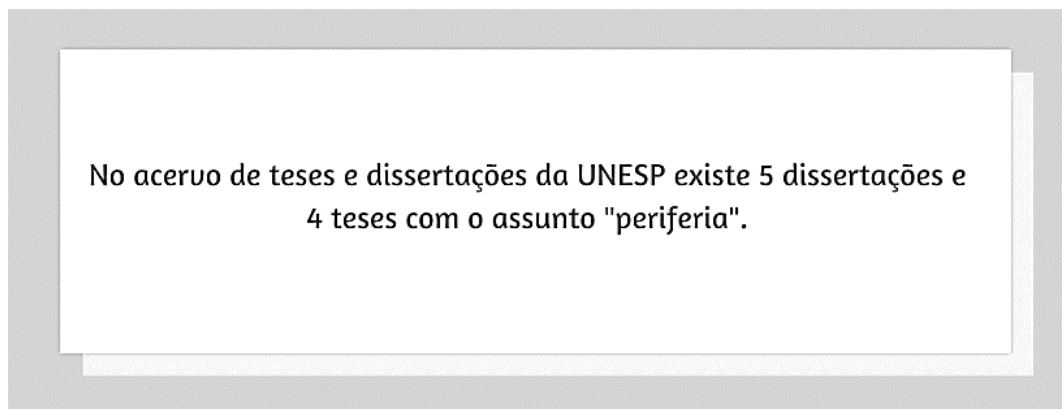


Figura 6 Fonte: Diretório da UNESP. Imagem elaborada pela autora.

Realizei a busca no acervo virtual da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR. A UFSCAR foi fundada em 1968 e atualmente possui 56 Programas de Pós-Graduação em nível de mestrado e/ou doutorado

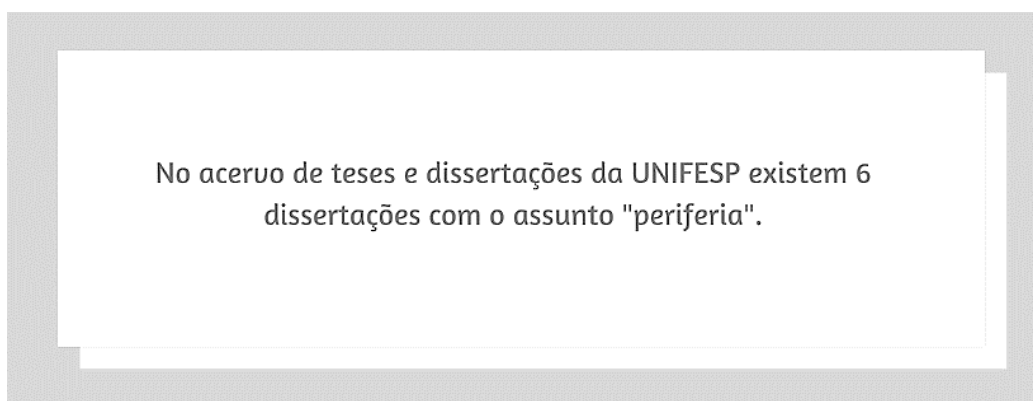


Figura 7 Fonte: Diretório da UNESP. Imagem elaborada pela autora.

Realizei a busca no acervo virtual da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR. A UFSCAR foi fundada em 1968 e atualmente possui 56 Programas de Pós-Graduação em nível de mestrado e/ou doutorado.

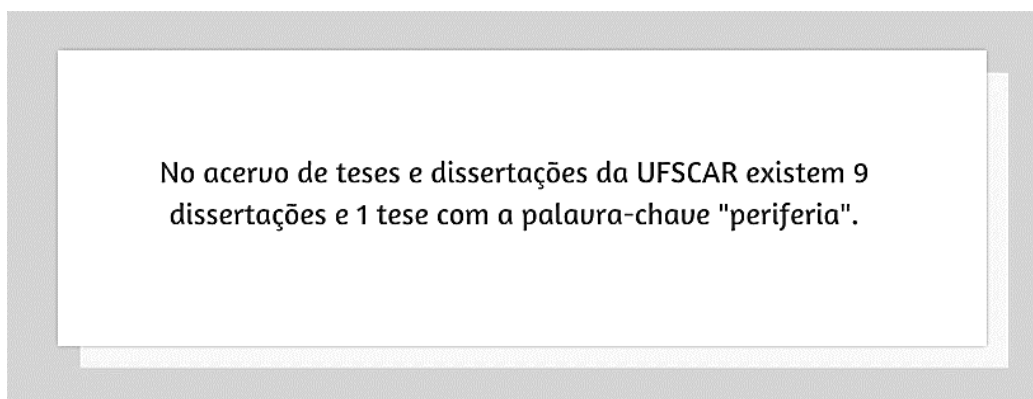
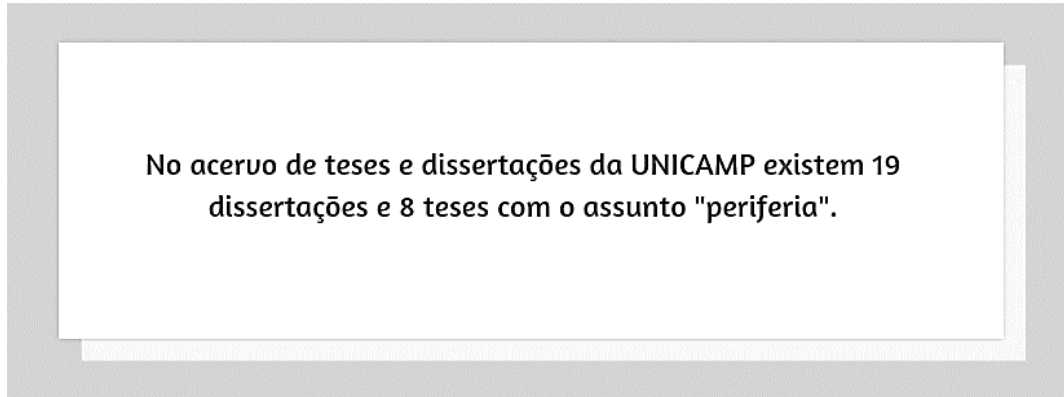


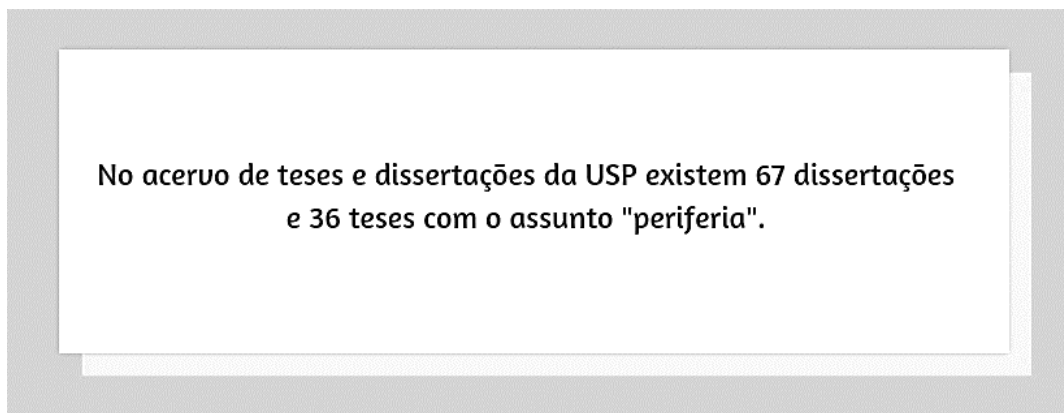
Figura 8 Fonte: Diretório UFSCAR. Imagem elaborada pela autora.

Realizei a busca no acervo virtual da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. A UNICAMP foi fundada em 1966 e atualmente possui 80 Programas de Pós-Graduação em nível de mestrado e/ou doutorado.



*Figura 9 Fonte: Diretório UNICAMP. Imagem elaborada pela autora.*

Realizei a busca no acervo virtual da Universidade de São Paulo - USP. A USP foi fundada em 1966 e atualmente possui 266 Programas de Pós-Graduação em nível de mestrado e/ou doutorado.



*Figura 10 Fonte: Diretório USP. Imagem elaborada pela autora.*

Retornaram 103 resultados, sendo 67 dissertações de mestrado e 36 teses de doutorado. Não há nenhuma tese de livre docência cujo termo “periferia” conste como palavra-chave registrado nesse acervo. Quanto à área do conhecimento desses trabalhos, os 103 resultados inserem-se em 28 diferentes áreas do conhecimento. Em nível de mestrado os trabalhos abarcam 22 áreas do conhecimento e em nível de doutorado 15 áreas do conhecimento. No acervo em análise, existem 778 áreas do conhecimento registradas. Portanto, essas 28 diferentes áreas, representam 3,6% de todas as áreas do conhecimento existentes na base.

Em síntese, realizei a busca no acervo virtual da Universidade Federal do ABC – UFABC, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Universidade de São Paulo – USP.

Universidade	Ano de Criação	Nº de Programas de Pós-Graduação	Trabalhos com o termo “Periferia”	
			Dissertações	Teses
UFABC	2005	26	1	0
UNESP	1976	138	5	4
UFSCAR	1968	56	9	8
UNICAMP	1966	80	19	8
UNIFESP	1994	53	6	0
USP	1966	266	67	36

*Tabela 1 - Dissertações e Teses com a palavra-chave "periferia". Elaborada pela autora.*

O acervo da USP é o mais robusto tanto entre as universidades públicas no estado de São Paulo, quanto nos acervos nacionais, motivo que levou-me a analisar especificamente a produção nessa universidade. Então, a busca no acervo digital da USP alcançou 103 resultados, sendo 67 dissertações de mestrado e 36 teses de doutorado. Não há nenhuma tese de livre-docência cujo termo “periferia” conste como palavra-chave registrado nesse acervo. Quanto à área do conhecimento desses trabalhos, os 103 resultados inserem-se em 28 diferentes áreas do conhecimento. Em nível de mestrado os trabalhos abarcam 22 áreas do conhecimento e em nível de doutorado 15 áreas do conhecimento. No acervo em análise, existem 778 áreas do conhecimento registradas. Portanto, essas 28 diferentes áreas, representam 3,6% de todas as áreas do conhecimento existentes na base.

As áreas que mais concentram trabalhos em nível de mestrado é a de Geografia Humana (17), Estudos culturais (7), Educação (7) e Antropologia Social (5). Já em nível de doutorado as teses de doutorado estão nas áreas de Geografia Humana (10), Antropologia Social (7) e Sociologia (4). Nas imagens abaixo, as palavras estão em tamanho proporcional à quantidade de trabalhos associados à ela, conforme exposto. Nível mestrado:



Figura 7 Fonte: Sistematização da Autora

E também em nível de doutorado:



Figure 8 Fonte: Sistematização elaborada pela autora.

Com isso podemos, então, considerar que nas pesquisas acadêmicas desenvolvidas na Universidade de São Paulo, apenas 3,6% das áreas do conhecimento desenvolveram pesquisas com palavras-chave “periferia” e que estas pesquisas concentraram-se, em ambos os níveis, nas

áreas da Geografia Humana (27), da Antropologia Social (13) e dos Estudos Culturais (7), que juntas reúnem 47 trabalhos — 45,6% do total de trabalhos encontrados.

A partir desses 103 trabalhos identificados, busquei no texto de seus resumos e sumários se contemplariam a reflexão ou construção do que é *periferia*.

*Afinal, se eu estivesse realizando uma pesquisa em Marte, imagino que seria relevante apresentar Marte, não?*

Dessa leitura de resumos e sumários, cheguei a 33 trabalhos identificados, o que representa 32,1% do total de trabalhos identificados. É a partir da leitura e análise destes trabalhos que retomo aqui aspectos importantes que nortearam a formulação do termo

*periferia* no âmbito acadêmico.

Antes disso, cabe comentar que apesar das pesquisas trabalharem com o tema *periferia*, tal conceituação não foi um tópico estruturante na maior parte dos trabalhos — 70 trabalhos, o que corresponde à 67,9% do total de trabalhos identificados. Nesse sentido, apesar de “periferia” ser uma palavra-chave daquelas pesquisas, os autores *não sentiram necessidade de conceituar ou contextualizar o que é ou como é periferia*. Assim como tantas outras pesquisadoras/es não acharam relevante informar que desenvolviam suas pesquisa em *periferias*. Esse aspecto me faz pensar que talvez estas/es pesquisadoras/es considerem que o termo *periferia* já está suficientemente dado na literatura, compreendido ou mesmo superado, portanto aderem ao sentido mais hegemônico de *periferia*, não sendo necessário torná-lo um tópico específico para compreensão e desenvolvimento de suas pesquisas. Esse sentido favorece a tomada de *periferia* como um objeto de pesquisa, diminuindo a possibilidade de percebermos a *periferia* como *referência*, como produtora de conhecimento, como modo de pensar e agir. E é esse sentido que rouba da periferia o reconhecimento de seus saberes.

Também é possível que o sentido de periferia que adotaram em suas pesquisas estivesse diluído no texto, o que só a leitura e análise de cada trabalho poderia apreender. Da mesma forma, pesquisas que não utilizaram o descritor “periferia” *podem ter realizado esse exercício. O que estou compartilhando aqui é como eu refleti e construí esse caminho*. Seguindo a forma de pensamento que iniciei, debrucei-me nos trabalhos que *necessariamente* situavam a reflexão ou construção do sentido de como compreendiam a periferia em suas pesquisas.

**O que as pesquisas acadêmicas falam sobre a periferia**

Do estudo das dissertações e teses associadas à área da Geografia Humana, a compreensão sobre periferia relaciona-se com o processo de industrialização, urbanização e metropolização:

“uma boa parte das pesquisas nesse campo, ao se referir aos estudos urbanos principalmente, leva em conta muito mais a abordagem acerca das áreas, regiões ou territórios de exercem uma centralidade, normalmente realçando o seu poderio econômico, tecnológico, científico, etc. É evidente que esses estudos são de profunda importância para a geografia. No entanto, alguns trabalhos que concederam ênfase demasiada à discussão das centralidades, não só deixaram de entender que os lugares periféricos são a condição de existência das centralidades, como também, e muito em função desse primeiro aspecto, deixaram de destacar a construção de um discurso geográfico que remetesse à noção de totalidade (ainda que essa apresente nuances quanto ao seu entendimento)” (CARVALHO, 2010, p. 53).

O termo *periferia* é utilizado para designar uma área sócio-espacial, geralmente distante do centro, onde vivem pessoas de baixa renda e há uma insuficiência dos recursos necessários para viver na cidade, especialmente serviços públicos. Andre Luiz de CARVALHO, ao reconstruir a ideia sobre periferia no contexto geográfico, conta que “com o passar do tempo, o termo periferia passa a ser comumente utilizado nos estudos de geografia urbana. Ele passa a ser enfatizado porque a reprodução da desigualdade no capitalismo refletiu no espaço, a partir da formação da periferia” (2010, p. 53). Esse sentido ganhou força na geografia, conforme a área desenvolvia estudos sobre o urbano. O urbano surge na geografia como uma transformação da paisagem, como o resultado do processo de industrialização, processo que ocorre de forma mundializada. A formação da periferia é uma forma singular desse processo: “A periferia da metrópole, nesse sentido, deve ser entendida enquanto resultado do aprofundamento das relações capitalistas que, por sua vez, levaram à sua crescente valorização e à condição de objeto de especulação” (CARVALHO, 2010, p. 108).

Na geografia, os estudos que primeiro trataram desse tema, deram maior ênfase aos centros formados para a industrialização. Posteriormente é que o interesse pelos processos produzidos a partir da industrialização tornam-se temas de pesquisa, surgindo assim o interesse pelo tema periferia.

Outro aspecto que auxiliou o desenvolvimento de um olhar para a periferia nas cidades, foi a compreensão de que a industrialização do Brasil se insere num contexto mundial e neste contexto a inserção do Brasil é *periférica* — expressão que também foi utilizada em diferentes áreas, como economia e sociologia, para descrever a forma como o Brasil se localizava num contexto mundial. Essa expressão indicava que o Brasil não estava no centro do poder, mas que existia de maneira acessória a ele. Este movimento e percepção em diferentes ordens de

grandeza sobre o Brasil na periferia do mundo também auxilia a reflexão sobre a periferia *nas cidades* — São Paulo e Rio de Janeiro despontam nesse processo, mas o processo, com suas devidas singularidades, repete-se em outras capitais e regiões.

Se, na ordem de grandeza mundo, o Brasil era a periferia e era acessório aos países no centro, então, na ordem de grandeza da cidade, em que os estudos até então se debruçaram no estudo dos centros, o que, então era acessório ao centro das cidades? É *também* por meio dessa reflexão que a geografia descobre a periferia como tema de pesquisa no campo dos estudos urbanos.

É importante lembrar que existe uma tradição brasileira nos estudos sobre a periferia. Ao comentar sobre esse histórico nos estudos acadêmicos sobre o processo de formação de periferização e metropolização, Milena Mateuzi CARMO, pesquisadora contemporânea sobre periferia, conta que:

“Os pesquisadores acadêmicos estiveram sempre atentos a este processo. Os primeiros estudos centravam-se em análises estruturais com forte viés marxista, buscando entender a forma como se consolidava o capitalismo nos países periféricos. Trata-se de uma literatura fortemente engajada nas pautas políticas do desenvolvimento da América Latina, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970” (2017, p. 46).

Já no trabalho de Milene Peixoto Ávila, temos uma síntese sobre o percurso dos sentidos de periferia, para além do espaço geográfico físico e análises estruturais:

“A palavra periferia, nesse sentido, deixa de ser empregada apenas como um referencial *geográfico* — para designar os bairros "mais afastados da cidade" —, ou como expressão de uma desigualdade de acesso ao solo urbano — "o lugar dos mais pobres", pois constitui uma série de representações da cidade e da própria sociedade.

A relação de oposição da periferia com o centro da cidade está presente, tanto numa definição mais geográfica quanto na abordagem antropológica. Isso porque essa oposição, muitas vezes, nos discursos dos moradores é transposta para uma forma de significação, assumindo um caráter de oposição mais geral, entendido como nós (os pobres) x eles (os ricos)” (ÁVILA, 2006, p.37).

A pesquisa de Ávila é uma das poucas pesquisas sobre periferia, fora dos centros urbanos. Sua dissertação de mestrado, intitulada “Periferia é periferia em qualquer lugar?”, observa o debate acadêmico sobre *periferia* e, percebendo as diferenças de uma *periferia* num centro urbano, e *periferia* numa cidade do interior, que ela vai caracterizar como uma *periferia interiorana* — uma noção mais aproximada com a ideia de subúrbio. Ávila então, nos explica que

“Dos estudos analisados, podemos considerar consenso que a periferia é o lugar de concentração dos mais pobres, com péssimas condições de infraestrutura e carências materiais. É também uma palavra que se define por oposição a um centro, seja este o centro da cidade, ou o centro do poder. Mas

por exemplo, a partir do momento que procuramos entender as representações que os moradores fazem de seu local de moradia, essa concepção de periferia parece ser bem mais flexível e dinâmica, suscitando, por várias razões, um exercício de relativização do significado que o termo assumiu”(ÁVILA, 2006, p. 38).

Já nos estudos de Tiaraju D’Adrea, em que investiga a formação dos sujeitos periféricos, o pesquisador aponta que:

“Os primeiros intelectuais latinoamericanos que buscaram fundamentar aquilo que seria uma espécie de *teoria da urbanização na periferia do capitalismo* o fizeram relacionando a urbanização a processos como a *dependência econômica*, o *subdesenvolvimento* e o *imperialismo*. Seguindo essa senda, os intelectuais brasileiros pioneiros em uma reflexão sobre a questão se apoiaram, mormente, na obra do francês Manuel Castells. Assim sendo, construíram uma teoria sobre o urbano na qual a produção deste era um *reflexo* da produção econômica, ou seja, não havia na obra destes autores uma teorização sobre as formas próprias assumidas pela produção capitalista especificamente por meio do ambiente urbano (2013, p.38)”.

Em sua pesquisa Tiaraju D’Andrea também reconstrói um percurso sobre o sentido de periferia, identificando que o termo primeiramente teve uma preponderância no contexto acadêmico, para só depois ser apropriado pelos moradores das periferias, disputando assim o seu sentido e conferindo-lhe, então, diferentes significados:

“(…) o termo *periferia* foi primeiramente utilizado pela academia. Com o passar do tempo e com a troca de informações entre intelectuais, movimentos sociais populares e moradores da periferia, estes passaram a montar um quadro explicativo sobre as desigualdades territoriais e urbanas que continha uma série de termos e conceituações, do qual *periferia* era apenas um deles, sendo mais ou menos utilizado. Desse modo, ressalta-se que o termo teve importância para a produção acadêmica que se dedicou aos estudos urbanos, foi utilizado em maior ou menor escala por moradores da periferia e movimentos sociais populares, e foi apropriado posteriormente por jovens da periferia que pontencializaram a utilização desse termo, já com outros sentidos e figurações (D’ANDREA, 2013, p. 44-45)”.

A tese de D’Andrea é, em minha percepção, uma das leituras contemporâneas que melhor consegue sistematizar a transição e ampliação de periferia como lugar/território, para a amplitude de um *ethos* e *fazer político* que esse modo de vida condensa. *Na verdade, é a leitura que quando encontrei devorei numa talagada só*. E depois revisitei e revisitei e revisitei... *Certamente tornei-me chata de tanto recomendar a leitura e fazer menção a ela*. É que Tiarajú é um *sujeito periférico*, expressão que ele desenvolve no seu trabalho e que falaremos daqui a pouco. A forma de pensamento, as referências, a construção de seu texto se faz a partir *desse lugar, desse modo de vida compartilhada*. É daí que vem a minha sensação de “*é isso aí que esse cara está dizendo*”.



Nesse momento, acredito serem relevantes, então, dois aspectos essenciais sobre a ampliação do sentido de *periferia* que esse autor indica:

a) A *preponderância* sobre a utilização do termo *periferia* passou a ser apropriada por meio da arte:

“De fato, a *preponderância* sobre a utilização do termo *periferia* começou a mudar de mãos quando uma série de artistas e produtores culturais oriundos de bairros populares começou a pautar publicamente como esse fenômeno geográfico/social e subjetivo deveria ser narrado e abordado” (D’Andrea, 2013, p 46)

b) A compreensão de que mais do que um lugar geográfico pobre e violento, periferia não era *só ausências*, *é um modo compartilhado*, e que as/os artistas moradores desses lugares contribuíram grandemente para a apropriação e disputa do significado desse termo:

“Nessa dinâmica histórica, o movimento artístico foi um dos que que melhor catalisou as impossibilidades da política, passando a *fazer política* por meio da atividade artística, consolidando *periferia* como um modo compartilhado de estar no mundo, um posicionamento político e um discurso ressemantizador sobre o que venha a ser periferia” (D’Andrea, 2013, p. 45).

Este segundo aspecto essencial para a compreensão do ressemantização do que é *periferia*, permitiu-me também uma percepção e interpretação da periferia como *sistema cultural*. E é aí que reside minha compreensão sobre periferia. *É um lugar/ espaço geográfico/ território?* Sim. Mas até aí, muitos *lugares* o são. *Têm violência e pobreza?* Sim, uma violência e pobreza *produzida por uma modelo de produção de vida capitalista*, não como algo inato. Portanto, nem é esse seu caráter, nem é ela própria que se produz assim. *É fruto do conflito advindo entre capital e trabalho?* Sim, mas existem diversas formas de expressão da questão social. *É afastado do centro?* Muitas vezes, sim, mas também não é o que lhe determina, uma vez que existem “periferias” *no centro*. Diversas outras questões que parecem definir periferia poderiam ser feitas, mas com limites similares.

Logo no começo de minha pesquisa, minha orientadora de mestrado, a Professora Marília Velardi, lançou-me a provocação, sobre o que era esse *periférico* com o qual eu adjetivava as coisas. Naquele período, minha pesquisa buscava investigar os *Saraus periféricos* e meu interesse era compreender de que modo as práticas artísticas realizada nesses espaços promoviam processos de mudanças sociais. Então, nesse período passei a refletir, investigar e intuir sobre o que *é* que fazia de mim *periférica*. Ao que *é* que eu me *referia quando falava periferia e não era compreendida?* O que *é* que incomoda e até mesmo *machuca tanto*, quando *periferia* é empregado em um sentido que me ofende? *É* que a periferia de que falo, *é* a periferia de onde me constituo. Constituindo-me de periferia, vejo muita coisa diferente. Periferia é

complexa. Tem sua forma de se localizar no mundo, tem suas formas de expressão, tem suas formas de regulação social. Não tem algumas coisas, é verdade. Mas tem tantas outras, que surgem como resposta — *ou não*. Cria-se um modo tão *singularizado* de existir, que, “*só quem é de lá, sabe o que acontece*”. É um modo de vida compartilhado, como apontado por Tiarajú. É um sistema cultural, como foi mais fácil para mim interpretar.

Até aqui, ancorei-me nas dissertações e teses dos programas de pós-graduação em nível *stricto sensu* da Universidade de São Paulo - USP disponibilizadas ao público. Entretanto, essa não é a única forma de sistematizar pesquisas e compartilhar seus resultados, inclusive essa abordagem encontra limites já mencionados quanto à forma de publicização dessas pesquisas. Por isso é importante ressaltar que essa tradição brasileira nos estudos sobre periferia, que despontou como questão urbana, já sistematiza pesquisas sobre o que hoje chamamos de periferia há, pelo menos, cinco décadas e contribuiu para a formação do ideário sobre periferia, até mesmo nomeando-a assim, até que os moradores da periferia passassem também a utilizar e significar o termo.

Kowarick (1979, 1985); Nabil Bondouki e Raquel Rolnik (1979); Teresa Caldeira (1984, 1986), Eunice Durham (1973), Renata Bichir e Eduardo Marques (2003) são algumas das autoras e autores que contribuem com essa tradição e aos interessados numa *arqueologia* do tema, recomendo um aprofundamento. Aqui, contudo não é meu objetivo detalhar ou recuperar essas bibliografias, pois para o sentido dessa escrita, é nas gerações mais recentes que ressoou, é de periferia como identidade e como sistema cultural que me aproprio.

Por constituir-me a partir de uma identidade periférica, é com *periféricos* pesquisadores, pesquisadoras/es que *reivindicam essa identidade*, ou que compreendem e coadunam com pesquisas sobre *periferias* para além da oposição centro-periferia/periferia como lugar de pobreza e violência, que construirei maiores diálogos. Com isso, não desconsidero a contribuição das demais pesquisas na área e compreendo que por vezes trata-se de um discurso datado, que os contextos e conjunturas explicam o sentido dos textos, entre tantas variáveis que afetam e explicam uma pesquisa. Entretanto, esta é também uma decisão ética, estética e política minha, enquanto pesquisadora que é acadêmica e *também* periférica e que a partir das subjetividades destes papéis sociais precisei singularizar e estabelecer um arranjo em que eu pudesse, em tudo o que me fosse possível, não reproduzir o *ethos* acadêmico hegemônico que assujeita a periferia, que me *desperiferiza*. *A periferia às vezes nem cabe no espaço geográfico! Como é que eu vou reduzi-la assim?*

Assim, em meu texto, opto por ressoar e dialogar com pesquisadoras/es que alargam esses estudos fazendo emergir novas perspectivas nos estudos sobre periferia — *nós por nós*<sup>6</sup>.

### **A minha Periferia - Nordestina.**

*Eu nasci em 1992 e a Rua Carmino Amódio, 05, no Jardim Mirna, no Grajaú, periferia da zona sul de São Paulo foi meu primeiro endereço. Minha rua, além de ser sem saída, era uma das ruas asfaltadas, o que a tornava a melhor rua para se brincar! É claro que a turma da rua de trás não deve concordar com isso, pois sempre estávamos competindo, mas nas minhas memórias de menina era assim que morar na Carmino Amódio parecia. Todo mundo se conhecia, toda casa tinha criança, todas elas brincavam na rua, todos os adultos zelavam pela gente enquanto conversavam nas calçadas, a gente conhecia a arquitetura, decoração e tempero de todas as casas. Claro, tinha os que ficavam mais e os que ficavam menos na rua. Os que eram mais abertos do que os outros. Tinha os considerados “má influência”. E certamente o bairro tinha suas “periculosidades”, mas nós vivíamos lá e sabíamos lidar com elas. Eu sabia que quando eu passasse pela viela que nos ligava à rua de trás, tinha que dar ou responder o “bom dia” de quem sempre ficava lá. Mas qualquer coisa para além dos cumprimentos eu poderia recusar, sabia que estava errado, fosse uma “cantada” (assédio) ou a oferta de algum favor. Assim como era uma prática cultural ir “olhar o corpo” de alguma vítima de homicídio até que o IML fosse lá retirar, o que poderia demorar mais de um dia – lembro-me de “acompanhar” alguns corpos quando eu mesma ainda era transportada em carrinho de bebê. Quando eu morava nessa rua, para mim, Minas Gerais ficava do outro lado de um morro dali de perto e eu não entendia direito o motivo de meus pais sempre falarem que moravam em Santo Amaro quando falavam com alguém de fora do bairro, sendo que Santo Amaro era bem mais longe do que (a minha) Minas Gerais. O fato de ter uma irmã quatro anos mais velha do que eu permitia que eu ficasse mais na rua do que as crianças de minha idade, desde que minha irmã cuidasse de mim, para ela isso não era tão legal. E para mim também tinham suas desvantagens, pois nas brincadeiras faziam com que eu fosse sempre a gandula ou “café-com-leite”. Por esse motivo, desde cedo eu circulava com a turma “mais velha”, mesmo não sendo pertencente a eles. Além disso, minha família era um das mais “sociáveis” da rua, o que favorecia a gente zanzar o dia inteiro na rua. Parte dessa sociabilidade da minha família incluía o fato de nossa casa ter um poço artesanal, numa época em que era constante a falta de água nos bairros de periferia. Lembro dos dias em que faltava água e isso geravam filas e filas de famílias com baldes e recipientes para pegar água em nosso poço, quando a*

<sup>6</sup> Verso da música “Nós por Nós”, de Ellen Oléria e GOG.

*água não chegava pelos canos. Eu adorava esses dias, pelo movimento das pessoas lá em casa, pela vinda de mais crianças das outras ruas, mas morria de medo de cair no poço – os adultos só falavam nisso! Outros dias de muita alegria nas minhas memórias, tão intensos quanto às festas de fim de ano era a copa do mundo e as festas juninas! Em ambas as ocasiões, a molecada mais velha, mais velha até que a geração da minha irmã, organizava a decoração da rua. Cada morador contribuía com a doação de materiais ou dinheiro nós pintávamos as calçadas, muros e portões, pendurávamos bandeirinhas, desenhávamos no asfalto... Que alegria!!! Provavelmente essa tenha sido minha primeira intervenção urbana, assim como “fazer golzinho” com os chinelos tenha sido minha primeira ocupação, como diria o Poeta Lucas D’Ogum. Os festejos da Copa eram quase tão grandes como as festas juninas, mas estas tinham a vantagem de ser anual, claro. A maioria dos vizinhos tinham vindo do nordeste, mas lembro de pelo menos duas famílias serem mineiras. De qualquer modo, quando chegava o meio do ano, acho que a saudade da terrinha aumentava nessa época e fazia com que tentassem trazê-las para mais perto da gente. Nessas ocasiões, fechávamos as vias de acesso à rua, decorávamos a rua com bandeirinhas, montávamos barracas em frente às casas e os moradores iam trazendo as delícias de sua terra para serem compartilhadas. Acendíamos fogueiras, dançávamos quadrilhas e músicas nordestinas – forró e brega com toda certeza –, a galera mais velha até que a turma da minha irmã soltava fogos e a galera mais velha que essa soltava até balão, desses que são proibidos. Eu posso ter sido a única da minha família a ter nascido em São Paulo, mas para mim, desde essa época, antes mesmo de morar de fato em Pernambuco, eu já era também nordestina.*

### **O surgimento de São Paulo**

Em 2019 a cidade de São Paulo completou 465 anos. A fundação da vila de São Paulo de Piratininga se dá com a construção do Colégio São Paulo de Piratininga e foi realizada por Jesuítas. Sua inauguração, 25 de janeiro, é a data em que se comemora a conversão do Apóstolo São Paulo e que passou a ser a data de aniversário da cidade.

Os Jesuítas pertenciam a Companhia de Jesus, uma ordem católica com a missão de espalhar a fé católica no mundo. Para isso, dedicava-se principalmente ao ensino, evangelizando crianças. Os Jesuítas chegaram ao Brasil em 1549, junto com Tomé de Souza, Governador Geral, e eram chefiados pelo Padre Manoel da Nóbrega (TOMASEVICIUS FILHO, 2004).

Na época, os Jesuítas já haviam se fixado em Salvador e a navegação para o sul do país tinha o intuito de disseminar o cristianismo para os povos originários. Concomitante a isso,

a Coroa Portuguesa outorgara capitânicas para dar conta da tarefa de descobrir os recursos que o Brasil poderia lhe prover, ante ao processo de exploração.

Assim, havia um interesse português em “entrar” no sertão brasileiro em busca, principalmente, de metais preciosas, ao mesmo tempo em que os Jesuítas queriam adentrar a costa para catequizar os povos originários. Os Jesuítas já haviam identificado uma região acima da Serra do Mar, que era um dos desafios naturais a serem superados para o trânsito que vinha do interior do estado e solicitaram à Coroa Portuguesa a autorização para a construção de um colégio destinado à catequese (TOMASEVISCIUS FILHO, 2004).

A região escolhida para erguer a Igreja que hoje dá lugar ao Pateo do Colégio, no centro histórico da cidade, à época, era um lugar estratégico, entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí. Além dos rios, sinônimo de recursos e mobilidade naquele período, o lugar era um bom pouso entre o litoral e o interior. Nesse período o litoral era um lugar extremamente relevante, por ser por onde se acessava o mar e conseqüentemente caminhos ao mundo, especialmente para escoar os produtos que a coroa Portuguesa retiraria do Brasil.

É importante lembrar que o processo de colonização de Portugal ainda era uma fase exploratória das riquezas do país. Por “exploratória”, podemos destacar o empreendimento das *bandeiras* e também da missão jesuíta - o primeiro para “desbravar”, o segundo para converter, um projeto que serviu para “amansar”/aniquilar os povos originários pela força ou pela fé. Nesse período, Portugal encontrava dificuldades em *colonizar* um lugar tão grande quanto o Brasil, por isso a estratégia das *capitânicas hereditárias* possibilitaram dividir essa tarefa entre ricos senhores portugueses e esses *emprendiam* esforços para a exploração da nova colônia.

Martim Afonso de Souza, donatário da Capitania de São Vicente, foi responsável por iniciar a ocupação da região e criar a infraestrutura necessária para a fixação de portugueses no território. Para isso, doou sesmarias, construiu fortalezas, e iniciou a plantação de cana de açúcar na capitania, construindo um engenho de beneficiamento.

“O cultivo da cana e a fabricação do açúcar foram introduzidos no Brasil no início do século XVI pelos portugueses. Por se constituir no mais importante empreendimento agrícola e comercial dos séculos XVI e XVII, a cana-de-açúcar modificou a relevância do território brasileiro para seus colonizadores. Experiências isoladas já ocorriam no Nordeste, mas foi com a implantação da Capitania de São Vicente, por seu donatário Martim Afonso de Souza, que foram criadas, a partir de 1532, as condições para as instalações e o funcionamento mais adequado dos primeiros engenhos do litoral sul do país” (USP, 2018).

Com a produção da cana de açúcar, ocupar o Brasil já se tornava rentável aos colonizadores. No entanto, outra estratégia também foi utilizada para identificar os recursos humanos e materiais que o poderia ser explorados no Brasil: as bandeiras.

O território que hoje reconhecemos como o Estado de São Paulo, foi uma região por onde atuou muitos bandeirantes. Talvez tanto quanto em outras áreas do país, porém por aqui, há uma memória que enaltece a atuação dos bandeirantes, havendo, inclusive um aspecto de orgulho e identidade com esses personagens históricos. Isso ocorre no Estado, mais adquire uma maior projeção na cidade de São Paulo, uma vez que ao longo do tempo essa narrativa bandeirante foi construída e valorizada, com uma projeção mítica, com aspectos de bravura, ousadia, liderança.

Nesse período, a escravização africana ainda não era amplamente explorada e sim a escravização dos povos originários, a quem os portugueses nomearam como índios. As bandeiras era uma estratégia para reconhecer os recursos da nova colônia e isso também significava *aprender* com os novos povos. Como esse aprendizado visava a exploração e subjugação dos povos originários, esses aprendizados dificilmente foram reconhecidos como conhecimento humano desses povos, tal qual o conhecimento produzido em Portugal.

Contudo, foi a partir desse aprendizado com os povos originários que os bandeirantes puderam seguir com seu projeto conquistador no Brasil. Digo isso para lembrar que os caminhos percorridos pelos bandeirantes, baseavam-se nos conhecimentos dos povos originários que já existiam aqui.

***A história dos povos originários continua sendo ignorada na compreensão do Brasil. Temos processos profundos de desmemória social e isso nos custa muito.***

Apesar dos bandeirantes terem se beneficiado dos conhecimentos que as diferentes etnias dos povos originários compartilharam, isso não aparece na narrativa bandeirante. Ao contrário, ainda hoje valoriza-se o percurso de cada bandeirante, como se fosse um percurso intuitivo, desafiador, *desbravador*. Certamente o era por ser algo desconhecido aos bandeirantes, mas já existiam dinâmicas de tráfego interno em toda Abya Ayala. O bandeirante precisava, antes de tudo, conhecer os povos originários, para então poder subjugá-los — exceto quando a intenção era dizimá-los, sem dominá-los.

As novas fronteiras e modificações da paisagem natural encobrem também a história dos povos originários que viveram nesta região, e ainda a de outros africanas e africanos, negras e negros em diáspora, que desde a invasão dos portugueses sofreram processos de expulsão,

desterritorialização, aculturação e genocídio. Apesar disso, um olhar menos colonialista permitiria perceber a permanência de elementos desses povos, especialmente nos nomes ainda em uso de algumas regiões.

*A cidade revela em suas ruas e bairros um fragmento de memória. Por vezes, quando investigamos, o nome é um lampejo, uma brecha, uma fresta, por onde se pode tentar acessar a memória daquele território. Jabaquara, Moema, Graúna, Guanhembú, Grajaú, Tanay, M'boi Mirim, Ibirapuera, Jaraguá, Itaquera, Guaianases, Ipiranga, Mooca, Tatuapé, Sapopemba, Butantã, Pacaembu, Pirajuçara, Itaim, Peri Peri, Aricanduva, Jurubatuba... Por vezes os nomes têm relação com a paisagem natural do lugar, e aí a gente pode imaginar como era o território. A nomeação das paisagem em língua indígena, nos indica quem foi que realmente conhecia e via o lugar. Perceber ainda hoje a presença de palavras na língua dos povos originários no cotidiano da cidade de São Paulo, também indica quem a nomeou primeiro.*

Portanto, a fundação do Colégio de São Paulo de Piratininga, foi a semente da cidade de São Paulo e pode ter ocorrido pela proximidade com o litoral, pela possibilidade de mobilidade pelos rios — lugar de passagem; pela relação com os povos originários e por ser ponto de estratégico para os bandeirantes.

Retomei aspectos do surgimento da cidade e das bandeiras para contextualizar os seguintes pontos sobre a história que se conta de São Paulo:

- Surge de forma acessória, como lugar de passagem, fluxo desses processos/informações (bandeiras, povos originários, mercadorias, jesuítas);
- Surge como lugar de apoio para quem se desloca, quem migra (bandeirantes e povos originários);
- Surge como lugar apoio para diferentes pessoas que não são oriundas daquele próprio lugar, mas que passam a viver ali (jesuítas);

Em seu surgimento, São Paulo reúne condições similares às condições que, quase quatro séculos depois, darão origem às periferias da cidade de São Paulo. Retomar este breve percurso nos auxilia a compreender alguns amálgamas que formam o ideário social da cidade de São Paulo.

### ***A formação do território de São Paulo: tomada do município de Santo Amaro e surgimento das periferias***

Quase tão antiga quanto São Paulo é Santo Amaro. Fundada em 1560, também por Jesuítas, até o ciclo do café, Santo Amaro possuía maior relevância que São Paulo e era um município independente de São Paulo. Até que em 1935 o presidente Getúlio Vargas decidiu, de forma unilateral, anexá-lo e subordiná-lo à São Paulo. Ao fazer isso, São Paulo aumentou sua extensão territorial em cerca de 530km<sup>2</sup>, passou a contar com mais um pólo industrial, duas represas, clubes de veraneio, autódromo, aeroporto, recursos naturais e principalmente recursos energéticos, que ainda não possuía de forma autônoma e herdou uma população de aproximadamente 27 mil pessoas, das quais apenas 10mil vivia na área urbana de Santo Amaro. Desde o final dos anos 20, a cidade de São Paulo já contava com seu primeiro milhão de habitantes. O desenvolvimento econômico de São Paulo no ciclo do café, baseado no uso da força de trabalho de africanas e africanos em situação de escravidão, permitiu o acúmulo das riquezas que auxiliaram o início da industrialização da cidade, ao mesmo tempo em que o capital estrangeiro também investia em infra-estrutura para poder explorar os serviços que seriam necessários ao novo modo de produção a ser desenvolvido.

A construção da Represa do Guarapiranga e da Represa Billings, inauguradas em 1909 e 1925, respectivamente, possibilitavam a geração de energia, explorada pela Cia Light and Power, de origem Inglesa e, posteriormente, a reserva de água para o abastecimento da cidade. A malha ferroviária, que já havia sido extremamente relevante para a economia do país e do estado, possibilitando o ciclo do café, também foi relevante para o transporte de pessoas. As mudanças no transporte, também favoreceram a circulação de pessoas e serviços entre as cidades. A Railway, que atuava no país desde 1867, também facilitou o trânsito de pessoas, matéria prima e mercadorias.

Em 1935, após anexar Santo Amaro, São Paulo reunia, então, tanto infraestrutura para sediar as indústrias, quanto era um lugar estratégico para escoar a produção, por meio de estradas, malha ferroviária, e fácil acesso ao Porto de Santos, ainda hoje o mais importante do país. Além disso, a cidade já recebera, além da população africana que fora trazida à força, diferentes povos, desde o período da colônia, convivendo com diferentes culturas. A cidade passa então a sediar indústrias na região central da cidade e também na região central da antiga cidade de Santo Amaro, agora zona sul do município.



Mesmo que o Censo de 1940 contasse que a população da cidade de São Paulo possuía 1.326.261 habitantes, a força de trabalho necessária para a construção tanto da cidade, como para seu funcionamento, eram insuficientes. O desenvolvimento industrial atraiu milhares de pessoas, especialmente as que encontravam dificuldades de subsistências em suas cidades de origem. O nordeste do país, por exemplo, havia enfrentado séculos de exploração de suas riquezas e ocupação, sem receber o investimento necessário para que seguisse sendo rico. O fim do ciclo do açúcar e a *produção* da seca e do semiárido, deixaram a região com grandes desafios, forçando sua população e migrar para viver.

São Paulo e Região passaram, então, a atrair a população brasileira para trabalhar nos postos sem os quais São Paulo não teria ascendido e se consolidado como potência econômica. Apesar do capitalista ter investido na infraestrutura para seus pólos de produção, não houve investimentos na infraestrutura da cidade para acomodar a população que chegava, tampouco a que por aqui já se estabelecia.

Nos anos 20, a população migrante que chegava, encontrava muitos postos de trabalhos, mas encontrava também um alto custo de manutenção de sua própria subsistência, já que o custo de moradia consumia parcela importante da renda recebida. As possibilidades de moradias, eram por meio de pagamento de aluguéis aos proprietários de imóveis mais antigos na cidade. Os imóveis, casarões que antigamente abrigavam uma única família ou diferentes gerações de um grupo familiar, eram rededicados à moradias coletivas, plurifamiliares, *cortiços*. Mesmo nesse arranjo, a grande procura por quartos, mantinha o custo da moradia alto (LARA, 2012).

É nesse período que a favela e a construção do que conhecemos como periferia se tornam estratégias de moradia, reivindicando também melhores condições de trabalho. A periferia surge como o lugar dos pobres na cidade, o bairro que abriga a classe trabalhadora. Até mesmo os capitalistas chegaram a incentivar que trabalhadores adquirissem ou construíssem sua casa própria, o que diminuiria o custo de vida da composição orgânica necessária ao modo de produção capitalista.

Com esses novos desafios, as/os trabalhadoras/es que chegam em São Paulo, começam a construir suas próprias moradias. Neste período a venda de terrenos, os loteamentos, é muito frequente e ocorre também por meio de grileiros, pessoas que não eram proprietárias dos terrenos que vendiam, mas loteavam áreas não tão habitadas nos arredores da região central da cidade e vendia-os. Além dos loteamentos, também ocorre a construção em terrenos sem

intermediários, por ocupação, também em áreas afastadas das regiões centralizadas da cidade, alargando e urbanizando a cidade. Com isso, os novos bairros vão sendo construídos conforme a necessidade e a possibilidade de seus moradores. São realmente construídas por seus próprios moradores, que, durante a semana trabalham nas indústrias e aos fins de semana reúnem-se em mutirões e se auxiliam na construção de suas moradias (KAECKE, 2012). É comum que aos finais de semana, por exemplo, “um pai de família” vá “encher uma laje”. Quando possível, como retribuição, a família que recebeu a força de trabalho dos vizinhos, organizava uma refeição em agradecimento.

Com o processo de industrialização, a paisagem foi modificada e o espaço geográfico urbano passou a existir e também a sintetizar a questão social e materializar maiores contextos de desigualdades sociais e pobreza que a modernização do modo de produção de vida social gerava. A população que passa a viver na cidade de São Paulo também se reorganiza, sendo que as populações negras e/ou pobres são empurradas para áreas mais distantes — mesmo as que *já habitavam* ali antes dessa nova fase da industrialização e o argumento higienista é um dos fundamentos para essa expulsão. A atração que a cidade passa a ter faz com que populações de outros estados continuem migrando para a tal cidade *próspera* e estes já chegam ocupando territórios mais distantes da região central, fazendo parte do *crescimento na lógica do capital*<sup>7</sup>.

De fato, com a chegada de mais trabalhadores vindo de outras regiões do país, especialmente nordeste e norte, a cidade passa a contar com a força de trabalho necessária para consagrá-la no cenário econômico, político, social e cultural. Embalada pelo mítico bandeirante, a cidade realmente *acredita* que se tornou grandiosa com seu próprio esforço. É o arquétipo da *meritocracia*. Seu lema, em latim, “NON DVCOR, DVCOR” diz que “Não é conduzida, conduz”. Entretanto, apesar do mítica Bandeirante, foi a escravização africana e dos povos originários e a extração da mais valia dos nordestinos que enriqueceram a cidade.

Portanto, podemos entender que, diferente do discurso dominante de que São Paulo carrega o Brasil, nota-se que foi o Brasil — e em alguns momentos o Mundo — quem precisou *carregar* São Paulo.

Retomei a atual formação de São Paulo por três motivos:

---

<sup>7</sup> Na literatura sobre esse assunto, faz-se menção a *um crescimento desordenado*, no entanto, essa nomenclatura me incomoda. Da forma como aparece a expressão, interpreta-se que a população é desorganizada, desordenada, e há um certo moralismo na forma como se referem a esse crescimento, transfere-se a desordem para as/os sujeitas/os, quando, na realidade, o crescimento ocorre desta forma, em resposta a celeridade e indução do capital, cresce em resposta à sua lógica. Portanto, aqui refiro-me a *crescimento na lógica do capital*.

- Periferia é um fenômeno urbano e, portanto, é importante compreender como a cidade urbana se formou;
- As periferias surgem imbricadas ao processo de industrialização, por isso entender em que momento a cidade se industrializa é parte da compreensão desse surgimento;
- A periferia em que eu mesma surgi, Grajaú, localiza-se na região sul da cidade, e até 1935 era um distrito de Santo Amaro — hoje ambos são distritos de São Paulo. Investigar sua história e surgimento é mergulhar nesta trama histórica e desvelar as camadas que lhe sustentam.

### **A ocupação do território Grajaú, na periferia de São Paulo.**

*Quem dera eu pudesse contar a história de como a vida humana brotou nesse lugar,  
na fertilidade dessa zona sul. Grajaú. Carajás.  
E como o nome desse rio, que fica lá no nordeste, em Maranhão, veio ser nome de terra aqui na sul.  
Como é que ocorreu essa transposição?  
Se até os Carajás estavam mais ali para cima, como é que veio batizar um chão aqui embaixo?  
Fizeram um furo lá no nordeste, o povo, a vida, então, escoou para cá.  
Irrigaram São Paulo com suas vidas, como irrigariam seu solo.  
No Grajaú nasceu um novo rio. de gente.  
Assim como o rio em Maranhão, o Grajaú daqui é quem fertiliza,  
irriga e transporta essa cidade.  
No final das contas, não é “São Paulo que leva o Brasil nas costas”  
É o Brasil que foi sacrificado para fazer surgir São Paulo.  
É Carajás, é Grajaú.  
É ali a nascente da riqueza da cidade.  
(SILVA, B. B., 2019)*

*É, zona sul é um universo, filho, tá pagando de louco?  
(Grajaux, Criolo Doido)<sup>8</sup>*

Eu queria contar como os moradores criaram Grajaú. Como criaram e o recriam. Como se criaram e se recriam. Mas não se encontra essa história *por aí*. Uma angústia me consume por conta disso. Sei que essa é uma história viva, em construção. E que para encontrar o lastro histórico da região do Grajaú, não se deve partir da compreensão de que ela fica em São Paulo e sim em Santo Amaro. Mesmo assim, descobre-se que quando era *de Santo Amaro*, Grajaú era rural, chácaras, *mato*. Além disso, a região do Grajaú é banhada pela represa Billings, cuja a obra para o arresamento alagou algumas áreas de Santo Amaro. Santo Amaro possuía alguns povoados, e alguns deles localizavam-se no Grajaú.

<sup>8</sup> Verso de “Grajaux”, música do rapper Criolo. Na época em que foi lançada, Criolo ainda usava o nome Criolo Doido.

Pesquisar a história de Grajaú é investigar Santo Amaro, mas o Grajaú de Santo Amaro é muito diferente do Grajaú de São Paulo. A mudança está diretamente relacionada ao processo de industrialização e o crescimento da cidade na lógica do capital, então entender Grajaú é entender a formação de São Paulo. É provável que isso também ocorra em outras áreas da cidade, aqui específico Grajaú por ser o meu interesse, não por sua unicidade

Então o que eu queria, demandaria uma outra pesquisa longa para desvelar alguns processos históricos desse lugar. Mesmo sabendo disso, a tal angustia não se desfez. Apesar de não me lançar nessa pesquisa, articulei alguns aspectos que contribuirão para nos aproximarmos dessa história. Para isso, além da minha aprendizagem no lugar, trouxe algumas memórias de meu Pai, como cantaria GOG, “um grande pai!”<sup>9</sup>.

Durante a escrita desses cadernos, recorri algumas vezes às memórias de meu Pai e também a minha Mãe para entender a cidade. Por meio de conversas durante momentos da vida cotidiana eu conversava com eles, tomava notas e até mesmo gravava o áudio de nossas conversas. Com meu pai, que gosta de ser chamado de SB, maior entusiasta nessa empreitada, eu contava também informações que eu havia obtido durante a pesquisa. Quando, por exemplo, contei-lhe sobre a tomada de Santo Amaro, a mudança do curso do Rio Pinheiros e as construções das Represas Billings e Guarapiranga, ele ficou tão surpreso com as mudanças na cidade que, em tom de graça, começou a ironizar os fatos “*pronto, Brenda, daqui a pouco você vai me dizer que a gente não existe*”.

Depois que minha mãe descobriu estar grávida, meu pai decidiu que viria embora para São Paulo, pois considerava que em sua terra, Camaragibe – PE, minha irmã, Dani, — e posteriormente eu — “não teria futuro”. Nesse período era comum que uma pessoa que viesse para São Paulo, auxiliasse que outros familiares também viessem, servindo de apoio para o novo cidadão paulistano. Na família de meus pais, ninguém ainda havia vindo para São Paulo. No entanto, um amigo de infância de meu Pai, Maurílio, já havia vindo para São Paulo e eles mantinham contato por meio de cartas. Quando meu pai contou ao Maurílio sobre seus planos de mudar para São Paulo, este não exitou em servir de apoio para a vinda de meu pai. Assim, quando chegou em São Paulo meu pai logo se fixou no Grajaú, onde Maurílio já residia. No Grajaú, ele foi rmorar no Jardim Três Corações, em uma casa em que a proprietária, Dona Nena, também nordestina, organizava quartos compartilhados e de aluguéis para trabalhadores, uma

---

<sup>9</sup> Spoken Word ao final da canção “Quando o pai se vai” do rapper Genival Oliveira Gonçalves, GOG.

espécie de pensão. Numa conversa em que perguntei como foi a vinda para São Paulo, meu Pai contou um pouco como foi a questão da moradia. Disse

*Eu morava na Nena, sabe onde é a Nena, né? Lá, eram um quarto, não, eram dois quartos, isso, dois cômodos. E tinha ainda mais dois peão. Era Maurilio, Manuel e Nildo. Então três. Ai chegou eu e fez quatro, olha a crueldade. A gente se arrumou por lá. Conforme a gente ia se arrumando, foi saindo todo mundo. Saiu Nildo, Manuel. Com tempo Maurílio voltou para Pernambuco e ai ficou só eu na casa. Depois que eu entrei na firma, com um ano, nas férias eu voltei pra buscar tua mãe.*

Quando perguntei como foi quando ele viu minha irmã pela primeira vez, seu rosto não disfarçava o frescor da memória. Com um riso no olhar, mergulhou em suas memórias e sucintamente respondeu: *Aquela cena eu não esqueço. Perninha, barrugadinha. Peguei no colo, abençoei. Quando chegou aqui Dani virou uma princesa rapidinho.*

A recordação fez com que meu Pai, SB, falasse de outros momentos cotidianos contemporâneos que trazem outras importantes pessoas da região. Ele contou que depois que voltou de Pernambuco com minha Mãe, Helena, e minha irmã, mudaram-se da casa da Nena, para uma outra habitação no mesmo bairro, Jardim Três Corações. E foi a partir desse mudança que ele e minha irmã conheceram o Seu João. Contou

*Fomos morar perto do Fuvão<sup>10</sup>. Fizemos amizade com ele. Como é as coisas, né? Eu chegava do trabalho, da Empax e Seu João vinha da Pirelli, e a gente começava a conversar. Eu trabalhava de manhã e ele também trabalhava de manhã. Ai a tarde a gente começava conversar ali na frente, ele tomava a pinguinha dele, eu ficava um pouco com a Dani. Aí fizemos amizade. Ai ele pegava a Dani, levava para dentro de casa, para mostrar a Dani para as meninas<sup>11</sup>, as meninas pegavam a Dani e ficavam “ai que menina linda” pra lá e pra cá... Ai chamamos ele e a Dona Vilma para batizarem a Dani.*

Seu João e Dona Vilma chegaram ao Jardim Três Corações, no Grajaú, nos anos 70. Vindos de Santa Catarina, fixaram-se no bairro, fazendo parte das memórias de diversas gerações daquele lugar. Pais de oito filhos, sempre tinham a casa aberta para novas pessoas. Dona Vilma, extremamente acolhedora com todas as pessoas, a quem aconselhava, amadrinhava, ensinavam.... Dona Vilma em especial, apesar de ser a madrinha de batismo de

<sup>10</sup> *Fuvão é como minha irmã pronunciava “João”*

<sup>11</sup> Na época adolescentes e jovens, “as meninas” era as filhas e filhos de Seu João e Dona Vilma. Ao total eram oito filhos, sendo quatro mulheres e quatro homens.

minha irmã é também a *minha* madrinha. Seu João já é falecido e Dona Vilma, que eu considero minha vó, possui uma mente fragilizada, com episódios de esquecimento e delírios, em razão de uma demência senil.

Dona Vilma tinha por cultura compartilhar o que tinha, fosse um alimento, fosse um ensinamento. E seus ensinamentos alimentam-me até hoje. Ela quem primeiro me disse que “conhecimento não ocupa espaço”. Com oito filhos em casa, adolescentes e jovens adultos, Dona Vilma criava formas de economizar nas despesas domésticas. Por isso fazia sabão caseiro, costurava roupas de cama e mesa com retalhos de tecido, reaproveitava o que pudesse imaginar, costurava em casa, e, principalmente, fazia pão caseiro e também *capuccino*. Mas fazia isso não apenas para economizar. Fazia também por ser criativa. Pintava, bordava, criava. Tinha nas dependências de sua casa uma “casa da máquina”, cômodo em que ficava não apenas a máquina de costura, mas os materiais com o qual ela criava suas artes. Depois que voltou a estudar, na modalidade supletivo, fortaleceu seu vínculo com a escola e por alguns anos dava oficina de artesanato também na escola.

Eu fico imaginando se existe alguém que nos anos 90, sendo morador daquela vizinhança, que não tenha comido o pão caseiro com capuccino da minha madrinha. Lembro que mesmo nos anos 2010, uma geração adolescente, embora com bem menos vínculos comunitários como nos anos 90, ainda conhecia o café da tarde da Madrina. Nessa época, lembro de alguns jovens terem feito uma letra de funk homenageando o cappuccino e o café da Dona Vilma. E já vi adultos, considerados “bem sucedidos financeiramente”, indo agradecer à família da Dona Vilma por na infância ela ter partilhado o pão e o cappuccino, pois muitas vezes aquele café da tarde foi o que calava a fome que estavam passando. Recordar Dona Vilma e seu João, fez com que SB também recordasse de outro casal de cumpadres e de outro momento, agora nos anos 90.

Nos anos 90, meus pais conseguiram comprar um imóvel, no Jardim Myrna, também no Grajaú. Nessas memórias ouvi a história contada por minha Mãe e a história contada por meu Pai, separadamente. Primeiro ouvi minha Mãe que revelou grande astúcia para provocar a tomada de decisão de meu pai. Enquanto que ao ouvir a história de meu Pai, ainda hoje ele não percebe o protagonismo de minha Mãe, “coincidências” construídas por ela, para que ele realizasse a transação. É claro que isso gerou alguns risos em família, mas também revelou uma característica importante do lugar social que minha mãe ocupava também no âmbito doméstico.

Antes de mudarem para a casa própria, na Rua Carmino Amódio, minha família havia residido na tal *Rua de trás*. E apesar da competitividade entre as ruas, a verdade é que os vínculos comunitários não eram afetados pela rivalidade. Meu Pai fez questão de lembrar de Seu Geraldo e Dona Aurora, esses sim meus padrinhos de batismo. Seu Geraldo já é falecido, morreu ainda nos anos 90.

*Quando a gente chegou para morar ali no Myrna, a gente ia muito à igreja, né? Fazia a novena, né? Fazia lá em casa... Ai a gente começou a se conhecer, conhecer Dona Aurora e seu Geraldo à fundo. E seu Geraldo tem, acho que se fosse contar, Dona Aurora e Seu Geraldo, se for contar, tem muito afilhado, de 20, 25 para lá. Para você ter ideia, que seu Geraldo era uma pessoa tão boa que quando ela tava numa firma, ele era metalurgico, né? Ai mandaram ele embora e todo mundo ficou triste e desaminado, queriam sair também, se mobilizaram, um negocio assim.... Sei que a firma teve que contratar Seu Geraldo de volta. Ele acabou aposentando e morreu ainda trabalhando nessa firma. Muita gente boa Seu Geraldo!*

Apesar de não ter se engajado em organizações da classe trabalhadora, SB lembra que eram tempos em que trabalhadores se mobilizavam. Hoje vivemos com a pressão de “meu filho se você não quiser, tem 1 milhão de trabalhadores desempregados”.

Quando chegou em São Paulo, meu pai não teve dificuldades em arrumar emprego. Apesar de ser o final dos anos 80, período em que as indústrias já iniciavam sua mudança para o interior do estado de São Paulo e o setor de serviços anunciava sua hegemonia na cidade. Meu Pai conta que, apesar de muitas vagas de trabalho, ele adotou algumas estratégias para encontrar vagas melhores. Sabendo que haviam muitas indústrias na região de Santo Amaro, por exemplo, ele não procurava vaga nas indústrias que ficavam nas vias mais movimentadas. Não que não houvessem vagas, mas ele imaginava que elas eram mais concorridas. Por isso, caminhava até ruas “mais escondidas”. Mesmo depois que havia encontrado um primeiro emprego aqui em São Paulo, na região do Jabaquara, ele continuava procurando outras vagas, com melhores condições de trabalho e direitos trabalhistas. Ele aproveitava o tempo antes do início de seu turno para ir à Santo Amaro garimpar vagas “mais escondidas” e de lá seguia para Jabaquara.

Na memória de meu Pai, no final dos anos 80, o Grajaú já era mais ou menos como é hoje — já existia a Belmira Marin, já tinha o BNH, já tinha o terminal Grajaú, já tinha o trem, o transporte já era ruim.... Ouvindo e recordando das histórias sobre o Grajaú, também encontro

informações de que *as grandes lutas*<sup>12</sup>, dos moradores foram, principalmente, nos 70, por isso, apesar do Grajaú estar sempre mudando, entendo a afirmação de meu Pai.

“Assim, a periferia foi e continua sendo produzida a partir do avanço da acumulação de riquezas na metrópole sustentada pela ação do Estado — seja a partir de sua omissão no que se refere à promoção de direitos e à proteção da população pobre, seja por protagonizar ações violentas no sentido de reprimir, normatizar e controlar esta população. No entanto ela também não deixa de ser produzida pelos sujeitos que a constituem, os quais, a partir da experiência da opressão e da agência no cotidiano, produzem identidades e lutas sociais” (CARMO, 2017, p. 57)

### **As influências culturais no território periférico do Grajaú, em São Paulo e a atuação de sujeitas/os periféricas/os**

*Verso mínimo, lírico de um universo onírico  
Cada maloqueiro tem um saber empírico  
(Esquiva da Esgrima - Criolo)*

Como jovem nascida e crescida no distrito do Grajaú, eu cresci num contexto que recebia contribuições de diferentes culturas e linguagens artísticas. Como muitas outras/os moradores da periferia, minha família é oriundo do nordeste, mas especificamente de São Lourenço da Mata e Camaragibe, em Pernambuco. A história que se conta na família e que muitas vezes eu tive que perguntar, investigar e *curiar*<sup>13</sup> com os mais velhos, contam também a história de Pernambuco/Brasil: Avós de descendência indígena, holandesa, sertaneja e africana. E a linearidade genealógica não volta muitas gerações, pois a história foi suprimida, especialmente a indígena e negra.

Assim, as populações que migram para São Paulo, trazem suas culturas e histórias conhecidas. Trazem-na tão presentificadas que as *reconstroem* no novo território — daí, desde a infância, minha apreensão de que eu era *nordestina*, mesmo tendo nascido e vivido a maior parte de minha vida em São Paulo. A vizinhança em que eu cresci reconstruía os *nordestes* no modo de estar em São Paulo. Então, eu cresci imersa em linguagens como o RAP, Samba,

---

<sup>12</sup> Ouvindo-se as memórias do bairro, percebe-se que entre os anos 60 e 70 a organização dos moradores foram mais intensas na luta por melhor condições de vida. Os movimentos dessa época, revelam que a população reivindica melhorias na educação, saúde e transporte público. Eram as Mães Crecheiras e Clubes de Mães reivindicando creches e escolas, as associações de bairro organizando-se em torno de melhorias no bairro, especialmente transporte público, o Movimento Custo de Vida, os sindicatos, as Comunidades Eclesiais de Base, entre outros.

<sup>13</sup> *Curiar* significa investigar, ter curiosidade. Sempre ouvi esse termo em sentido negativo, em tom de repreensão “o que você está *curiando* ai, menina?”.



Forró, Funk, Teatro, repente e Circo. Dessas aquela com a qual mais me identifico é o RAP e a cultura Hip Hop. Além disso, cresci nos ritos e tradições de matrizes culturais nordestinas.

Como essas culturas *já foram* formadas por culturas que haviam vivenciado o êxodo e diáspora, elas também já haviam resistido à processos de migração, sincretismo, amalgamento, etc. A cultura indígena e a cultura africana inclusive possuem uma cosmovisão construída por meio de outra forma de ser, estar, compreender e se organizar no mundo, e, com a subjugação desses povos, por uma estratégia de dominação, essas cosmovisões foram desconfiguradas pela cultura europeia do período colonial, como estratégia de dominação. Ainda assim, muitos elementos característicos dessas culturas ainda se expressam nas novas formas e práticas culturais das periferias. Dentre elas destaco aqui aquelas características que parecem se repetir em algumas práticas culturais contemporâneas: a oralidade — assunto do próximo capítulo.

Para D’Andrea (2013), sujeito periférico é aquele que reúne três elementos: se reconhece como periférico, tem orgulho desta condição e age politicamente a partir desta condição. Com a atuação de sujeitos periféricos, “periferia” deixou de ser conhecida apenas por violência e pobreza e passou a significar também cultura e potência. Assim, espaços como saraus, slams de poesia e batalhas de rimas - práticas culturais periféricas mediadas pela oralidade (SILVA, 2018) - emergem gerações que se organizam e atuam politicamente, tanto para ter acesso à fruição artística e direito à cultura, como para enfrentar as expressões da questão social que o território periferia sintetiza.

A popularização destas práticas culturais têm possibilitado a ressignificação do território periferia, reivindicando uma forma contra-hegemônica específica de se organizar e intervir na sociedade e ampliando a experiência urbana de morar na periferia para uma experiência de pertencimento a um sistema cultural (GEERTZ, 1997) singular, periférico.

### ***A Periferia como Sistema Cultural***

*Nem todo mundo que tá, e  
Nem todo mundo é, tá.  
(Bang - Emicida)*

*Eles não podem me enxergar,  
quem dirá entender (A cada vendo – Emicida)*

O que me incomoda quando falam em periferia, é tomá-la como algo estanque, *matando* a dialética com que ela se realiza. Por isso, tenho dado ênfase para a percepção de periferia como sistema cultural. Se tomarmos por referência o conceito de Milton Santos para território ou mesmo para periferia, entendo que não estamos falando de coisas diferentes,

contrapondo significados. Território, *é mesmo* algo para além de um chão e na perspectiva Miltoniana, *já* caberia a compreensão de periferia como sistema cultural. Contudo, o *lugar* periférico, por ser periférico é estigmatizado e a depender de quem articula essas categorias, reproduz-se esses estigmas. Nem sempre a/o pesquisadora/or percebe como contribui para a reprodução desses estigmas. Fato é que, no contexto acadêmico, tanto nas pesquisas, como vimos, quanto na minha vivência no ensino superior, periferia é tomado como “objeto”, como “público alvo”, mas raramente como referência, como uma inteligência, uma faculdade. E é neste ponto que o significado hegemônico de periferia confronta não apenas o significado que atribuo a periferia, mas também a minha existência. O ar fica rarefeito. Isso é prejudicial por negar minha existência — e não apenas a minha — e isso já seria motivo suficiente para analisarmos a questão. Entretanto, ao reduzirmos a compreensão de periferia, erramos na compreensão do funcionamento da sociedade. E, nos casos em que o que nos motiva a desvelar tal funcionamento é a sua transformação, o equívoco na compreensão é ainda mais grosseiro, pois mobilizarão ações que não farão sentido na realidade — *e logo tornarão a estigmatizar e culpabilizar a periferia pela ineficiência das ações...*

Assim, o que aqui chamo de periferia é, na verdade, um sistema cultural, não um território. Ao mesmo tempo *em que sei* que território não se refere unicamente à chão e, na perspectiva Miltoniana, também deve singularizar a cultura de cada lugar. A necessidade de especificar algumas particularidades desse processo surgiu da necessidade de defender uma compreensão, na minha leitura, mais séria sobre as periferias urbanas.

A compreensão de periferia *também* como um sistema cultural, em minha percepção, não deveria ser uma novidade. De fato, como vimos, já há uma longa produção de estudos sobre as periferias e, de certo modo, esses estudos não negam a dimensão das relações culturais estabelecidas na sociabilidade que ocorre nas periferias — apenas não as desenvolvem como parte importante para a interpretação das relações simbólicas que ali se singularizam.

Durante minha pesquisa, muitas vezes indicaram-me que o escopo dos Estudos Culturais talvez fossem mais adequados para meu processo de pesquisa. No entanto, inicialmente a análise cultural não era o objetivo de meus estudos — os processos de mudanças sociais mediados pela arte era o que me convidava à investigação. A análise cultural só passou a ter grande relevância em meu processo de pesquisa quando minha forma de ação e forma de pensamento — metodologia — passou a conflitar com o modelo hegemônico de produção de conhecimento na universidade.

Nesse modelo, a compreensão sobre o lugar periferia é mitigado pela reprodução dos estigmas em torno da periferia. Como *sujeita periférica* para poder intercambiar os sentidos em que eu empregava o termo periferia e o sentido hegemônico desse termo, precisei tanto reivindicá-lo como matriz de sociabilidade e conhecimento, como sistema cultural, quanto considerar meu pertencimento a ele.

Esse pertencimento é o que permite-me uma compreensão dos códigos e processos simbólicos que, talvez por não possuí-los, outras/os pesquisadoras/es reduzam o fenômeno periferia, reduzindo, inclusive, a própria compreensão de suas pesquisas. Assim, para que, minimamente, fosse possível a compreensão do sentido da minha pesquisa, passei a sistematizar alguns processos que compreendo como parte desse sistema cultural periférico, que é o percurso que apresentei até aqui. Antes de, finalmente, chegarmos a algumas práticas artísticas desse sistema cultural, quero ainda formalmente indicar as referências que permitiram-me entender periferia como sistema cultural.

Os primeiros *insights* vieram ainda nos processos de orientação, com a Profa. Marília Velardi, que sempre estimulou que eu refletisse que era esse “*periférico*” com o qual eu adjetivava as coisas. Assim, quando deparei-me com o texto “A arte como sistema cultural” de Clifford Geertz (1997), compreendi que essa adjetivação era a minha estratégia para nomear o sistema cultural a que eu me referia. Nessa leitura percebi uma proximidade com o que Geertz argumentava em torno da arte e o que eu advogava em torno de periferia. Guardada as diferenças nas intenções e métodos de minha pesquisa e do que Geertz enquanto antropólogo refletia, passei a articular periferia como sistema cultural, tomando-lhe emprestado o termo, sem maiores compromissos teóricos (desculpem-me o *utilitarismo*), como forma de expressar e tornar visível a imensidão a se compreender em periferia e que insistem em reduzir a lugar distante do centro, violento e pobre.

Em “A arte como sistema cultural”, Geertz indica que a arte expressa um sistema cultural. Sua elaboração chama a atenção para o equívoco que alguns estudiosos cometem ao analisarem artes não-ocidentais, quando, na verdade, eles próprios não são capazes de interpretá-las, por não compreenderem o sistema cultural em que elas se inserem.

“É a incapacidade de compreender essa variedade que leva muitos dos estudiosos da arte não-ocidental, principalmente daquela a que chamamos de “arte primitiva”, a expressar um tipo de comentário que ouvimos com frequência: que os povos dessas culturas não falam, ou pouco falam, sobre arte. O que esses comentários, na verdade, querem dizer, é que, a não ser de forma lacônica, ou crítica, como se tivessem muito pouca esperança de serem compreendidos, os povos que esses estudiosos observam não falam de arte

como eles, estudiosos, falam, ou como gostariam que os objetos de seus estudos falassem, em termos de propriedades formais, de seu conteúdo simbólico, de seus valores afetivos, e de seus elementos estilísticos” (GEERTZ, 1997, p. 146-147).

Geertz passa a desenvolver seu pensamento de modo a caracterizar que a arte é expressão de uma determinada cultura e a relação de uma com a outra:

“A capacidade de uma pintura fazer sentido (ou de poemas, melodias, edifícios, vasos, peças teatrais, ou estátuas), que varia de uma povo para outro, bem assim como de um indivíduo para outro, é, como todas as outras capacidades plenamente humanas, um produto da experiência coletiva que vai bem mais além dessa própria experiência. O mesmo se aplica à capacidade ainda mais rara de criar sensibilidade onde não existia. A participação no sistema particular que chamamos de arte só se torna possível através da participação no sistema geral de formas simbólicas que chamamos de cultura, pois o primeiro sistema nada mais é que um setor do segundo. Um teoria da arte, portanto, é, ao mesmo tempo, uma teoria da cultura e não um empreendimento autônomo” (GEERTZ, 1997, p. 165).

Como eu disse, inicialmente minha pesquisa referia-se à arte, logo foi *fácil* compreender que o “*periférico*” com o qual eu adjetivava as coisas, era o sistema cultural ao qual aquelas artes pertenciam. Mesmo quando o contexto da pesquisa já não era mais a arte, afirmar a periferia também como um sistema cultural ainda era relevante para compreensão da pesquisa e da pesquisadora — “A unidade da forma e do conteúdo é, onde quer que ocorra, e seja em que grau ocorra, um feito cultural e não uma tautologia filosófica” (GEERTZ, 1971, p. 154).

As reflexões de Geertz já seriam suficientes para a ênfase que passo a empregar à análise cultural das periferias, entretanto a elaboração de Milton Santos (2002) em “A força do lugar” reafirma a compreensão da lógica geográfica da cultura como parte da *força do lugar*, característica que é sintetizada pelas/os sujeitas/os periféricas e que é negligenciada na produção acadêmica hegemônica sobre periferias.

Portanto, a defesa aqui é pela compreensão de periferia *também* como sistema cultural<sup>14</sup>, pois não se nega, tampouco se conhece tudo, o que os estudos sobre periferias já sistematizaram. A questão maior é o significado do que foi sistematizado. Como sistema cultural, periferia exige

---

<sup>14</sup> Após a entrega da dissertação passei a refletir que sistema cultural foi um *insight*, mas isso ainda não dava conta de expressar o que estou observando. A ideia de uma “sistema” também encerra periferia dentro de uma lógica fechada e não dá conta do movimento de que falo. Durante a defesa pública da dissertação Tiaraju, membro da banca, também me inquiriu sobre isso. Ao apontar o que mencionei acima, ele reafirmou a ideia de compreender sujeito periférico como categoria e, a partir desse trato teórico, entender periférica como relação social, reafirmando-a como modo de vida. Apesar de minha concordância, eu já havia metido *sistema cultural* em tudo. Entretanto, acredito que a forma como apresento o *insight* que tive a partir de sistema cultural, explica seu uso. Sempre vou retornar à sistema cultural para explicar o movimento de meu pensamento ao pesquisar periferia, mas apenas como lugar de passagem, não de chegada, dado os limites que o próprio termo coloca.

a compreensão não apenas da materialidade com a qual se forma, mas os significados simbólicos que ela articula, exige o reconhecimento da complexidade peculiar que ela emana.

***poéticas periféricas –***

***a força dos lugares de fala, voz e escuta.***

*“Vêdo disso aqui na net? É claro que não tem meu aval  
Porque computador não capta a emoção espiritual  
Isso pra mim é um ritual(...)”  
(Espírito Independente – MC Marechal<sup>15</sup>).*

---

<sup>15</sup> Verso da música “Espírito Independente” do rapper MC Marechal.

*poéticas periféricas* –  
**a força dos lugares de fala, voz e escuta.**

### Convites e negociações

Seja muito bem vinda/o! Neste caderno, vamos falar da força da voz e da escuta, aqui materializadas nas expressões poéticas da periferia mediadas pela oralidade. E o que é isso? Como vimos, o sistema cultural da periferia é bem amplo e guarda particularidades e singularidades importantes. Algumas poéticas periféricas me afetam demasiadamente: o grafite, a pixação, o rap, a poesia, a dramaturgia, literatura, produção cultural, as batalhas de rimas, os saraus... Apesar de possuírem uma intertextualidade, são diferentes linguagens que recebem uma grande carga de referências e influências. O *corpo urbano* no contexto capitalista condensa celeridade, *mixagem*, sobreposição, contradição, tensão, tudo-ao-mesmo-tempo-agora.

Não acredito ser possível *iniciar* alguém a isso apenas por meio de um texto (ou, se for possível, eu ainda não desenvolvi essa habilidade na escrita). Mas acredito que é possível realizarmos algumas aproximações e que apresentar àquelas que guardam maiores conexões com as reflexões propostas, podem facilitar esse exercício. Por isso, dedico-me a te apresentar três práticas de expressões poéticas periféricas: Saraus, Batalhas de rimas e Slams. Em minha percepção, por meio da oralidade essas práticas interferem na configuração do espaço urbano da cidade de São Paulo, na produção de subjetividades, nos processos de tomada de consciência de si na sociedade, além de reivindicar o acesso à memórias ancestrais, que *historicizam* sujeita/os que foram destituídos de sua história.

A Playlist sugerida no início desta dissertação, também é um recurso importante para desenvolver outra experiência sobre o que aqui desenvolvo. Contudo, como veremos nesse capítulo, as expressões poéticas que abordarei, são eventos de presentificação - a experiência de estar lá não é possível de ser reproduzida. Você precisa *estar, é preciso sua presença. Só quem é de lá, sabe o que acontece.*

Se você nunca esteve em um desses encontros, sugiro fortemente que você vá. Para facilitar que isso aconteça, organizei uma lista com informações de onde ocorrem alguns saraus e slams na Região Metropolitana de São Paulo, Vale do Ribeira e Baixada Santista<sup>16</sup> que você pode acessar nesse link permanente: <http://bit.ly/SlamsSaraus>. Já as batalhas de rimas, também compartilho o Mapa desenvolvido durante o curso “Jornalismo, Cartografia e Direitos Humanos” realizado no Sesc Pinheiros em parceria com o coletivo de comunicação Periferia

---

<sup>16</sup> Essas regiões são as regiões em que eu trânsito, é meu mapeamento pessoal de Saraus e Slams.

em Movimento, que ainda está atualizado. Você pode acessá-la nesse link: <http://bit.ly/batalhas2017>. Espero que você consiga presenciar esse evento durante a leitura dessa dissertação, mas se não for possível, recomendo que você presencie em breve e dialogue com essa escrita novamente.

Aviso que sem essa experiência, a apreensão desse caderno será muito limitada. E não só por isso, mas por outra escolha realizada no processo de escrita dessa pesquisa. É que eu *não* “aprofundarei” a reflexão sobre como ocorrem os processos de mudanças sociais mediados pela arte. Nem desenvolverei *como* a atuação de *sujeitas/os periféricos* humanizam as sociabilidade da experiência compartilhada de morar na periferia. Nem as subjetividades e interferências que espaços de expressões poéticas tem promovido. E nem um tanto de outros processos que ocorrem por meio das expressões poéticas da periferia, que eu conheço, investigo e *poderia* investigar para melhor aprofundar e desenvolver. Mas não farei isso E *eu realmente gostaria de fazer isso. Eu realmente gostaria*. Não o faço, por não me sentir confortável em realizar tal pesquisa nesse modelo de universidade, o que levou-me a investigar e refletir a minha inserção nesse modelo.

Ao refletirem sobre a identidades das pesquisas qualitativas, Angela Xavier de BRITO e Ana Cristina LEONARDOS (2001) produziram algumas reflexões que, juntamente com àquelas e aqueles apresentadas/os em “Pro começo de nossa conversa...”, fortaleceram-me pela tomada dessa decisão. Nessa reflexão, elas comentam que:

“Parece-nos razoável sugerir que, pelo menos no momento atual, a prática da pesquisa teria como objetivo principal e comum o estabelecimento desse diálogo, no qual o pesquisador negociará, ao mesmo tempo, consigo mesmo (com sua subjetividade), com a(s) comunidade(s) científica(s) à(s) qual(is) pertence e com o objetivo/sujeito de sua pesquisa.

Desse modo, o conjunto de elementos que compõe a basa das pesquisas deixa de ser prescritivo e passa a ser descritivo” (BRITO e LEONARDOS, 2001, p. 14)”

É *dessa* negociação que percebo que, enquanto eu própria não conseguir arranjar esse conflito em mim, não o farei na pesquisa. Não se trata de um “controle absoluto” do que se pesquisa, mas de uma responsabilidade ética quanto ao que se, com quem se pesquisa, onde se pesquisa, para que... Questões mais amplas e complexas, em investigação, mas que ainda não permite-me realizar *àquela* pesquisa.

Para que e quem servirá esse conhecimento? Não me sinto segura para colocar isso à prova, nem mesmo com a comunidade interpretativa que atualmente *parece* estar comprometida em repensar esse modelo de universidade. Não sinto que nesse modelo de universidade os conhecimentos periféricos são respeitados. E sendo assim, pesquisar alguns aspectos das periferias poderia fazer com que eu a objetificasse e, para mim, isso não seria ético,



feriria minha existência. Talvez seja por isso que o modelo hegemônico de universidade sustente um modelo de ciência que preconiza um distanciamento entre pesquisador e objeto de pesquisa, que emula uma neutralidade. Nesse modelo de universidade e paradigma científico, são poucos os pesquisadores que se sentirão confortáveis em realizar processos de pesquisa com procedimentos extrativistas. Não são eles que estão sendo *extraídos*. São elas quem estão *acumulando* conhecimento, numa sociedade cuja a acumulação significa poder. Então, nessa lógica de universidade, não cabe minha produção.

Acredito que se essa minha decisão possa te parecer demasiadamente petulante ou gerar um desconforto em você, é importante que você reflita sobre isso. Tal desconforto e incômodo *podem* estar relacionados a sua maior adesão ao modelo hegemônico de universidade e produção de conhecimento. Acredito que *se* você compreender o contexto em que se insere essa pesquisa, os lugares em que eu trânsito e as subjetividades que sintetizo, compreenderá minha posição com maior tranquilidade, até mesmo encontrando outras saídas que não essa. Mas essa é a forma que eu arranjei e negocieei, antes de tudo, é importante entender que esse arranjo é legítimo e pode ser admitido. Negá-lo como possibilidade, é aderir ao modelo hegemônico. Portanto, um olhar mais sensível poderá compreender que a *superficialidade* é apenas uma *aparência*.

*Se* o modelo hegemônico de universidade *insiste* em não querer valorizar a periferia, mesmo se beneficiando desses conhecimentos e, muitas vezes, utilizando-os para manter as desigualdades sociais, *Eu* não tenho como “entregar” esse conhecimento, assim “de bandeja”. Não é ético para minha forma de conhecimento, pensamento, ação e condição de existência. Não serei eu quem irá decodificar e desvelar todos os processos que a periferia sintetiza para reverberar num espaço em que hegemonicamente esse conhecimento é desvalorizado e subalternizado – especialmente por essa ser uma tarefa coletiva, que não se reduz à mim e daí a necessidade de provocá-la/lo para que você se *implique* e se *relacione* de outra forma com as periferias e com o modelo de universidade. Quais outros grupos estão sendo excluídos? Que outras epistemologias estão sendo subalternizadas e exterminadas? Quais outras/os estudantes não estão se sentindo seguros e confortáveis no ambiente universitário? Se você compreender minhas provocações – e compreender não é concordar –, perceberá que, esse caderno *é e não é* superficial. É uma abordagem generalista, descricionário e introdutória que dependerá da sua interação para ser expandida. Assim, reafirmo que esses movimentos são *intencionais*, mas eles não são conclusivos e sim convidativos – e talvez não haja uma forma de fazer isso sem meter o pé na porta. Ainda assim, insisto para que o compreenda como *convite* para descobrir novos saberes.

Acredito que as pessoas que quiserem e puderem seriamente investigar e refletir sobre isso, poderão atuar de forma ativa para que isso ocorra, seja indo vivenciar esses espaços e elaborando uma nova forma de enxergar e compreender as periferias, desconstruindo o modelo hegemônico de universidade para que esse conhecimento possa encontrar um ambiente acadêmico saudável para ser desenvolvido. A interpretação de periferia como sistema cultural já contribui grandemente para repensarmos o *lugar* periferia.

Assim, busco chamar sua atenção para as riquezas e complexidades coadunados nas expressões poéticas periféricas. O nível de apreensão dessas informações dependerá do *seu* nível de envolvimento nesse sistema cultural. Num primeiro momento apresento brevemente três práticas artísticas que compõe o sistema cultural periférico e posteriormente chamo a atenção para a reflexão sobre lugares de fala, voz e escuta, que, considero serem temas geradores que permitem refletirmos e, *posteriormente*, aprofundarmos essa conversa – *p o s t e r i o r m e n t e*.

### **SARAUS, BATALHAS E SLAMS**

Nas periferias do Brasil, e mais fortemente nas da cidade de São Paulo, uma prática cultural singular surgiu e proliferou: os Saraus. Além dos Saraus, as Batalhas de Rima/*Freestyle*, já tradicionais na cultura Hip Hop, e os Slams de Poesia, sob influência e recriação de outras culturas mediadas pela oralidade, modificam a cena cultural da cidade.

Nesses espaços, apesar das peculiaridades de cada formato, a poesia falada – spoken word e a performance da/o poeta singularizam a cultura e a identidade local criando um espaço de fruição artística, expressão, coletividade, pertencimento, reelaboração de subjetividades e comunhão.

As mudanças sociais promovidas singularizadas por essas práticas culturais despertaram em mim o interesse em compreender a dinâmica pela qual as/os poetas se relacionam com a sociedade, realizam a transmissão de saberes, consagram a periferia como sistema cultural e atualizam práticas ancestrais no espaço urbano - tais interesses já indicam algumas apreensões de minha vivência nesse contexto.

Os saraus no contexto periférico surgiram na virada dos anos 90 para o século XXI. Anteriormente, a realização de saraus era associada a espaços artísticos da elite. No século XIX, os saraus eram uma forma de ostentar riquezas e apreciar a arte dita erudita produzida por um grupo de artistas, em geral também financiado por esta classe abastada. Já os saraus periféricos, não mantêm essas características e, muitas vezes, caminha na contramão dos seus antecessores

e, ora seus participantes, ora seus organizadores, costumam ter posicionamentos críticos às elites.

A palavra “sarau” deriva do latim “*serum*”, em referência à tarde, período do dia em que os encontros de arte eram comumente realizados. Alguns documentos com memórias do século XIX como cartas, crônicas e músicas, por exemplo, relatam como esses momentos eram encontros luxuosos entre amigos, artista e figuras influentes da época, com o objetivo de tornar públicas as criações de arte (PINHO, 2004 apud TENNINA, 2013, p.11).

Ainda no século XX os saraus eram frequentes em meio à elite e alguns historiadores consideram que marcos da história da arte brasileira foram gestadas em seu interior:

“O salão da Villa Kyrial, que, provavelmente, foi o berço do ‘nascimento’ da Semana de 22, era um dos mais importantes da época para os artistas paulistas. A chácara do gaúcho José de Freitas Valle, que foi para São Paulo para estudar Direito, era, na década de 1910, ponto de muitos artistas, e também o local onde se organizavam saraus literários, audições musicais, banquetes e ciclos de conferências dos quais participavam Lasar Segall, Guilherme de Almeida, Blaise Cendrars, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, dentre outros” (SILVA, 2004, p. 24).

Os Saraus, no entanto, ressurgem em um contexto extremamente distinto ao realizado nos salões nobres da cidade. Em entrevista para CUNHA (2013) Sérgio Vaz, um dos percussores dos saraus *periféricos* fundador do Sarau da Cooperifa, realizado semanalmente no Bar do Zé Batidão no Campo Limpo, periferia na zona sul de São Paulo, explicita que a criação dos saraus foi uma resposta à escassez de espaços culturais em que pudessem não apenas apreciar, mas também produzir, vivenciar a arte:

“(…)os saraus representam hoje o que era para a classe média nos anos 60, aquela célula cultural. É onde você passa filmes, onde as pessoas se encontram para conversar, falar de poesia, de literatura. Resignificou o bar, que agora tem outro conceito e não é só para falar de futebol e mulher. (...) Não foi uma ONG ou o governo que estimulou a leitura, foi o próprio povo que se apropriou disso (VAZ, apud CUNHA, 2013)”.

Para Sérgio Vaz, o bar é o espaço que Estado deixou para a periferia. A ausência de outros espaços culturais fez com que o bar se tornasse um espaço em que as pessoas se reúnem para descansar, festejar, ouvir e tocar samba, conversar sobre o bairro – “o bar é então a ágora, a assembleia, o teatro” (VAZ, apud TENNINA, 2016, p.12).

Por outro lado, a disposição de *sujeitos periféricos* em criar espaços culturais, mesmo quando há uma conformação social para que ali não haja espaços assim, é instigante, conferindo-lhe características de resistência, “é só isso o que a gente tem, então, é isso o que vamos transformar” (VAZ, apud TENNINA, 2016, p. 12). E não são apenas os Saraus. Esses *sujeitos periféricos* fomentam também outros formatos de expressões, interferências, performances e oralidades, fomentando saraus, batalhas de rima e Slams de poesia.

As batalhas de rimas são competições de rimadores, poetas, improvisadores, mestres de cerimônia e outros, provenientes da cultura Hip Hop, que se assemelha aos duelos de repente da cultura nordestina. A competição por meio de batalhas tem alcance nacional, inclusive com competições nacionais e premiações, e ocorre, pelo menos, em dois formatos: “sangue” e “temática/ conhecimento”.

As batalhas de sangue referem-se às batalhas em que nos duelos todo conteúdo nas rimas é aceito, é um “vale-tudo” (falar mal da mãe, ofender o oponente, utilizar palavras de baixo calão, entre outros). Já as batalhas temáticas ou de/do conhecimento, ocorrem a partir de temas sugeridos pelo público e costumam não tolerar discursos que reproduzem opressões e valoriza a construção de argumentos críticos. Os duelos ocorrem em duas rodadas e havendo empate, ocorre a terceira. O público decide “fazendo barulho”: aplausos, assovios, gritos. Se não for possível decidir por meio do barulho/apoio, ocorre uma contagem de votos para verificar quem avança na competição. Em cada rodada, cada participante tem trinta segundos para atacar/defender (sangue) ou “passar sua visão” sobre o tema (conhecimento), seguindo o ritmo de um *beat*, uma base instrumental, um *beatbox* ou à capela mesmo.

Quando o tema sugerido na batalha de conhecimento é confuso ou desconhecido para algum participante ou mesmo para o público ouvinte, se pede que haja uma explicação sobre o assunto e aí quem sugeriu o tema expõe um pouco sobre ele e outras pessoas também podem complementar, para que então ocorra o desafio. Não há um conjunto de regras rígidas que normatize todas as batalhas, mas estas são características gerais comumente aceitas.

Há ainda batalhas de rima especificamente feminina ou LGBTQI+, fomentando a visibilidade de rimadoras/es que enfrentam um conjunto de opressões e que também produzem e interferem na cena. Em geral as batalhas de rima ocorrem espaços públicos como praças, marquises, calçadas, terminais de transporte público.

Os Slams de poesia ganham cada vez mais espaço em São Paulo e outros estados, integrando-se a um movimento globalizado e adquirindo características locais, também ocupam espaços públicos.

Surgido em Chicago, EUA, no final dos anos 80, o *Poetry Slam*, hoje têm adeptos em diversos países e algumas competições internacionais e mundiais. Nos Slams, o duelo é por meio de poesias autorais, recitadas sem recursos adicionais, apenas a poesia falada, o *spoken word*, e o corpo da/o poeta. Geralmente as poesias podem ter duração de até três minutos e tradicionalmente um júri formado na hora atribui notas de 0 a 10, mas há forte manifestação e “barulho” do público geral.

Com a intenção de incluir pessoas surdas, grupo que teria maior dificuldade de acesso à poesia falada alguns coletivos de artistas criaram recursos que tornam possível a participação de pessoas surdas. É o caso do Slam Corpo, o 1º Slam de surdos e ouvintes do Brasil. O evento inicia com “corpo aberto”, momento no qual qualquer poeta pode apresentar um poema, e segue com uma batalha de poesias, na qual duplas de poetas (um surdo e um ouvinte ou um ouvinte e um intérprete de Libras) performam poesias nas duas línguas ao mesmo tempo. Os jurados são escolhidos na hora, eleitos do próprio público.

Já nos Saraus há uma maior diversidade de formatos, frequência, locais, linguagens. Das práticas culturais que valorizam a oralidade, é o formato mais popularizado nas periferias. Ocorre em bares, bibliotecas, praças, escolas, casas de cultura, escadões, quintais e casas, entre outros. Podem ser exclusivos para literatura, mas também há os que admitem música, teatro, artes plásticas.

Os Saraus possuem uma característica de identidade e pertencimento ainda mais expressiva do que as modalidades anteriores e é comum nos referirmos aos poetas que lá frequentam como poeta daquele local, “Aninha do Perifatividade”, “Sérgio da Cooperifa”. Os Saraus não têm uma dimensão de competição/disputa individual e valoriza o acolhimento de todas/os – é comum, por exemplo, todos se cumprimentarem/ser cumprimentado por todos ao chegar num sarau, mesmo que não se conheça ninguém previamente. Entretanto, há alguns eventos em que se propõe competições entre os saraus e outros coletivos de poetas. Nestes casos, cada sarau participante se organiza como um time e participam da disputa de forma coletiva.

Há ainda características transversais às três modalidades que fomentam a produção cultural. Neste campo cabem ações que vão desde a produção e publicação de livros, zines, clipes, roupas, acessórios, entre outros, até o surgimento e formação de profissionais que realizem estas produção/atividades.

### **A Reivindicação de Memórias Ancestrais no espaço urbano periférico**

O acesso às memórias ancestrais por meio da vocalização da poesia é uma temática recorrente nos discursos da poesia falada. Certamente que, tal qual um terreno com suas diversas sedimentações, o território da periferia de São Paulo acumula diversas camadas que formam seu chão e em alguma medida confirmaria essa recorrência nas poesias.

Pela nossa formação cultural, identificar a origem de cada matriz, a etimologia das culturas que compõe a periferia é um exercício arqueológico. Geralmente as/os poetas

reivindicam a ancestralidade indígena e africana, por entender que estas estão apagadas e são desvalorizadas na contemporaneidade.

A celeridade, fragmentação, individualismo e invisibilidade produzida pelo espaço urbano, faz com que a angústia que as pessoas sentem nessa sociabilidade gere interferências na cidade. Essas interferências rompem com o isolamento urbano e instituem corpos-performáticos é a emulação/atualização/retomada de um modo de vida comunitário, ainda que espalhado em diversas partes da cidade e temporário.

Os espaços de expressão poética periférica não se referem unicamente à um espaço geográfico afastado do centro. Seu rito instaura uma dinâmica que vocaliza e transmuta memórias ancestrais para o espaço-tempo presente.

Há alguns signos e elementos que auxiliam na criação desse lugar. O ritmo, a batida, a presença, o *flow*, a comunicação por meio de versos/enigmas, a repetição e assiduidade das/os participantes, por exemplo, são elementos que dão corporeidade à poesia falada. Será que é dessa memória ancestral que estamos falando?

Esses são também elementos das culturas ancestrais que formam o solo das periferias e o passado de seus moradores, que por meio dessa vocalização saem da invisibilidade, (re)existem no espaço urbano, recontam suas histórias. Mas se há um movimento que traz a vida ao solo da cidade, que sai desse lugar, o que substitui a base, como fica a superfície?

O primeiro Slam Poetry do Brasil, por exemplo, chama-se “ZAP!” acrônimo para Zona Autônoma da Palavra em referência ao pensamento de Hakim Bey. E é na reflexão de Bey que também encontraremos uma elaboração sobre terrorismo poético como ação direta de interferência no espaço urbano.

A interferência gerada por essas performances têm também a capacidade de desestruturar simbolicamente e reconfigurar o espaço urbano – e por isso são tidas como degradantes e não são valorizadas.

A poesia falada tem figurado cada vez mais como recurso artístico e performático em diversas outras linguagens artísticas. O corpo da/o poeta é o suporte pelo qual se exprime e vivifica a poesia. Nas últimas edições da Copa do Mundo de Slam o Brasil tem enviado poetas e figurado no pódio, mesmo sem trazer o ouro para casa, graças à cultura que cada vez mais se costura às praças da cidade de São Paulo, Santos, Vitória, Belo Horizonte e outras cidades.

Hoje, mesmo tendo um alargamento em seus sentidos, *periferia* ainda contém a ideia de pobreza e violência e seus moradores ainda lidam com os estigmas decorrentes disso e também com a própria violência e pobreza. Contudo é impossível percorrer as periferias e não notar a

atuação de coletivos culturais de diversas linguagens artísticas exercendo suas performances e compondo o corpo-urbano da cidade.

Esses coletivos são responsáveis pela formação de diversas/os sujeitas/os periféricas/os, que se engajam de diferentes formas, em especial as artísticas e aqui menciono as mediadas pela poesia falada, para interferir no espaço urbano que produz a periferia e se relacionar com a cidade.

A popularização de práticas culturais possibilitou a ressignificação do termo periferia e com isso a reivindicação da experiência urbana de morar na periferia como pertencimento a um sistema cultural específico. Permitiu, também, uma retomada da narrativa histórica de quem é e como é a periferia e, assim, os espaços de expressões poéticas das/nas periferias tornaram-se espaços de reflexão, celebração e construção dessa narrativa.

A oralidade torna-se um recurso acessível a maior parte da população e ao vocalizar-se por meio da poesia forma uma comunicação codificada. Inicialmente essa comunicação dirige-se apenas para quem compartilha da experiência urbana que é a vida na periferia, que é quem conseguirá decodificá-la plenamente. Apesar disso, esses espaços também se constituem como espaços de celebração da arte, de si, da poesia e acolhe também os que não são periféricos e se identificam com a fruição que ali acontece.

Como a poesia falada invoca uma comunhão, induz à uma coletividade ampliada e transmite de forma cifrada o funcionamento daquele sistema cultural, é possível também que novas pessoas “se formem” naquela cultura. E assim, portanto, também produz uma forma de sobrevivência e sociabilidade que não seria possível fora deste arranjo e interferência no espaço urbano.

#### **a força dos lugares de fala, voz e escuta.**

Em meio à tantas falas, tenho detido-me à escuta. Sem a escuta não se forma o diálogo. E sem o diálogo não se gera a reflexão-ação-transformação. Sem escuta não se tem platéia, audiência. O arranjo complexo que tenho dedicado-me a observar, investigar, intuir, refletir e em algum momento irei sistematizar, é *a força* do lugar, sintetizada por suas/eus sujeitas/os. No caso das periferias, a força das poéticas periféricas, residem fortemente na *presença* e na *oralidade* - que não é só falar, mas *se* ouvir e ser ouvida/o.

Como indícios para essa reflexão, recupero a contemporaneidade no que se refere à “lugar de fala” nas ciências sociais e humanas. Apesar de, no Brasil, ter se popularizado com a sistematização da filósofa Djamila Ribeiro, enunciação não é um tema recente na literatura acadêmica. Apesar disso especialmente no campo político, *lugar de fala* tem sido interpretado como autorização de quem pode falar, muitas vezes em tom de ataque/defesa. Mas se o tema

em si não é novidade e conhecendo nossa história social, percebo que o que incomoda não é o tal *lugar de fala* em si, o que incomoda é *quem* está reivindicando esses lugares e quem está deixando de *forjá-los*. O ataque/defesa não se encontra no campo teórico e sim na realidade social. Há um conflito entre as/os sujeitas/os e quando reivindica-se alguns desses lugares discursivos, reivindica-se lugares estruturais, então o incômodo não é o lugar de fala, mas com o que *pode* mudar na estrutura da realidade social a partir desse develamento. A possibilidade é uma ameaça, pois a fala, quando ouvida, pode gerar reflexão e ação. E as ações podem interferir nas estruturas.

Percebo ainda que é também pela violência que se sofre ao enfrentar essa estrutura social, ainda que discursivamente, que a reivindicação desses lugares apresenta-se de forma mais abrupta. Compreendendo esse movimento, só deveria se incomodar com a repercussão de lugares de fala, quem não está disposto nem mesmo a refletir sobre a própria relação de si *com o e no* funcionamento da sociedade. E é claro que essa reivindicação por parte de pessoas que estruturalmente são invisibilizadas não é um gesto de benevolência para promover o autoconhecimento alheio (essa é só uma possibilidade que te apresento sobre o que fazer com o desconforto gerado). Mas, retomando, nessa *guerra de lugares* (é só gracejo mesmo, não estou me filiando à essa escola) o *conflito* aparentemente gerado pela teoria dos lugares de fala, têm concentrado a discussão em *quem* fala, e com isso não não temos observado *como, o que e quando* se fala, e principalmente, *quem, como, o que e quando* se escuta – nesse sentido o trabalho da Gayatri Chakravorty SPIVAK em “Pode o subalterno falar?” (2010) é mais robusto. É aí que eu retomo o primeiro parágrafo desse trecho, que guarda algumas reflexões que desde lá o início desse caderno eu alertei que são para conversas posteriores:

Em meio à tantas falas, tenho detido-me à escuta. Sem a escuta não se forma o diálogo. E sem o diálogo não se gera a reflexão-ação-transformação. Sem escuta não se tem platéia, audiência. O arranjo complexo que tenho dedicado-me a observar, investigar, intuir, refletir e em algum momento irei sistematizar, é a *força* do lugar, sintetizada por suas/eus sujeitas/os. No caso das periferias, a força das poéticas periféricas, residem fortemetne na *presença* e na *oralidade* - que não é só falar, mas se ouvir e ser ouvida/o.





**Universidade:**

**produção e reprodução do**

**conhecimento Ou**

***da opressão por meio do conhecimento?***

## **Não tem jeito**

*Pra ser sincera, eu demorei um pouco para entender o que estava acontecendo. Era a aula da disciplina de História e Teoria dos Estudos Culturais. De repente a turma de pós-graduandas/os estava refletindo sobre o **Chavoso que estudava na USP**. Naqueles dias havia ganhado visibilidade uma reflexão de Thiago Torres, um jovem da periferia de Guarulhos na qual ele relatava como era viver entre dois mundos, referindo-se à sua quebrada e a vida na USP, onde é discente do curso de Ciências Sociais. O relato de Thiago representa muito do que uma/un jovem periférica/o vive na universidade pública. É uma experiência abissal. Alguns estudantes de minha turma haviam lido o relato do Chavoso, uns tinham analisado o comportamento online do jovem. A reflexão da turma explorava diversas nuances do caso. Falaram sobre a desigualdade social entre estudantes. Sobre a elitização do ensino superior. Sobre cotas. Sobre vestimenta. Até o professor compartilhou sobre seus desafios para afirmar-se docente, uma vez que ele próprio era mais jovem e menos branco do que espera-se de um professor da USP. De modo geral, em minha percepção, as reflexões foram bem positivas, valorizando as mudanças na universidade. Já estávamos mudando de assunto quando uma estudante, cursando o pós-doutorado, sentada ao meu lado, comentou comigo “que bom que está funcionando para ele agora, mas se ele quiser fazer carreira acadêmica, não vai adiantar”. Foi nesse momento que eu demorei para entender. Eu estava ouvindo-a de modo receptivo, provavelmente sorridente. Quando entendi que a visão dela divergia do que falávamos enquanto turma, eu relembrei a ela os argumentos que havíamos acabado de falar. Devo ter pensado que ela não havia entendido. Então tornei a lhe explicar. Mas ela **havia entendido**. Ela só não concordava com aquilo e pela proximidade física, resolveu me confiar seu comentário. Eu ainda apresentei outros pontos. Quando **ela** percebeu que **eu também não concordava com ela**. Em tom de diálogo, ela pôs fim a conversa, reafirmando que isso de ser um chavoso na USP, só funcionaria no início da graduação, que se ele quisesse seguir teria que deixar isso de lado e que “não tem jeito, se ele quiser seguir carreira acadêmica, vai ter que mudar”. Até hoje, não entendi se era o que ela pensava ou o que ela reproduzia. Considerando seu grau de formação e o que havíamos refletido na aula, a primeira opção é a que faz mais sentido. Eu sofri. Ela estava ali, dizendo na minha cara, que não dá pra mudar a academia. E se ela falava com tranquilidade aquilo para mim, ela já não me lia como uma **chavosa**. De fato nunca fui chavosa — na minha adolescência, não era esse o estilo funkeiro, fui da geração de transição entre o proibidão e a ostentação. Mas ela nem mesmo perceber que eu era mais próxima dos chavosos, do que da academia que ela defendia, também me fez sofrer. A universidade já havia me mudando ao ponto de desconhecidos não perceberem minhas origens e referências ou a pós-doutoranda estava me avisando **que não tem jeito e eu também teria que me adaptar?** Não sei. Ambas as possibilidades me fizeram sofrer. Na semana seguinte, tornei a sofrer: a estudante havia sido aprovada como docente numa universidade federal. Agora **ela é quem seria a universidade que não se tem jeito de mudar, que impediria chavosas/os, periféricas/os de existirem na universidade. Chorei. E odiei.***

A seguir, reproduzo na íntegra<sup>17</sup> o texto que Thiago, o Chavoso, postou em seu perfil no facebook. O texto foi postado com a imagem abaixo e com a localização “em USP”.



Figura 14 Thiago Torres na Cidade Universitária. Reprodução de imagem do Facebook.

**Viver em dois mundo diferente é uma coisa tão difícil...**

*Ficar indo todo dia da periferia pro centro, do centro pra periferia, da pobreza pra riqueza, da negritude pra branquitude é tão... sei lá... estranho? Ver duas realidade tão diferente, tão contrárias na sua frente, a dos privilegiado e a dos desfavorecido mexe muito com a sua cabeça mano... Ver de onde você veio e ver de onde outras pessoas vieram, Perceber que elas tão com anos (ou séculos) de avanço/vantagem em relação a vc e aos seus... Ta sendo bem triste e bem difícil pra mim lidar com*

*tudo isso, com esse choque de realidades.*

*Uma coisa é vc ver a riqueza nas novela da Globo, outra é ver ela de perto. E não poder ter ela. E entender um pouco mais de como funciona a mente de alguém que entra pro crime.*

*Não que isso passe pela minha cabeça, JAMAIS passou. Só to falando que agora eu entendo o quanto é frustrante ver pessoas que tem tudo, enquanto vc não tem quase nada. Mais frustrante ainda é ver que enquanto os branco de classe média/alta tão estudando, adquirindo e produzindo conhecimento, progredindo e crescendo na vida, muitos dos seus parceiro(a) preto, pardo, pobre, da quebrada, tão se afundando nas droga, se envolvendo com o tráfico, passando necessidade, engravidando cedo sem querer, sendo preso, morto... Até quando a lógica da escravidão vai predominar na nossa sociedade? A lógica de que os branco com grana têm acesso às melhores coisas e o caminho do sucesso trilhado enquanto os negros pobres vivem um verdadeiro inferno e, tudo que conseguem, é trabalhar pra esses branco?*

*De verdade, isso tudo é muito triste pra mim. O sistema não tá nem aí pra nois, então nois não pode se acomodar não mano. Nois tem que ter objetivos e correr atrás deles, sair da nossa bolha, estudar, cuidar da nossa mente, do nosso corpo, da nossa alma... Na humildade, só passar a semana toda deitado mexendo no celular e no fim de semana se encher de droga não dá futuro não mano. Nois tem*

<sup>17</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1234489606714949&set=p.1234489606714949&type=3&theater>.

*que colocar na nossa cabeça que foi os nossos ancestrais que construiu tudo que existe nesse país, essa herança é nossa, não é dos playboy não mano. A gente tem que ocupar essa porra toda. A universidade é lugar de preto e pobre sim, a política também! Eu quero ver gente preta e da periferia ocupando altos cargo, ocupando a cadeira da presidência da república, apresentando os maiores jornais desse país, sendo grandes médicos, grandes juízes, grandes professores! Eu já falei e vou repetir: o sistema não tá nem aí pra nois, então a gente tem que correr atrás do nosso, pq infelizmente nada cai do céu não. To aqui pra ajudar vcs do jeito que eu puder, na moral. Seja trocando uma ideia, ajudando a estudar, a procurar um emprego ou a divulgar o trampo de vcs. Sério, vamo se fortalecer. Vamo mudar a nossa realidade.*

*É tudo nosso carai.*

*Algumas observações pra ver se o povo para de comentar tanta bosta: os "erros" ortográficos foram propositais e não defendo a meritocracia.*

### ***Além da sala de aula, além da expansão: NERP, PDAAN e PET***

Ao vivenciar, observar e investigar as universidades públicas em sua expressão contemporânea encontramos diferentes projetos de universidade em concorrência. Apesar de *um* modelo ser hegemônico, não devemos desconsiderar outras propostas na construção da universidade. O movimento da realidade requisita que novos projetos se firmem e afirmem. À medida que novas/os estudantes passam a ocupar as universidades, passam também a interferir na reprodução desse lugar. Essa construção é singular, mas, dada as particulares em comum que incidem no contexto universitário, há similaridades nesse processo de singularização. Conforme as/os estudantes, especialmente *sujeitas/os periféricas/os*, requisitam, interferem e constrói na e a universidade, as instituições *também* são provocadas à responder às demandas e proposições.

Nesse sentido, para além de uma vaga na sala de aula e de políticas de permanência financeiras, outros espaços apresentam-se como possibilidades para a afirmação de uma universidade que enfrenta seus desafios contemporâneos.

Considerando a singularidade desse processo e que cada lugar encontrará sua força, recupero brevemente aqui três espaços demandados por estudantes, *especialmente sujeitas/os periféricas*.

Ao *ocuparem* a Universidade Federal de São Paulo, essas/es estudantes construíram intervenções para além da sala da aula e além de coletivos estudantis, propondo espaços e experiências organizadas na estrutura universitária.

Refiro-me à *ocupação*, pois, como veremos, contrapõem a proposta de acesso que foi concedida/conquistada, exigindo uma ação política para a aproximação e construção das formas de acesso. Com isso, experimentam formas de aprofundar dimensões estruturais de uma expansão que se configurou apenas de modo conjuntural.

#### **O surgimento do Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares – NERP <sup>18</sup>**

Em 2012 o Ministro da Educação, Aloízio Mercadante, realizou uma cerimônia de inauguração do campus Baixada Santista da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Apesar da inauguração, o campus não reunia as condições necessárias para estar em funcionamento.

---

<sup>18</sup> O objetivo é contar o contexto em que surge e as principais ações desenvolvidas. A análise qualitativa dessa atuação não é matéria dessa escrita.

Além das obras inacabadas, as obras em si não haviam considerado adequadamente o volume pluvial da cidade de Santos, e pouco após o início das aulas, o campus foi interditado pelos riscos apresentados à integridade física da comunidade acadêmica e por não reunir as licenças necessárias para seu funcionamento. A alternativa foi transferir as atividades acadêmicas recém-implantadas para outro prédio. As aulas tornaram a ser realizadas nos prédios em que a UNIFESP anteriormente realizava suas aulas, com a diferença de que naquele mesmo ano um novo curso havia sido iniciado na universidade e, portanto, o prédio não comportava a quantidade de estudantes que agora a universidade possuía.

Algumas semanas após as aulas terem sido transferidas para o antigo prédio, uma greve geral nas universidades federais ganharam força no Brasil e a comunidade unifespiana aderiu à essa mobilização. A greve durou períodos diferentes nas universidades e campi. No caso do campi Baixada Santista, foram cerca de quatro meses. Não fosse a greve, não sei como teria sido o funcionamento de todos os cursos no prédio antigo. O período da greve foi suficiente para a conclusão das obras principais e obtenção das licenças necessárias para o funcionamento do prédio novo, nomeado como Unidade Silva Jardim.

Assim, ao retornarem para a Unidade Silva Jardim, por conta desse contexto, entendo que havia um interesse e também um rechaço maior pelo prédio. Estávamos *mais curiosos*, *mais críticos*. O novo prédio fica numa região da cidade de Santos que, até então, era desconhecida para a maior parte da comunidade acadêmica que, à época, era formada majoritariamente por pessoas de outras cidades. Longe da orla santista e em uma região menos apreciada e turística da cidade, a comunidade acadêmica também *reclamava* do entorno da universidade, não se reconhecendo no território.

Ao mesmo tempo, as relações sociais que já ocorriam naquele território também apresentavam suas ressalvas em relação à universidade: a construção havia durado muitos anos, havia impactado na dinâmica do bairro, moradores haviam sido desapropriados e em razão da chegada da universidade, o bairro iniciava um processo de gentrificação, ainda em curso.

Foi nesse cenário que uma Professora, numa unidade curricular de Metodologia do Trabalho Científico, com uma turma de ingressantes no curso de Serviço Social propôs aos estudantes a realização de um trabalho que dialogasse com o entorno do prédio novo. Com a intenção de ensinar o processo de pesquisa a partir da realidade, a Professora Renata Gonçalves, propôs que as/os estudantes caminhassem ao redor da universidade, observando a região, para

identificarem um tema de pesquisa que desenvolveriam durante o curso daquela unidade curricular.

Realizada em grupo, a caminhada no entorno do prédio identificou diferentes temas de pesquisas entre as/os estudantes. Num desses grupos, as/os estudantes observaram a população negra. Apesar da Lei nº 12.711, conhecida como Lei de Cotas, ter sido sancionada em 2012, somente no ano posterior é que a composição das/os estudantes começa a ser diversificada. Portanto, para a turma ingressante em 2012, a presença de pessoas negras na universidade ainda não era comum, mesmo no curso de Serviço Social, curso que recebe uma grande quantidade de estudantes negras/os e/ou pobres. Mesmo antes da Lei de Cotas, a UNIFESP realizava reserva de 10% de suas vagas para cotas raciais. Então no vestibular de acesso à turma de 2012, das 50 vagas ofertadas para o turno de Serviço Social vespertino, haviam 5 vagas destinadas para negras e negros, que foram preenchidas – apesar de não haverem 5 estudantes que publicamente se autodeclarassem negras/os ou fossem socialmente lidas/os como negras e negros e mesmo entre as/os que se autodeclaravam ou era lidas/os assim nem todas/os utilizaram a prerrogativa da reserva de vaga no vestibular. Então, não foi difícil o entorno do prédio *chamar a atenção* da comunidade acadêmica.

De volta à sala de aula, as reflexões trazidas pelos grupos foram sendo desenvolvidas e amadurecidas. Conforme as aulas avançavam, as investigações no entorno também se desenvolviam. A observação da população negra no entorno do prédio, também foi desvelando processos históricos da cidade de Santos e de diversos eventos ocorridos *naquele lugar*. Quilombo, abolicionistas, escolas de samba, blocos de carnaval, terreiros... O interesse em conhecer o entorno e as contradições entre o entorno e a universidade, extrapolaram o trabalho em sala de aula, a sala de aula e aquele semestre. A partir das descobertas e reflexões do grupo e da turma, alguns estudantes, negras e negros, *sujeitas/os periféricas/os*, e também não-negros/as e não-periféricos/as, propuseram encontros para dar continuidade aos estudos sobre o assunto. Com alguns encontros após às aulas, o grupo havia firmado o interesse em criar um núcleo de estudos. Na mesma época, parte dessas/es mesmas/os estudantes também fomentaram outros espaços na universidade. Procuraram por grupos que *já existiam*, como o Núcleo Heleieth Saffioti e o Nucleo sobre Violencia Social. E também fomentaram a criação de um grupo de estudos em Antropologia Urbana. No entanto, dos grupos demandados por estudantes, apenas o de relações raciais foi instituído.



O grupo nomeou-se *Reflexos de Palmares* em referência a necessidade de serem vistos, terem reflexos nos espelhos, conforme sensibilizados pelo texto de Osvaldo Faustino e também em referência ao Quilombo de Palmares, evocando a trajetória de lutas sociais das negras/os no Brasil.

Em 2013 o Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares oficializou suas atividades propondo atividades formativas e culturais, a exemplo da Semana da Consciência Negra, hoje parte do calendário acadêmico da universidade<sup>19</sup>.

O grupo passou a realizar o estudo sistemático de intelectuais negras/os invisibilizados na produção acadêmica, bem como acabou aglutinando estudantes negras/os da universidade, conferindo, em muitas vezes, uma condição peculiar de núcleo de estudo e coletivo estudantil. Além das Semanas da Consciência Negra, em pouco mais de seis anos de atuação o núcleo, hoje caracterizado como grupo de pesquisa e estudos, realiza estudos sistemáticos em matérias de relações raciais; recebe estudantes de graduação e pós-graduação que desenvolvem pesquisas de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado; realiza projetos de extensão; visitas pedagógicas; organiza eventos acadêmicos e culturais; e oferta disciplinas na graduação e na pós-graduação.

Também nesse período, as/os participantes do NERP enfrentaram sindicâncias, processos judiciais e a hostilização, seja por suas pesquisas *panfletárias*, seja pela reiteração ao racismo estrutural. Por seu posicionamento anti-racista, o posicionamento do NERP ante as expressões do racismo no contexto universitário, também gera aversão em parte da comunidade acadêmica.

### **Programa de Educação Tutorial – PET Educação Popular: criando e recriando a realidade social.**

O PET Educação Popular também surge de uma demanda dos estudantes, não necessariamente periféricos. No entanto, pela proposta de atuação consolidada pelo grupo, é comum que sujeitas/os periféricas/os atraiam-se por essa extensão. De referencial Freireano, o PET Educação Popular possui uma configuração única no Brasil: é um núcleo do Programa de Educação Tutorial e foi o primeiro cujo tema seja a Educação Popular<sup>20</sup>. Apesar da unicidade

---

<sup>19</sup> Inicialmente as Semanas da Consciência não faziam parte do calendário acadêmico. Tal conquista/concessão foi uma resposta institucional ante à reiterados casos de racismo na comunidade acadêmica e como forma de expressar que a universidade estava comprometida no enfrentamento ao racismo.

<sup>20</sup> O pioneirismo se manteve até 2018, quando surgiu o Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular – GAPE PET.

dentro do Programa, encontra pares no campo das extensões universitárias, especialmente extensão popular. No blog do grupo, eles se apresentam assim:

“O PET Educação Popular: Criando e Recriando a Realidade Social foi oficializado em novembro de 2010, na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), mais precisamente no Departamento Saúde, Educação e Sociedade, Campus Baixada Santista. Contudo, a atuação do grupo é anterior a adesão ao Programa de Educação Tutorial. Foi o ensejo de alguns estudantes pela temática da Educação Popular que fizeram com que estes procurassem a Professora Raiane, especialista no assunto à época recém chegada na UNIFESP, para que juntos pudessem construir algo em Educação Popular. Este protagonismo discente foi o germe de nosso grupo.

O grupo vem atuando na perspectiva de transformar os modos de (re)produção da vida social dos sujeitos envolvidos, provocando reflexões críticas sobre a realidade, o engajamento dos sujeitos em processos e organizações populares e a busca permanente por novos conhecimentos” (PET EDUCAÇÃO POPULAR, s/d)

O grupo organiza-se por meio de frentes de trabalho e, na prática, cada frente desenvolve um projeto de extensão ou fortalece a realização de alguma extensão. Importante recuperar que o PET foi regulamentado pela Lei Lei nº 11.180, em 2005 , mas seu histórico anterior relaciona-se à formação de grupos de excelência acadêmica. Apesar da regulamentação mais recente, ainda é forte o legado anterior do programa, em sentido elista.

A partir da nova regulamentação, o PET passou a fomentar a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, apoiando o desenvolvimento de atividades acadêmicas de qualidade e de excelência e a formulação de novas estratégias de desenvolvimento e modernização do ensino superior no país. Anteriormente os grupos PET eram associados à cursos de graduação, mas a partir de 2009, o Programa criou a modalidade “PET/Conexões de Saberes”,

“voltados a estudantes oriundos de comunidades populares e orientados também para os seguintes objetivos: Ampliar a relação entre a universidade e os moradores de espaços populares, assim como com suas instituições; Aprofundar a formação dos jovens universitários de origem popular como pesquisadores e extensionistas, visando sua intervenção qualificada em diferentes espaços sociais, em particular, na universidade e em comunidades populares; Estimular a formação de novas lideranças capazes de articular competência acadêmica com compromisso social (MEC, 2010, p.2)

É nessa modalidade que o grupo PET vinculado à UNIFESP Baixada Santista, que havia sido impulsionado por estudantes, concorre ao chamamento público, é contemplado e passa a implementar a realização do PET. Por meio do PET realizam trabalhos em educação popular, conforme o grupo informa:

“Fundamentamos-nos na:

- formação político-pedagógica e teórico-metodológica, a partir método histórico crítico e com base no pensamento freiriano e gramsciano; como também técnico-operativa com o uso de novas tecnologias;

- Sistematização da experiência e vivência da práxis (construção do conhecimento a partir dos referenciais teóricos e reflexão sobre a prática);
- realização de diversas pesquisas sobre a temática Educação Popular e Universidade: produções e transformações a partir de contextos contraditórios” (PET EDUCAÇÃO POPULAR, s/d).

Aqui, destaco a atuação da Frente Cultura e Resistência Indígena, iniciada em 2016 e que realiza atividades em conjunto com a Tekoa Paranapuã. Localizada no município de São Vicente, a Paranapuã reúne cerca de 25 famílias da etnia Guarani Mbya. Sem território demarcado, os Indígenas que ali vivem encontram-se ameaçados. Além do referencial freireano, a Frente busca apreender o sistema cultural do povo Guarani Mbya da Tekoa Paranapuã e a partir disso entender as demandas e de que forma, podem fortalecer a autonomia da Tekoa. As atividades são planejadas *com* os indígenas e os membros da Frente. Da intervenção por meio da Frente, também surgiram novas possibilidades de articulação com outras/os organizações sociais em apoio aos povos indígenas. É o caso do Conselho Regional de Psicologia e também da Universidade Católica de Santos, que também passaram a fortalecer a Paranapuã.

Dessa atuação, a Frente já pôde apoiar a realização de atividades na própria Tekoa, como os Jogos Indígenas e o Ka’a Nhemongarai - “Batismo”. Já externamente, a realização de eventos, articulação junto à outros povos indígenas, e a elaboração e realização do curso de extensão “Conhecendo a Cultura Guarani” que abordou a cultura Guarana na perspectiva dos direitos humanos, são exemplos de ações realizadas pelo grupo.

Outra Frente que destaco é o Cursinho Popular Cardume que teve origem em 2013 e seus membros inicialmente atuaram no grupo de trabalho responsável pelo planejamento e implementação do Cursinho Popular Cardume na UNIFESP Baixada Santista. Após a implantação do Cardume, as/os extensionistas do PET continuaram atuando no Cardume, na lógica desse novo projeto de extensão e na qualidade de educadoras/es no Cursinho.

O Cardume é um cursinho pré-ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM) e organiza-se por meio de Áreas do conhecimento, conforme o ENEM. As/os extensionistas do PET, foram responsáveis pela Área de Redação e em alguns momentos também fortaleceram a Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Ancorados no referencial teórico-metodológico de Paulo Freire, o programa pedagógico dessas áreas abarcava, além dos conteúdos programados pelo ENEM, a Educação em Direitos Humanos a partir da realidade das/os sujeitas/os educandos.

O destaque para essas duas Frentes no PET, deve-se ao fato delas terem sido iniciadas por *sujeitas periféricas*. Contudo, outras/os periféricas/os engajaram-se nas diferentes Frentes que o PET já desenvolveu ou desenvolve.

Em dez anos de atuação o PET Educação Popular já abarcou Frentes de Trabalho com atuação em torno de temas como moradia, educação, sistema prisional, juventudes e saúde; organizou, promoveu e realizou Fóruns de Educação Popular; participou de eventos e congressos acadêmicos nacionais e internacionais; e contribuiu para a permanência financeira de seus extensionistas e ainda a permanência simbólica de estudantes no geral,

Por sua vinculação com movimentos populares, também acelerou processos de escuta das demandas de movimentos populares e contribuiu na articulação de respostas que a universidade pode ou precisa dar, engajando-se em movimentos de moradia, educação, enfrentamento à violência de estado, saúde, cultura e comunicação.

#### **Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento – PDAAN**

O Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento – PDAAN é um programa do Ministério da Educação. Na UNIFESP, o programa foi realizado no ano de 2018 como projeto de extensão realizado em três campi da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.

O projeto surgiu de forma embrionária no Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares que, à época, refletia os desafios da permanência estudantil e simbólica e a expansão de acesso ao ensino superior em nível de graduação. Dada a ampliação do acesso à graduação, projetava-se que também seria necessário pensar a ampliação do acesso na pós-graduação, especialmente em programas de mestrado e doutorado. Considerando os próprios desafios que o NERP enfrentava para incluir as relações raciais na agenda da universidade, projetavam que o processo de invisibilização tanto de pesquisadoras/es negras/os, quanto do racismo estrutural no modelo hegemônico de universidade, gerariam barreiras para o acesso de negras/os na pós-graduação.

Assim, houve um esforço em para pensar estratégias que pudessem acelerar esse processo. Na mesma época, o Ministério da Educação lançou edital para o recebimento de propostas para o PDAAN, com objetivos similares aos que o grupo refletiam. O NERP, então sugeriu um projeto de formação preparatória para processos seletivos de mestrado. Como o grupo estava fortalecendo a relação com outros *campi* da UNIFESP, especialmente Guarulhos e Osasco, propuseram um projeto de caráter itinerante ou concomitante aos *campi*. A coordenadora do NERP sistematizou os insights do grupo e submeteu a proposta. A proposta

foi aprovada ainda em 2015, mas em razão do contexto político no governo federal, somente em 2018 efetivamente os recursos para a implementação do projeto permitiu sua realização.

Além da proposta do NERP, outra proposta submetida por docentes da UNIFESP foi contemplada no mesmo edital. Assim, no ano de 2018 a UNIFESP realizou um curso de formação pré-acadêmica nos *campi* Guarulhos, Santos e São Paulo e envolvendo o NERP, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros - NEAB, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEC. Em Guarulhos e São Paulo os cursos voltaram-se para candidatos com foco na área de ciências humanas e sociais e em São Paulo, área da Saúde. Na área de ciências humanas, o curso visou proporcionar os seguintes eixos temáticos:

“Construção do conhecimento numa perspectiva antirracista; educação das relações étnico-raciais; Técnicas de redação científica; Metodologia de pesquisa; Aprendizado instrumental da língua inglesa; Pensamento social antirracista; Teoria Social; Temas contemporâneos: Racismo institucional no Brasil e resistências; Expressão artística: do teatro experimental do negro ao teatro de combate ao racismo; Branquitude e relações raciais no Brasil; Leituras dirigidas; Orientação: Elaboração/ apresentação final de pré-projeto” (UNIFESP, 2018, p. 1-2)

Além das aulas, o curso proporcionou a tutoria individual a orientação de pré-projetos de pesquisa por meio de tutoria. A tutoria foi uma estratégia para que as/os estudantes conseguissem dar maior concretude às propostas de pesquisas, já que há uma dificuldade neste exercício e também configurou-se como um espaço de enfrentamento à insegurança que apresentam de forma individualizada, mesmo esta tendo uma origem coletiva, uma vez que está relacionada com reprodução do racismo estrutural e institucional.

Na área da Saúde, curso tinha como objetivo

“Capacitar estudantes autodeclarados pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação a estruturar um projeto de pesquisa para concorrer aos processos seletivos de mestrado e doutorado na área da saúde. (...) A programação do curso preparatório em metodologia científica de pesquisa em saúde está organizada em unidades de aprendizagem que capacitarão os alunos para estruturação de um projeto de pesquisa de mestrado ou doutorado na área de saúde. Além disso, pretende-se discutir projetos de pesquisa na área da saúde com abordagem interdisciplinar que incentivem a curiosidade, questionamento, visão crítica do problema, inventividade e a produção de conhecimento” (UNIFESP, 2018b, p.1)

O curso foi realizado na modalidade presencial, com encontro semanais aos sábados e em período integral durante um semestre. Ao término do curso, os participantes puderam apresentar seus trabalhos no Congresso Luso-Afro-Brasileiro – CONLAB, experienciando coletivamente a participação em um congresso acadêmico.

**Algumas Reflexões...**

O objetivo em relatar brevemente estas três experiências ocorridas no âmbito da Universidade Federal de São Paulo é uma forma de compartilhar estratégias que estudantes e docentes têm *arranjado* para responder às demandas contemporâneas apresentadas às universidades públicas que passam pelo processo de expansão.

Apesar de não se intencionar a análise qualitativa dessas experiências, cabe observar que elas expressam um intenso movimento de *construção* da universidade a partir da provocação de estudantes e também o esforço de docentes e técnicos em acolher de forma institucional essas propostas.

Embora eu não tenha investigado e sistematizado essas experiências para poder aferir se as/os estudantes que *provocaram* essas ações são estudantes que se reivindicariam como *sujeitas/os periféricas/os*, pela minha vivência nesses três processos, posso inferir que estes/as estudantes, em sua maioria, são estudantes que não se reconhecem/iam no modelo hegemônico de universidade; enfrentavam dificuldades de permanência estudantil, tanto simbólica quanto financeira; tiveram acesso ao ensino superior público somente no contexto da expansão e se não fosse essa conjuntura teriam dificuldades em acessar esse espaço; preocupavam-se com os desafios que enfrentavam e *também* com as gerações que ainda *ingressariam*, o que explicaria a proposição de projetos mais duradouros do que o período em que cursariam a graduação, ainda que essa preocupação pudesse prolongar o próprio período idealizado para a formação delas/es; e também a proposição de ações que tornassem mais *estrutural* do que conjuntural a expansão da qual se beneficiavam.

Nesse sentido, a contribuição dessas/es estudantes, *especialmente as/os sujeitas/os periféricas/os*, cujo pertencimento ao sistema cultural da *periferia* os implicam numa forma de ser e estar no mundo de modo criativo e coletivo, embora não estejam sistematizadas ou mesmo reconhecidas, são contribuições que *propõem* e *realizam* outros modelos de universidade.

São contribuições e experiências que colocam em questão os interesses da universidade pública contemporânea e desvelam um modelo de universidade que, longe de uma aparente *neutralidade*, é um espaço que por meio de sua lógica de produção e reprodução de conhecimento, também produz e reproduz opressões *por meio do conhecimento*.

Ao tomar o modelo hegemônico como o único modelo de universidade *possível*, a universidade pública contemporânea *em expansão*, que se estrutura numa matriz de conhecimento eurocêntrica, positivista e ocidental e num modelo de gestão alinhado ao *ethos* da sociedade capitalista, ainda que se diga *em expansão*, torna-se um lugar que promove uma sociabilidade expulsiva e ofensiva para o público que deveria se beneficiar com a expansão. Ao deparar-se com um contexto universitário incoerente com a proposta de expansão, uma parte

das/os novas/os estudantes vão buscar estratégias para permancer e transformar a universidade, assim como outra parte vai evadir ou aderir a este projeto hegemônico que produz opressão por meio do conhecimento.

Também cabe observar que a expansão do ensino superior é uma necessidade desse modelo hegemônico e também *atende* aos interesses da sociedade capitalista. A universidade contemporânea *precisa* seguir competitiva e atrativa para esse modelo econômico. Contudo, o paradigma de conhecimento vigente na universidade, também começa a apresentar um esgotamento de suas possibilidades para o capital, na medida em que requer um investimento prolongado para a produção do conhecimento, enquanto às universidades tem sido cada vez mais requisitadas à dar respostas aceleradas. Se considerarmos, que no modelo hegemônico o processo de formação de acadêmicos e de produção do conhecimento leva, pelo menos, 20 anos<sup>21</sup>, a expansão do ensino superior *também* promove tanto a competitividade entre a comunidade acadêmica, quanto acelera o processo de produção do conhecimento, especialmente na área das ciências humanas e sociais. Isso ocorre, pois, anteriormente o público que era o “objeto” de pesquisas, agora está em sala de aula, é o próprio pesquisador, encurtando o tempo e o investimento necessário para se produzir conhecimento.

Esse movimento produz uma enorme celeridade na compreensão dos fenômenos sociais, entretanto, a comunidade acadêmica, afeiçoada a um único modelo de conhecimento, e reprodutora de um conservadorismo, não compreende nem o próprio modelo ao qual aderem, pois consideram-no o único *possível* e não o *hegemônico*; nem quer ou consegue compreender a contemporaneidade e atualidade dos conhecimentos que as/os estudantes oriundos da expansão inserem na universidade, já que *ainda não pesquisaram* essa realidade.

A resistência às mudanças estruturais que a expansão do ensino superior exigem, evidenciam a obsolescência do paradigma hegemônico para compreender a realidade que a própria universidade contemporânea enfrenta. Essa resistência, fortalece o discurso de que a universidade pública não é produtiva para a sociedade (na verdade, para o capital), especialmente nas área de humanidades e sociais, servindo de justificativa para a diminuição de recursos e investimentos nessas áreas. Ao mesmo tempo, de modo geral, a sociedade adere ao discurso da obsolescência da universidade e de seu alto custo, uma vez que a universidade nunca foi democratizada e mesmo com a expansão, segue sendo um reduto elitirista. Se hoje a universidade enfrenta seu desmonte é também por não ter, ela própria, enfrentado seriamente

---

<sup>21</sup> Considerando o período de graduação (4 anos), pós-graduação (6-7 anos), construção de autoridade por meio da experiência profissional (5 anos) e de construção de hegemonia por meio da publicação de resultados divulgação científica e divulgação científica (5 anos).

as incoerências e contradições que sua exclusividade e elitismo guardavam, ao ponto de a sociedade desconhecer sua natureza pública e o impacto que sua privatização pode gerar.

Com menos recursos, o ambiente acadêmico torna-se mais competitivo. Nesse cenário as/os estudantes que acessaram a universidade somente no contexto da expansão, e portanto não possuíam referência de como era a universidade, podem se adaptar mais facilmente às novas exigências capitalistas, bem como não quer abrir mão da ascensão social e financeira que o ensino superior pode lhe gerar.

Do ponto de vista da produtividade, essas/es estudantes, quando conseguem permanecer, por terem enfrentado e superado diferentes barreiras estruturais e ainda assim conseguido chegar no mesmo lugar que os estudantes que não enfrentaram barreiras estruturais e historicamente têm acessado à universidade, é mais produtivo e criativo e *pode* fazer mais com menos. A expectativa do capital é que elas/es façam mais com menos em favor do capital.

No entanto, há uma forte tensão quando, no lugar de se adaptar às opressões produzidas pelas relações sociais na universidade e se tornarem mais produtivas/os ao capital, essas/es estudantes passam a desvelar essas estruturas e questionam o modelo de universidade. Também nesse cenário a instituição universitária não consegue ou não quer compreender a contemporaneidade e complexidade do fenômeno que se vivencia. Tal compreensão implicaria em transformar sua forma de ser e desvelar/aceitar que os pilares em que se firmam não são tão neutros, imparciais, meritocráticos e ilibados, como contruíram no imaginário social

Destarte, a expansão universitária visa a ampliação do acesso e a competitividade da universidade na lógica do capital e não a sua democratização e transformação, inclusive, tornando-a mais produtiva e rentável para sua privatização, afinal o mercado não investe onde não se pode obter mais-valia. Se hoje a universidade enfrenta seu desmonte é também por não ter, ela própria, enfrentado seriamente as incoerências e contradições que sua exclusividade e elitismo guardavam, ao ponto de a sociedade desconhecer sua natureza pública e o impacto que sua privatização pode gerar.

O processo de desvalorização da universidade, muitas vezes atribuído à expansão que, na minha interpretação, é *justamente* o que a valoriza e torna interessante para ser explorada pelo capital privado, para ser enfrentado, precisa antes de tudo, desvelar, reconhecer e enfrentar o modelo hegemônico de universidade. Sem essa tomada de consciência, nem as/os sujeitas/os que atualmente *valorizam* a universidade tornando-a mais atrativa para a *exploração* privada, nem a comunidade acadêmica que de forma conservadora resiste à entrada desses estudantes, serão capazes de construir uma universidade pública, gratuita, laica, de qualidade e socialmente referenciada.



## ***Linhas, estradas e universidades***

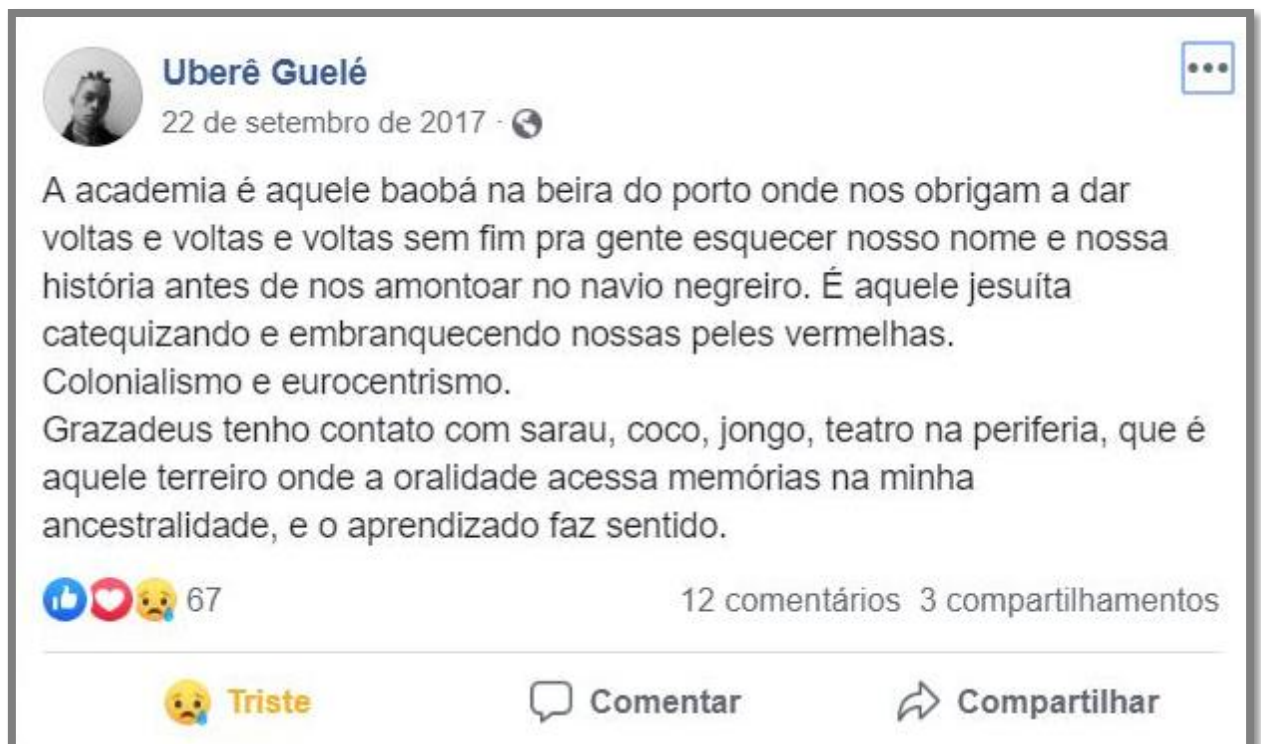
*Eu ainda não entendo bem o motivo, mas, sei que a estrada me ajuda a refletir. Durante a graduação, as viagens de ônibus para participar de congressos e encontros estudantis sempre me renderam boas reflexões. Então meio que me acostumei a ideia de que a estrada me ajuda a refletir. Até mesmo o projeto de mestrado, que submeti em setembro de 2016 no processo seletivo do PROMUSPP, foi inicialmente refletido num ônibus, numa viagem para Porto Alegre, no início de 2016, quando eu estava à caminho do Fórum Social Mundial. Então tenho pra mim que a estrada me ajuda a pensar. Eu estava indo para Foz de Iguaçu, apresentar um trabalho num encontro acadêmico, quando me vi refletindo na estrada a forma como me sinto na universidade. Desde a infância eu gosto de viajar de ônibus. Recordo vivamente da minha primeira viagem, aos seis anos, de São Paulo à Pernambuco. Uma das coisas que me encantam nesse modo de viagem, são as paradas. Hoje, as paradas estão homogenizadas e perderam um pouco dessa graça para mim. Mas fato é que mesmo sem paradas em que posso conviver com as pessoas daquele lugar, eu observo pela janela a vastidão desse país. O tanto de terra. O tanto de lugares e pessoas diferentes. Imagino que lugar é aquele, quem são aquelas pessoas, como vivem, como funciona aquele lugar. Um casinha no meio do mato pode gerar um enredo gigantesco para minha curiosidade e criatividade. As paradas eram um ponto alto nas viagens, pois era quando eu podia me aproximar dos lugares e sanar algumas curiosidade. Hoje, as paradas estão homogenizadas e perderam um pouco dessa graça para mim. Por isso, tenho começado a achar a estrada um pouco desagradável, que torna tudo retilíneo, que tudo corta, que passa no meio dos lugares sem pedir-lhes licença, sem ouvi-los, com pressa para chegar logo ao seu destino. Então me desagrada a estrada cortar assim a vida dos lugares. Desagrada-me as paradas já não acontecerem nos povoados, mas em estabelecimentos de uma mesma rede que oferece “maior segurança” e nenhum risco de conhecermos as pessoas dali, o tempero dali, a história dali....*

*Não demorou muito para eu achar a estrada uma linha abissal. E dai em diante foi muito mais rápido eu visualizar o padrão da estrada que tudo corta na universidade que tudo tira. Percebi que a estrada se assemelhava a universidade, na medida em que propõe uma modelo de conhecimento retilíneo, sem curvas, sem paradas, sem afetar e ser afetado. Um caminho com paradas seguras, em que mantemos a distância necessária para voltarmos a estrada. Onde o caminho é só aquele. Onde a cidadezinha em si, não importa tanto, importa apenas aquilo que precisamos extrair dali para continuar caminhando/pesquisando/marchando. Certamente a estrada se associa ao progresso e mobilidade, apesar de isolar, assim como a universidade se associa à sabedoria e ciência, apesar de ignorar. A estrada e a universidade são meio cinzas. Eu sou meio colorida, curvilínea.*

*Mais uma vez a estrada havia me ajudado a pensar. Dessa vez desvelando para mim o enigma do que ela provaca em mim: a repetição do padrão retilíneo, cinza, contraditório canalizava meu pensamento. Há um tempo eu visualizava um padrão imagético, mas não o entendia. Dessa vez vi a imagem completa e entendi. Durante minha estadia em Foz, eu só fiz um rabisco num caderno, até conversei sobre isso com alguns amigos.... Mas não havia escrito sobre isso ainda, apenas rabiscado as linhas do padrão de imagem que eu visualizava e finalmente entendi. Apesar de não ter escrito antes, eu juro que neste rabisco era exatamente que o que acabei de contar dizia.*

*(p.s.: Outras imagens e padrões ainda povoam meus pensamentos e estou bem longe de entendê-las/os, nem mesmo rabiscá-las/os, tô precisando pegar a estrada...).*

***Uberê Guelé passando a visão...***



**Uberê Guelé**  
22 de setembro de 2017 · 🌐

A academia é aquele baobá na beira do porto onde nos obrigam a dar voltas e voltas e voltas sem fim pra gente esquecer nosso nome e nossa história antes de nos amontoar no navio negreiro. É aquele jesuíta catequizando e embranquecendo nossas peles vermelhas. Colonialismo e eurocentrismo.

Grazadeus tenho contato com sarau, coco, jongo, teatro na periferia, que é aquele terreiro onde a oralidade acessa memórias na minha ancestralidade, e o aprendizado faz sentido.

👍❤️😞 67      12 comentários 3 compartilhamentos

😞 **Triste**      💬 **Comentar**      ➦ **Compartilhar**

*Figura 9 Fonte: Postagem pública em Facebook realizada pelo artista Uberê Guelé.  
Print Screen realizado pela autora.*

### **“Sou negro(a) e entrei na Unifesp e agora?”**

*Sou negro(a) e entrei na Unifesp e agora?* Era esse o tema da roda de conversa que aconteceria como parte da programação da II Semana da Consciência Negra na Unifesp Baixada Santista. Confesso que não gostava do nome da atividade, por considerá-la meio alarmista. Mas talvez eu tenha subestimado a complexidade que é ser pobre, preto e periférico no ensino superior público. Nosso convidado para mediar a atividade teve um imprevisto e por isso indicou outra pessoa para cobrir sua ausência. A nova pessoa utilizava cadeira de rodas para se locomover e chegaria de carro.

Quando chegou, a pessoa teve dificuldades para utilizar o estacionamento da UNIFESP, que era essencial para facilitar seu acesso ao *campi*. A mediação para a autorização da entrada do carro da pessoa convidada, estava demorando e entre nosso público tínhamos adolescentes que para nós eram muito importantes. Eram adolescentes que moravam nas adjacências periféricas do *campi* e que não conheciam a universidade. Eram adolescentes e jovens que tínhamos nos empenhado em cativar para que ocupassem a universidade, mas que só havíamos conseguido acessá-los pelo vínculo afetivo e comunitário que tinham com o Ricardo.

Como parte da II SCN, realizamos um ato em memória do Ricardo, realizando percurso que envolvia a Unifesp, a delegacia e o local em que Ricardo morou. **Ricardo Ferreira Gama** era um trabalhador terceirizado que atuava na equipe de limpeza da Unifesp. Pouco mais de um ano antes, o Ricardo estava em frente a faculdade em seu horário de almoço, quando presenciou uma intervenção policial num imóvel vizinho à Unifesp. Apesar do Ricardo estar num contexto em que as abordagens policiais se dão de modo diferenciado, os policiais trataram-no como o tratavam há duas quadras dali, onde ele residia. Naquela área, periférica, a violência policial é uma velha conhecida. Então, mesmo o Ricardo estando uniformizado e em seu local de trabalho, os policiais que realizavam uma intervenção no imóvel vizinho à UNIFESP, tratou o Ricardo como o trataria há duas quadras dali: com violência. Incomodados com o Ricardo ali, agrediram-no e estavam levando-o no camburão sem qualquer motivo.

Dois estudantes decidiram intervir no que acontecia, questionando os policiais sobre o que estava acontecendo, para onde e o motivo pelo qual Ricardo, já machucado, estava sendo conduzido. Um outro estudante gravou parte da cena. Os estudantes não foram respondidos e os policiais levaram Ricardo ferido no camburão. Os estudantes que haviam se envolvido na cena foram procurar por Ricardo na delegacia e no pronto-socorro. Em nenhum dos dois lugares

encontraram informações oficiais de Ricardo. Na delegacia, a pessoa que foi procurar informações, ao não conseguí-las informou que queria prestar queixa e denunciar o que havia assistido. Enquanto ouviam o depoimento, os agentes da segurança constrangiam e insinuavam ameaças, ao ponto da pessoa desistir de registrar a denúncia.

De volta a universidade, encontraram o Ricardo. Ele estava com curativos nos ferimentos e mesmo após o ocorrido, havia voltado para realizar sua jornada de trabalho. Abalado, ele pediu aos estudantes que não divulgassem o vídeo realizado quando ele foi levado ferido pelos policiais.

Sobre o período em que ele ficou desaparecido, sabe-se que os policiais levaram-na ao pronto-socorro para fazer os curativos e depois levaram-na até a casa de Ricardo, bairro em que atuavam e aterrorizavam a população pobre dali. A delegacia, a moradia do Ricardo e a universidade localizavam-se há cerca de três quadras de distâncias entre si, formado um triângulo. Os estudantes, compreendendo que Ricardo havia sido ameaçado e possivelmente torturado no período em que ficou desaparecido e em poder da polícia, respeitaram o pedido de não divulgarem o vídeo. No entanto, pelo abuso e violência, havia o desejo de se refletir como enfrentar essa situação, se formalizavam a denúncia, entre outros.

No dia seguinte ao ocorrido, na quinta-feira, os estudantes continuaram sem divulgar o vídeo, mas organizavam uma reunião mais restrita para refletir o ocorrido. Eu não recordo com exatidão se essa reunião ocorreu mesmo, mas se ocorreu acredito que deva ter sido reunião com público restrito, considerando a gravidade do caso. Na época eu era engajada em diversos espaços da universidade, inclusive os de organização de estudantes e se essa reunião tivesse acontecido de modo mais aberto, eu certamente teria participado. Na quinta-feira Ricardo continuou a trabalhar mesmo ferido.

Na madrugada de quinta-feira para sexta-feira, já em casa, o Ricardo se dirigia para um trailer de lanches próximo de sua casa, quando um carro com vidros escuros passou por ele dando-lhe tiros e executando-o. Na manhã de sexta-feira, o *campi* da Unifesp, estava completamente mobilizado e envolvido no ocorrido. Não tinha como *não* associar a execução aos episódios ocorridos menos de 48 horas antes. Um clima de medo envolveu a universidade, mesmo sabendo que a maior parte daquele público nunca sofrerá violência policial. Mas esse medo foi bem presente naqueles que historicamente são alvos da polícia. Houve também uma preocupação imediata com os estudantes que haviam interagido com os policiais, sendo necessário retirá-los da cidade de Santos, temendo-se pela a integridade física deles.

Num primeiro momento a universidade teve uma postura de não dar publicidade ao caso, temendo-se pela segurança de toda a comunidade acadêmica, especialmente a que se

envolveu no episódio da agressão. A preocupação também residia no fato de ser sexta-feira, portanto véspera do fim de semana, período em que a comunidade acadêmica não estaria na universidade e também período em que “acertos de conta” poderiam ser realizados.

Contudo, em dado momento, nós, estudantes, percebemos que a intenção da universidade também indicava um silenciamento sobre o ocorrido, divergindo da intenção de estudantes, de não normalizar e naturalizar a execução nas periferias. Muitas ações e histórias ocorreram (e ocorrem) em torno desse assassinato. Mas, para o que preciso contar, acredito que essas informações são suficientes para compreender um dos desdobramentos desse cenário, que foi a aproximação do e fortalecimento no território periférico do *campi* e a luta por justiça e memória de Ricardo Ferreira Gama. Assim, em 2014, como parte das atividades da II Semana da Consciência Negra na UNIFESP Baixada Santista, uma caminhada em memória de Ricardo foi realizada, percorrendo-se o quadrante onde ele vivia e trabalhava, mobilizando movimentos sociais, familiares e comunidade acadêmica. O término da caminhada era na própria UNIFESP, na sala do Espaço Estudantil, onde ocorreria também a nomeação do centro acadêmico de Serviço Social em memória ao Ricardo – passando-se a chamar Centro Acadêmico Livre Ricardo Ferreira Gama – CARFG. Somente nessa atividade conseguimos atrair alguns adolescentes para a universidade - no ano anterior diversas outras ações foram realizadas com essa tentativa. No dia seguinte a caminhada, os adolescentes tornaram a ir à universidade, o que para muitos de nós era uma conquista e esperávamos fortalecer esse vínculo e a possibilidades de construção de uma universidade *pública* que disso poderiam surgir.

### ***Quem não tem crachá***

Então, enquanto aguardávamos a mediação para a entrada de nossa convidada para a roda de conversa sobre negras/os na universidade, os adolescentes que aguardavam para participar da atividade foram incentivados a conhecer o *campi*. Eles viram o saguão, a biblioteca, o espaço estudantil... E chegaram ao laboratório de informática. Aberto e sem nenhuma informação que restringisse o acesso ao laboratório, os adolescentes adentraram esse espaço e começaram a utilizar alguns computadores. Outras pessoas também estavam na sala e utilizavam os computadores quando a diretora do *campi*, Regina Spadari, acompanhadas por seguranças patrimoniais chegaram ao laboratório e de forma hostil anunciou para as pessoas que quem não fosse estudante da unifesp se retirasse daquele ambiente. Estudantes questionaram-a o motivo de se retirarem, já que aquele espaço era público e nunca houve qualquer forma de restrição ao seu uso. Em resposta, a diretora interpela a estudante que a questionou perguntando “você pode entrar na prefeitura e usar uma sala da prefeitura? Podem entrar no palácio da república e usar?” E insiste, que, “por favor, saiam, isso não é uma lan

house”, que ali era um local “público de caráter determinado. Não é para qualquer pessoa *de fora* entrar e usar (...) aqui não é uma lan house”. Obviamente que o pedido dirigia-se aos adolescentes, que constrangidos e entendendo que ali não era um lugar para eles estarem, cabisbaixos e sem titubear ou responder uma palavra à diretora, levantaram-se e retiraram-se do ambiente.

Nisso, alguns estudantes, avisados do que estava acontecendo e considerando a medida violenta, dirigiram-se até o laboratório para mediar o conflito que a diretora estava gerando. Quando chegam nesse espaço, já encontram os adolescentes sendo convidados a se retirar de modo constrangedor. Dirigem-se à diretora tentando contextualizá-la sobre quem eram os adolescentes, o que estavam aguardando, etc, mas não são ouvidos e sem margem para diálogos, se alteram e discutem com a diretora.

A diretora, novamente volta sua atenção para dentro do laboratório de informática e torna a repetir que quem não fosse estudante da UNIFESP que se retirasse e como ninguém mais se retirava, ela dirige-se à duas estudantes, negras, as únicas pessoas negras na sala, e pedi-lhes os crachás. Confusas com os acontecimentos e constrangidas pela inquisição, procuram o crachá para apresentar à diretora, ao mesmo tempo em que estudantes não-negros questionam a medida da diretora. Uma estudante dirige-se à diretora e pergunta o motivo delas terem que apresentar o crachá, já que haviam outras pessoas na sala que não estavam com crachá visível e nem por isso estavam sendo questionadas. A diretora responde-lhe que não pediu o crachá para a estudante que a questionou, pois a conhecia, mas que pediria o de outras pessoas também, que aquela era a primeira fila.

A resposta *quase* teria convencido, não fosse o fato que na primeira fileira antes das estudantes negras e antes da estudante que a diretora dizia reconhecer como pertencente à comunidade acadêmica havia ainda mais uma estudante, a primeira pessoa da primeira fila, não negra, sem crachá e que também compreendeu que o que acontecia ali era um processo discriminatório. A primeira estudante da fila dirige-se à diretora dizendo que elas não se conhecem, que ela nunca havia visto a diretora na vida e um novo conflito surge. Estudantes identificam o racismo se expressando, as estudantes vítimas ficam confusas sobre como reagir, os adolescentes se retiram da universidade – e pelos três anos que eu ainda segui ali, sei que nunca voltaram.

As estudantes vítimas do racismo expressado pela diretora, tão concreto que gerou a intervenção de pessoas não-negras no momento em que o racismo ainda acontecia, decidiram e foram apoiadas à registrar o boletim de ocorrência e dirigiram-se à delegacia – a mesma delegacia envolvida no caso de Ricardo. Depois de um longo período de espera, não foi

registrado o boletim de ocorrência pelo crime de racismo, pois, na compreensão do delegado, a diretora poderia fazer o que quisesse na instituição em que dirige.

### *Vai se tratar*

Os estudantes organizadores da II SCN, bem como estudantes que haviam se mobilizado para participar da roda de conversa cujo o tema era “*Sou negro(a) e entrei na UNIFESP e agora?*”, cientes de que o que acontecera naquele início de tarde era justamente expressões do cotidiano que motivara a proposição daquela roda de conversa, tornam a atividade uma atividade de denúncia ao ocorrido.

Enquanto narravam o que tinha acontecido no espaço em que seria a roda de conversa, um estudante branco se aproxima da roda. Com os braços para trás, riso no rosto, posiciona-se de modo imponente e ri do que ouve e vê. Reconhecido por ter sido o responsável pela prática de um trote de teor racista na semana de recepção daquele mesmo anos, algumas/ns que estavam na roda de conversa dirige-se à ele e questionam-o, perguntando do que ele estaria rindo, se ele achava o racismo engraçado. Ele responde que se eles não achavam, o problema é deles. E um novo conflito se instala, com intimidações, posturas corporais, discussões verbais.

O estudante autor do trote racista recebe o apoio de alguns amigos que em sua defesa dirige-se aos estudantes negras/os dizendo que eles tinham que esquecer o trote, que já fazia tempo aquela história. Seus amigos são informados de que o conflito em curso não se relacionava ao episódio do trote e sim a provocação que ele havia lançado aos estudantes negros em um momento de fragilidade. Seus próprios amigos tem dificuldade em defendê-lo nessas circunstâncias, e passam a tentar retirá-lo daquele ambiente.

Ele ainda segue algumas estudantes, constrangendo-as, intimidando-as. Uma delas chega a tentar desferir-lhe um soco, mas não o alcança – esse estudante é alto e de porte atlético. Ele ciente de que uma agressão física poderia complicá-lo, apenas segue as estudantes, com braços para trás e peitoral para frente, curvando-se em direção a elas e despejando-lhes algumas agressões verbais. Em dado momento ele leva as mãos para a frente do corpo, segura seu saco escrotal e força sua pelvis em direção à uma das estudantes que também é dissuadida a se afastar do conflito.

Antes de se retirar da cena conflituosa esse estudante ainda tem tempo de virar para algumas estudantes negras, eu entre elas, e dizer que isso estava acontecendo por terem inveja dele, por ele ter olhos verdes, que estava sofrendo racismo reverso e que precisávamos ir nos tratar, pois o racismo estava em nossas cabeças. Finalmente algumas amigas conseguem retirá-lo do ambiente. Ao fundo, o futuro diretor do *campi* assiste toda a cena, literalmente de braços cruzados.

## Trote 2014

O trote a que faziam menção refere-se ao episódio ocorrido no início daquele ano. Durante o período de matrícula da calourada, estudantes veteranos costumam celebrar esse momento. Trata-se de um momento importante na vida do estudante que iniciará sua vida acadêmica e quando não-violento, o trote pode ser um momento importante. Sabendo-se que os trotes *também* ocorrem de modo violento e ao invés de significar o início de uma nova fase pode se tornar uma prática vexatória, violenta e humilhante, cada vez mais as universidades mobilizam-se para combater trotes nesses moldes.

Como as matrículas ocorrem antes do início das aulas, nem todas/os as/os calouras/os se mobilizam para esse momento, por estarem no período de férias. Contudo, por conta da greve realizada em 2012, os anos letivos seguintes foram afetados, de modo que no início de 2014, quando ocorriam as matrículas, ainda estávamos concluindo o ano letivo de 2013 e por isso muitas/os estudantes mobilizaram-se para realizar o trote.

Eu sempre me envolvi com as atividades de recepção de estudantes e isso incluía o trote. Acompanhei muitos momentos dedicados ao trote, para fazer a defesa de que quem não queria passar por aquilo não seria obrigada/o. Como eu me envolvia em outras atividades de recepção, não era incomum as/os calouras/os me reconhecerem das redes sociais e do momento da matrícula – aproveitávamos o tempo em que aguardavam na fila da matrícula para conversar com quem chegava, tirar dúvidas, prestar apoio, parabenizá-las/os, entre outros – era comum que depois que a matrícula desse certo me procurassem para agradecer, comemorar e, conforme fosse o caso pedir proteção contra o trote ou também para “aplicar o trote”.

Por ser uma universidade no litoral, era comum aplicarmos o tema marítimo/litorâneo em TUDO que desenvolvíamos – Cursinho CARDUME (que tem peixeiros e peixestudantes), Coletivo CONTRA-MARÉ (coletivo LGBT), Centro Acadêmico NAUTILUS .... No trote de 2014 alguém apareceu com alguns potes de tinta branca e como geralmente as cores pintadas nos estudantes relacionam-se com as cores do curso em que são calouros, para aproveitarem a tinta branca, veteranas/os estavam pintando calouras/os de qualquer curso com aquela tinta. Pintavam-as com marcações simulando o protetor solar, afinal, era a “federal no litoral”. Contudo, ao aplicar o trote numa caloura de Fisioterapia, negra, um veterano de Educação Física, caucasiano, passou-lhe tinta branca, mas ao invés de fazer menção ao filtro solar disse à garota que agora ela poderia entrar na universidade, pois “a universidade é branca”, mencionando de forma descontextualizada a frase que havia num cartaz-denúncia que havia no *campi*. Eu não presenciei essa cena, já havia “encerrado meu turno” naquele dia.



Apesar de não ter presenciado, logo me informaram sobre isso, pois algumas pessoas sentiram-se desconfortáveis com aquela frase e percebem que a estudante e sua família, haviam ficado desconcertadas com o teor racista do trote, mas ninguém conseguiu interferir/mediar a situação.

Eu não conhecia/tinha conversado com essa estudante, mas havia visto-a durante o dia. Sua presença no *campus* foi percebida por mim e outras estudantes negra/os e/ou periféricas/os. Sabendo das particularidades que nos afetam, a cada nova turma, procurávamos reconhecer entre àquelas/es que chegavam, quem compartilhavam dessas particularidades, procurando ampliar as possibilidades de permanência, especialmente simbólica. Mas nem precisava estar atenta à isso para ter notado aquela estudante e sua família já que eram a única família negra acompanhando uma estudante naquele dia.

### ***Exposição***

Sabendo do ocorrido, entrei em contato com a estudante pelas redes sociais. Também fiz uma postagem em minha rede social no Facebook em que eu desabafava e problematizava o ocorrido. Apesar da postagem não ter sido pública, uma pessoa copiou o texto e publicou a reflexão no grupo de facebook mais utilizado pela comunidade acadêmica da UNIFESP Baixada Santista, no facebook: o Unifespianos. Acredito que quem realizou a postagem não tinha a intenção de me expor, tanto que não postou que era uma postagem minha, provavelmente intencionava chamar a atenção para o fato, promover a reflexão, sei lá.... Só sei que essa postagem gerou um grande desgaste e exposição do caso e do texto, tanto para mim, quanto para quem reproduziu minha postagem.

Na postagem, eu não falava quem fez o que, eu focava a reflexão na expressão do racismo naquele gesto, nem mesmo caracterizava o autor do trote, exceto com a informação de que ele era caucasiano – o que, na época, ainda significava a maior parte das/os estudantes. Nos comentários a discussão foram intensas e colocaram o racismo em questão. Havia uma diversidade de comentários e posicionamentos sobre o ocorrido, em apoio à estudante e em apoio ao veterano, ainda que desconhecido. Em alguns comentários falava-se em um pedido de desculpas à estudante.

O autor do trote, incomodado por ter sido *interpretado* como racista resolveu ele mesmo se identificar, reivindicando a autoria do trote numa nova postagem. A postagem pedia desculpas à comunidade unifespiana. Mas não eram desculpas pelos fatos ocorridos. Eram desculpas por terem que ler o texto de algum negro que distorcia a realidade. Pedia desculpas às pessoas que foram *incomodadas* com um texto daqueles. E afirmava que não pediria

desculpas pelo trote, afinal, ele não era racista a postagem seria um ataque que tinha apenas a intenção de “denegrir” a imagem dele.

A postagem gerou a comoção da branquitude unifespiana que rapidamente se reconheceu nesse estudante. Eu não desejo que seus olhos leiam tudo que foi escrito naqueles comentários. Como parte do apoio surgido ao estudante autor do trote racista, duas valem a pena de serem mencionadas: o estudante adicionou seu pai no grupo do facebook e o pai passou a fazer a defesa do filho nos comentários e também a se posicionar em outras assuntos no grupo<sup>22</sup>; e no dia seguinte, no trote, veteranos pintaram-se com tinta preta, fotografaram-se, postaram no Unifespianos, protestando contra o racismo reverso.

A estudante que sofreu o trote racista nunca deu início ao curso e evadiu.

## **DIREÇÃO RACISTA**

Depois que adolescentes foram expulsos, que as estudantes não conseguiram registrar o boletim de ocorrência do conflito entre estudantes, que algumas respostas institucionais não existiram – procuramos aconselhamento junto ao Núcleo de Apoio aos Estudantes, mas, assim como no caso do trote do início do ano, não encontramos possibilidade de respostas institucionais - e com o histórico que esse *campi* possuía em matéria de relações étnico e raciais, diferentes estudantes entenderam que se não houvesse um *fato* político que marcasse a gravidade do que havia acontecido, o caso poderia ser distorcido ou ser rapidamente abafado sem qualquer mudança cultural.

Assim, conforme chegavam à universidade e atualizavam-se sobre o ocorrido naquele dia, um grupo de cerca de trinta pessoas decidiram realizar pixação-intervenção na porta da diretoria acadêmica. A pixação dizia “DIREÇÃO RACISTA”. Obviamente que a pixação preta na porta branca gerou mais indignação do que o que a motivou ou mesmo a tinta branca na estudante negra. A diretora abriu um processo administrativo contra sete estudantes por conta da pixação. Como não sabia individualizar quem havia realizado a pixação, a diretora ofereu a denúncia contra as duas estudantes que ela havia pedido o crachá, mesmo que na hora da pixação elas estivessem na delegacia; dois estudantes que faziam parte da organização da IISCN e que foram até ao laboratório tentar mediar a situação com adolescentes; a estudante não negra que a questionou sobre o critério para pedir o crachá no laboratório; e duas lideranças do movimento estudantil. Também ofereceu denuncia na Delegacia de Santos da Polícia Federal.

---

<sup>22</sup> Inclusive nas postagens sobre furtos na região, inclusive dizendo que se fosse o território de atuação dele, que é policial, os furtos não estariam impunes. Quando questionado se aquilo insinuava a execução de assaltantes ele respondeu apenas que “Deus é quem encomenda, eu só passo”.

O processo administrativo gerou uma sindicância e seu resultado absolvía as/os estudantes acusados pela diretora. Já na Polícia Federal, foi necessário constituir defesa das/os acusadas/os, depois de algumas oitivas de recursos, o processo foi arquivado.

**“Tá na minha cabeça”**

*Tá na minha cabeça!  
Tá na minha cabeça!  
Tá na minha cabeça, sim.  
O racismo tá na minha cabeça, mas não fui eu quem o pus aqui.*

*O racismo tá na minha cabeça, mas não fui eu quem pus aqui,  
Junto ao meu cabelo pixaim, onde todas as ideias se fazem em mim.  
O racismo não tá nos olhos de quem vê, mas nos privilégios de quem  
nunca viu ou ouviu, sentiu...!*

*Quem vê, sente, sofre, dói.  
Essa história não é nova, vem de lá de trás:  
fala da sua mãe,  
Nossas avós, griots, ancestrais...*

*Eu quero saber,  
quero saber quando vai sair daqui,  
deixar meu cabelo em flores,  
o mundo sem senhores,  
em cores  
(para além do sangue que escorre em carmim).*

*Tá na minha cabeça,  
Tá na minha cabeça, sim  
o racismo tá na minha cabeça, sim  
juntinho dos planos e sonhos para que isso tenha um fim.*

*Nos privilégios dos que não vem,  
Nos olhos de quem sente e  
Na ação de quem resiste.*

*Tá na minha cabeça  
na minha poesia,  
na minha ação  
e no meu pente  
garfo,  
que tudo engole.*

*Já foram tantos sapos  
que acabei com todos os príncipes:  
sei da vida foda, não sei de conto de fada:  
Margarida me ensinou o manejo da enxada,  
Maria bonita o da faca,  
Carolina a caneta,  
Dina Di a letra,  
a vida as tretas  
meu caminhos eu quem faço, eu mesmo vou desenhando minha caminhada.  
O racismo tá na minha cabeça,mas não vou deixar marcar minha alma.*

***O nosso movimento incomoda*** <sup>23</sup> – ***sobre “...precisa disso?” e a violação do corpo negro.***

Quando falamos da solidão da mulher negra, não estamos nos referindo apenas à solidão afetiva, ao preterimento nas relações. Falamos de uma experiência de vida de um determinado lugar na estrutura da sociedade que está tão isolado dos demais grupos sociais, que nossa experiência é a da solidão extrema. E isso é *bizarro*, pois, desse lugar, fomos obrigadas à desenvolver uma compreensão da estrutura social, que nos permite entender tanta coisa, compreender tanta gente, que *entendemos demais*. *Aceitamos demais*. Aceitamos até mesmo o que não merecemos, se é que alguém merece alguma coisa. Então, quando *conseguimos* estar na universidade e não sermos às únicas naquele lugar, é uma conquista individual e coletiva. Mas se nós estamos ali, quem está nos lugares em que esperavam que estivéssemos? Será que conseguem nos enxergar em outros lugares que não os estruturalmente definidos? Dificilmente rompemos com essa lógica. Ocupamos ambos os papéis, seguimos transitando entre mundos diversos.

Em dado momento da minha graduação, eu *finalmente* encontrei outras mulheres negras estudantes vivenciando a universidade e que refletiam essa condição. Fomos encontro, fomos suporte e nos fizemos coletiva. De um texto manifesto-poético, nos apropriamos de um de seus versos e nos nomeamos como Coletivo de Mulheres Negras “Não Mais. Não, Sinhô” – NMNS<sup>24</sup>.

Apesar de constituído num espaço universitário, não resumíamos nossa atuação e composição à universidade. Fato é que, andarmos reunidas, duas, três, quatro mulheres negras, não era mais incomum. Por meio de duas memórias desse período quero contar sobre as manifestações de incômodo com a presença de nosso corpo negro na universidade. A primeira é sobre andarmos em grupo. Para uma universidade que reproduz a lógica racista, somos uma *ameaça*. E isso é tão entranhado, tão entranhado, que *independe* de nossa vontade em *querer* incomodar – sim, tem momentos que queremos mesmo incomodar.

Certo dia, eu e mais duas estudantes negras, que também participavam do NMNS, caminhávamos pelo *campi*, talvez um pouco apressadas para chegar no restaurante universitário. Cumprimentamos algumas pessoas conhecidas nesse trajeto. E teria sido uma

<sup>23</sup> Verso da canção “Quem sabe um dia” do grupo de rap Realidade Cultural.

<sup>24</sup> Um dia a Débora Silva, do Movimento Mães de Maio, entusiasmada e fortalecendo nossa caminhada, chamou a atenção que esse nome tinha um *equivoco*. “É NÃO MAIS, SIM, SINHÔ!”, ela observou e nos avisou. Hoje eu diria que é NÃO MAIS. SEM SINHÔ.

atividade cotidiana. Mas não foi. Após nos afastarmos de algumas conhecidas um diálogo se estabeleceu. Nesse diálogo, uma *colega*, incomodada com nossa *presença em grupo*, inquiriu a outra se “*precisava disso?*” referindo-se ao fato de estarmos andando em grupo, expressando estar incomodada com a nossa presença em grupo. Mas pessoas em grupo não eram incomum, especialmente no horário do almoço e próximo ao restaurante universitário. O incomum era o grupo ser de *mulheres negras*. Na verdade, também havia *um outro* grupo de mulheres negras, que parecia não gerar estranhamento, se é que eram vistas – talvez o uniforme que utilizam para poderem realizar a limpeza do espaço físico, as tornem invisíveis ou toleradas. *Sei que não fui aceita, fui tolerada*<sup>25</sup>. Mas um grupo de mulheres negras *estudantes*, ai é demais. E olha que naquele dia éramos apenas um trio querendo almoçar. E todas nós individualmente nos relacionávamos com a estudante que fez tal questionamento. Mas nossa *presença incomoda*. *Nossa presença ameaça. O que? Quem? A gente só tava indo almoçar, mano. Só almoçar.*

E não é apenas a nossa presença. É nosso movimento. Nossa interferência. Nossa expressão. Tudo. Nossa existência incomoda. Enquanto NMNS *sabemos o quanto nos custou*<sup>26</sup> *bancar um coletivo de mulheres negras se organizando* – a relação com o movimento negro e o movimento feminista que organizavam-se também na universidade tornou-se hostil quando colocamos nossas pautas na mesa.....

A outra memória que trago para disparar sua reflexão e que eu relaciono também com a experiência de perceber que nossa presença/existência incomoda, refere-se à uma das minhas *pretinhas*, que é como eu chamo uma das minhas intervenções artísticas.

Uma das formas que elaborei para enfrentar a solidão da mulher negra é o desenho. Perdi as contas de quantas vezes ao não me reconhecer na universidade, não conseguir falar em sala de aula, passei a fazer rabiscos no canto dos cadernos. Sempre fiz isso. Mas só na universidade é que vi surgirem mulheres negras nos movimentos da caneta. E conforme elas ficavam nítidas e gritavam na folha, fui vivicando-as em vários suportes. Fomos lambe-lambe. Fomos pixo. Fomos camisetas. Fomos criando-nos. Uma dessas criações foi feita no Espaço Estudantil, sala sob gestão dos estudantes e que recebe intervenções diversas em suas paredes. Grafitei uma *Pretinha* numa parede principal. Não por atenção, mas por ser onde havia espaço

<sup>25</sup> Em menção ao verso cantado por Bia Doxum em na cypher Psicopretas 1.

<sup>26</sup> Como nosso foco não era o contexto universitário, mas nossa inserção nesse espaço nos afetava demasiadamente, em dado momento optamos por fomentar a construção de um coletivo de mulheres negras na universidade e assim fomentamos o criação da Coletiva ECOA, Preta!, essa ainda em atuação na UNIFESP Baixada Santista. O NMNS, que tinha uma proposta de intervenção a partir da arte, ação política e educação, acabou suspendendo suas atividades, mas ainda sonhamos em retornar.

livre para pintar. Assim que entrava na sala, avistávamos à Pretinha. De olhos fechados, sua expressão era essa:



Figura 2 "Pretinha", vetorizada. Arte da autora.

Eu não possuo mais a imagem original, apenas essa em que a foto foi tratada digitalmente por meio da vetorização da imagem. Apesar de não ser a fotografia original, é suficiente para vermos a *Pretinha* e sua expressão.

É importante comentar que as paredes do Espaço Estudantil eram paredes em que nenhuma intervenção era proibida. Pelo contrário. Era comum o *diálogo* entre as intervenções, surgindo respostas e intertextualidades, mas não recorro de ter notado *atropelos*. Nem, mesmo as expressões que poderiam ser consideradas ofensivas, eram apagadas.

Em dado momento as paredes (e teto, janelas e chão) do Espaço Estudantil ficaram tão *ocupadas* que o movimento estudantil coletivamente decidiu pela pintura das paredes. Mesmo quando isso ocorreu, tiveram o cuidado em fotografar todas as superfícies, entendendo que aquelas intervenções são parte da memória estudantil.

Um dia quando cheguei ao Espaço Estudantil, me senti (fui) extremamente violada. A minha intervenção ainda estava ali, mas alguma pessoa *sentiu-se* confortável o suficiente para alterar a minha arte, pintando olhos abertos em cima da *Pretinha*. Só esse gesto, já seria violento o suficiente. Não precisa ser da rua para saber que não se atropela, quem dirá alterar a arte alheia. Mas era um grafite e era uma representação de uma mulher negra. Então estava autorizado manipular aquele corpo, mesmo que graficamente. Fora isso, pintaram-lhe olhos por sobre a tinta das pálpebras negra. E não sei se você sabe, mas misturar cores não é fácil, especialmente para fazer peles negras. Os materiais de arte reproduzem a lógica do apagamento negro e ainda é escasso nosso acesso à materiais com paletas que possuam pigmentos para reproduzirmos peles negras. E também por isso até mesmo fazedores de arte *não sabem* trabalhar com essa pigmentação de peles negras, seja para pintá-la, seja para apagá-la. A pessoa que resolveu intervir por sobre a minha arte, talvez não estivesse preocupada com esses *detalhes*. Ela apenas pintou olhos abertos por cima das pálpebras negra e da mistura dessas cores produziu-se um efeito assustador, pois o globo ocular não ficou branco, ficou um gradiente em vermelho. E a íris não possuía detalhe, era um bola preta em primeiro plano, sob um fundo “branco” (vermelho). Era um estereótipo perfeito da *mulher negra raivosa*<sup>27</sup>.

Eu tornei a pintar, fechando-lhe novamente os olhos. Dessa vez, por conta das novas camadas de tintas, a pálpebra ficou mais escura, assemelhando-se à olheiras. Entre o estereótipo da mulher negra raivosa e a realidade de mulheres negras cansadas, eu preferia representar o segundo.

Alguns dias depois, *n o v a m e n t e* violaram a representação da mulher negra que eu havia feito e pintaram-lhe olhos por sobre às palpebras com olheiras. Novamente ficou assustador. Novamente cerrei-lhe os olhos. Não lembro quantas vezes mais isso aconteceu, mais aconteceu mais do que duas vezes. Sinceramente? Não lembro se eu ou a pessoa desistiu do abre-fecha dos olhos da *Pretinha*. Lembro apenas que eu resolvi pintar uma outra *Pretinha* naquelas paredes, mas dessa vez num espaço atrás da porta *que talvez* não fosse cobijado. Pinte uma *Pretinha*, de olhos abertos, junto com a frase “RESPEITE AS MINAS PRETAS”. Surgiram frases em diálogo com a frase como “respeitem todas” (e não apenas as minas pretas). E não sei se os olhos abertos *agradaram mais* ou se o local escondido era mais *tolerado*. Só sei que essa *Pretinha* só foi apagada quando todas as paredes foram “reiniciadas”.

---

<sup>27</sup> Sobre isso, veja a poesia de Porsha O. em “Angry black woman”.



Durante a batalha do abre-fecha de olhos, eu fui desgostando do Espaço Estudantil, então não posso dizer que outras interferências ou diálogos com as *Pretinhas* podem ter sido gerado, pois já não frequentava o local.

Com essas duas memórias, aprendi e apreendi que mesmo nossa representação gráfica incomoda e pode ser manuseada/violada, ao bel prazer de outrem. Nem mesmo como expressão de arte somos respeitadas e a presença do corpo negro é uma ameaça. “*O nosso movimento incomoda, e eu sei que é foda*”.

### ***Com os pés no chão e o mundo nas costas***

*Carregamos o mundo em nossas costas, por vezes, até no colo. Somos as lágrimas das Mães de Maio. Os dedos doídos das quebradeiras de coco. O braço cansado, teso, esticado por horas no transporte público. Somos as trabalhadoras terceirizadas. As trabalhadoras escravizadas que limpam o chão dos centros universitários onde, invisibilizadas, nos têm por ignorantes. A vergonha da violência calada sob o corpo opressor que nos violam. Aprendemos desde muito cedo, mesmo pouco frequentando as escolas, que nossa sina é mesmo essa. Acreditamos que gentilezas não são para nossa classe, nossa face escura, nosso gênero. De grito preso na garganta remoemos o ódio de tanto sofrimento. Não sabíamos que isso pode se transformar em forças. Não queremos saber de paz, "a paz é muita branca". E somos pretas. Azeviche. Escurinha. Encardida. Asfáltica. Retinta. Tantos "adjetivos" já recebemos ao não sermos reconhecidas e valorizadas como Negras, como pretas. Nos dizem "mais forte" por suportarmos as violências que a branquitude, não "aguentaria tanto". No entanto, nunca nos perguntaram se aguentaríamos. É que fomos educadas para papéis diferentes. E quando eles se mesclam, o apoio vem para as que não foram preparadas para as mazelas da vida. Já nós que, se presume, existir para isso, não podemos querer ter "ideal nobre", ter direitos, ser gente— "Magina! Doméstica com direitos trabalhistas? Suas filhas estudando em universidade pública? Vão querer mais o que? Meus privilégios de branca?" — E mesmo não querendo passar por isso, são nossos filhos que tombam com as balas perdidas de destinos certos; somos nós que nos enfileiramos nas portas dos centros de detenção; que choramos nos dias 02 de outubro e também novembro e maio e sempre; que temos nossa identidade pintada, embranquecida; nossa cabeleira crespa esticada, enloirecida; nosso lábio largo, silenciado; nosso prazer, estraçalhado; nossos traços e cultura, demonizados; nosso padrão estético estigmatizado. Era melhor não estar viva! Mas, suicídio não está na programação do dia — "Tá louca? Tenho quatro filhos pra criar, não tenho tempo para pensar nessas coisas de tristeza, de dignidade, de depressão". Viram só? Somos mais fortes! Tudo suportamos. A culpa é nossa? Não é, mas só com a nossa luta que virá liberdade para todas as mulheres. Se o gênero, socialmente construído, nos une, a classe, a raça e sexualidades nos dividem, oprimem e sobrecarregam. E por sermos "culpadas" e carregarmos tudo isso nas nossas costas, e por vezes até no colo, hoje afirmamos engendrando a liberdade em nosso interior, gritamos a todos e todes: NÃO MAIS! Sem sinhô!*

### ***De Capítulo 4, Versículo 3 à AmarElo – diálogos entre universidade e o RAP***

“60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial.  
A cada quatro pessoas mortas pela policia, três são negras. Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros. A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo. Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente<sup>28</sup>  
(RACIONAIS MC’S, 1997)

É com esses versos-denúncia que é introduzia a canção “**Capítulo 4, Versículo 3**” do grupo de RAP Racionais MC’s e que a depender de seu conhecimento musical, você *leu* no mesmo ritmo da música. Não se sabe quais as fontes que Primo Preto utilizou para construir esses versos, mas, fato é que algumas gerações apreenderam esses dados que aproximavam-se da realidade. Desses dados, quero dialogar ao que se refere à universidade.

O RAP contribuiu grandemente para meu processo formativo. Nascida e crescida na zona sul de São Paulo, apesar de sempre ter ouvido RAP *indiretamente* na vizinhança, foi só na adolescência, entre 13 e 14 anos, que o RAP começou a falar comigo. Isso mesmo, *falar*. O RAP *fala* com a gente. E desses diálogos, como qualquer ação dialógica, gera processos de aprendizagem, reflexão, tomada de consciências... O RAP é um grande Educador Popular, que em cada tema, dispara temas geradores partindo de nossa realidade social que nos fazem recriar essa mesma realidade.

Contextualizado isso, volto agora para a reflexão de que cresci ouvindo que nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos eram negros. Como expressão do sistema cultural periférico, o RAP também expressa a compreensão de mundo que os moradores da periferia possuem. Entao, a realidade observada e a reflexão sobre nossa ausência no ensino superior, tanto nos educou sobre a ausência, quanto nos tornou críticos às universidades, dada as desigualdades que ela reproduz. Então, no RAP e depois nos espaços de expressões poéticas mediadas pela oralidade, sempre apreendi um posicionamento crítico e até mesmo uma aversão à universidade. O que não ficava muito compreensível era se a crítica também se dirigia aos negras/os/periféricas/os que adentravam ao ensino superior, uma vez que temos visto e vivido essa mudança na realidade da composição estudantil ser alterada em decorrência de políticas de expansão do ensino superior.

<sup>28</sup> Trecho da canção “Capítulo 4, Versículo 3” do grupo de RAP Racionais MC’s.

Por vezes o próprio sistema cultural da periferia reproduz um discurso segregacionista em relação à universidade, quando, na minha percepção, a crítica, na realidade, dirige-se ao modelo de universidade. Há um incômodo com a postura de pesquisadores “extrativistas” de conhecimento, que investigam pobres, muitas pesquisas que não se traduzem em mudanças nas vidas das/os pesquisados, mas geram benefícios para os pesquisados, mantendo-se uma estrutura desigual. O incômodo é maior quando se percebe que o que gera benefícios aos pesquisadores é justamente o conhecimento de seus pesquisados, a exploração do conhecimento. Isso contribuiu para que ao longo do tempo a ideia de intelectuais, pesquisadores e universidades fosse, de certa forma, rechaçados – embora o Hip Hop faça um apelo ao conhecimento, sendo esse, inclusive, um de seus elementos. Ao mesmo tempo, sabendo-se que o ensino superior pode possibilitar ascensão social *também* houve um maior apelo para que periféricas/os adentrassem às universidades públicas e privadas, construindo/ampliando as subjetividades dessas/es sujeitas/os. Assim, tenho percebido algumas mudanças nos discursos do RAP sobre universidade e aqui compartilharei algumas dessas observações.

**Coração de Mãe** – o grupo de RAP “Face da Morte”, apesar do nome fatalista, tem um construção narrativa que produz *esperança*. Um de meus grupos favoritos, tem uma canção chamada “Coração de Mãe”. Interpretada por vozes masculinas, a canção possui um eu-lírico feminino. Trata-se de uma Mãe que é visitada por um estudante de jornalismo que pretende realizar uma entrevista para seu trabalho de conclusão de curso. Empolgada com a possibilidade “receber um jornalista”, a mãe recebe o estudante, sem saber muito como é que ela pode ajudá-lo. O estudante diz que seu “*objeto de estudo são as mães de detentos, sua vida aqui fora, sua visão do que é lá dentro*”(FACE DA MORTE, 2007), o que inicialmente assusta a mulher, por temer que o que ela diga possa prejudicar a sua família, pois além de mãe ela é esposa de um detento. O estudante informa que “*problema não vai dar, mas vai mecher com a sua dor, se a senhora autorizar, eu tô ligando o gravador*”(FACE DA MORTE, 2007).

A mulher então passa a contar seus desafios e como seu esposo e depois seu filho foram envolvidos pelo tráfico e corrupção policial, “*não pude evitar, a minha casa virou boca*”(FACE DA MORTE, 2007. Fala de ilusões e solidão e por fim comenta sobre o sofrimento ao ver o bolo que levou para seu filho ser esfaqueado antes de poder entrar na visita. Ela então encerra dizendo “*é no aeroporto é diferente, não esfaqueiam o bolo. Lá é, raio x, detector de metal, privilégio pra rico. Humilhar o pobre é coisa normal*”(FACE DA MORTE, 2007 e torna a se dirigir para o estudante pesquisador “*É isso, meu filho. Isso reflete a tal luta de classe. Agora vai, divulga tudo na sua linda faculdade*”(FACE DA MORTE, 2007.

A postura dessa mulher em relação à universidade é a de que a faculdade/universidade é um lugar e realidade muito distantes; sente-se importante por poder contribuir com os estudos de alguém, já que a universidade/faculdade é um lugar importante, mesmo sem entender *como* sua realidade possa ser *importante*. Ao mesmo tempo em que atende à essa postura, de sujeição, que coincide com a ideia da universidade como um lugar culto, com pessoas *educadas* e por isso *superiores*, ela também desestabiliza essa noção ao narrar de modo concreto um discurso muitas vezes apreendido apenas no plano teórico, *ensinando* ao pesquisador as *expressões da luta de classes*, que logo irá voltar para uma realidade muito distinta e superiorizada à dela para falar por ela – *na linda faculdade*.

Na adolescência eu me identificava com o Hip Hop, especialmente o grafite, o RAP e o *conhecimento*. Desde a infância eu me inclinava para a criação, reflexão, conhecimento e colaboração e felizmente tive pessoas que puderam estimular isso em mim, tanto na família, quanto na escola. Na escola, no ensino fundamental II isso foi mais estimulado por professores, numa escola extremamente precarizada, mas que por meio do compromisso de cinco ou seis professores – recordo-me formalmente de quatro delas/es: Vera Lúcia, Luis Tadeu, Célia e, o já falecido, Luis Maranhão – conseguiram realizar um Projeto Político-Pedagógico que favorecia essas características.

No entanto, ainda assim, estudar não era uma cultura muito acentuada entre os moradores da periferia. A periferia é formada por nordestinos, por negas e negros, por pobres, por indígenas, por migrantes... Estrutural e historicamente fomos alijadas dos espaços formais de construção de conhecimento e nosso conhecimento, por não seguir o rito da produção do conhecimento hegemônico produzidos nesses espaços, sequer são reconhecidos como tal – apenas quando atestado por algum pesquisador do espaço formal do conhecimento. O equívoco grosseiro é tomarem-nos por pessoas “sem cultura”, em relação a lógica formal de produção do conhecimento, quando, na realidade, somos nós os “insumos” para que possam desenvolver esse conhecimento e, principalmente, por termos nossa própria forma de fazer isso.

Não caberiam hierarquias entre as formas de se conhecer o mundo, mas no modelo hegemônico de conhecimento desenvolvido nos espaços formais de conhecimento, essa hierarquia ocorre. Então, se formos considerar acesso aos estudos como um indicador de cultura, de fato essa mudança é muito recente para a periferia, que também está tendo que reelaborar seus discursos e lugares sobre a/ e na universidade. Acontece que enquanto eu era adolescente, para mim a valorização dos estudos ainda era uma experiência muito solitária e por isso também eu me identifiquei com a cultura Hip Hop, que era uma forma de desenvolver criatividade, reflexão, crítica e também sociabilidade. Então, foi realmente uma *surpresa* para

mim quando ouvi pela primeira vez a música “À quem possa interessar”, do rapper Kamau. A música é uma dedicatória de Kamau à várias pessoas que inspiram o trabalho dele. Ele agradece aos que sempre o apoiam, aos que sempre perguntam como está a produção dele, onde comprar o CD, quando terá show... Ele entende que essa preocupação das pessoas o fortalecem e por isso dedica os versos para falar com essas pessoas, a quem ele dedica seu trabalho e evidenciando que essas pessoas também estão vivendo um cotidiano de muito trabalho, tal como ele. Por isso, por meio da canção, deseja ser um incentivo à elas, assim como o cuidado dessas pessoas incentivavam ele. Ele então descreve a rotina de algumas dessas pessoas na periferia. Fala de quem sempre pergunta sobre o trabalho dele; fala de quem trabalha com o que não gosta, mas persiste; e fala

“Essa é pra você que escutava, prestava atenção,  
em casa sempre estudava, sempre entregava a lição  
seu pai achava que não era mais que a obrigação  
mas sua mãe tinha orgulho de ter um filho tão esperto  
dia de prova todo mundo queria tá perto  
pedindo cola, vagabundo dizia "tá certo"  
foi assim do primário ao vestibular  
com bolsa de 100% em cursinho particular  
passou no curso que queria na primeira lista  
mas viu que era mais difícil do que parecia  
desbravou o território que desconhecia  
diploma na mão e o aprendiz virou especialista (...)"  
(KAMAU, 2008)

Esses versos *realmente* motivaram-me a seguir com minha rotina de estudos para o vestibular, mas a surpresa foi ouvir um incentivo para o acesso ao espaço formal do conhecimento. Se as letras de RAP são *crônicas* sobre o cotidiano periférico, então tinha mais gente nas periferias com uma rotina como a minha e precisando do mesmo incentivo que eu. E se esse assunto havia virado um verso, então provavelmente essa era uma realidade em construção/expansão nas periferias. Além da motivação, a música também produzia um *pertencimento* e anunciava que essas/es periféricas estariam nas universidades.

Outra canção que chamou-me a atenção por trazer os desafios do cotidiano de ser periférico na universidade para uma letra RAP, é “A volta pra casa” do rapper Rincon Sapiência. Tratando das condições do transporte público ofertado aos trabalhadoras/es quando fazem o caminho de volta para casa nas periferias, após jornadas múltiplas, Rincon narra a jornada de uma mulher e a de um homem. A do homem, em específico, é a de um trabalhador e estudante universitário. Por tratar-se de um homem negro, a narrativa também condensa às violências estruturais aos quais estão sujeitos:

“Da casa pro trampo, do trampo pra faculdade  
O corpo exausto, apesar da pouca idade  
Sem novidade, a mesmice na rota

Tentando ser um bom funcionário com boas notas  
 Trabalhar, estudar, nem sempre se encaixa  
 Nem mesmo no fim da aula o aluno relaxa  
 Pensa na volta, no clima lá fora  
 O metrô não funciona por 24 horas  
 Logo vem na mente os lençóis  
 E o busão vai parando nos pontos e nos faróis  
 É feroz esse desafio  
 Manhã, tarde ou noite, é raro um busão vazio  
 Ele se adianta, violência espanta  
 Sua família ansiosa o espera pra janta  
 A madrugada é tensa quando um estouro canta  
 A mãe já pensa coisas, dá um nó na garganta  
 Ow, perigo em todos os lados  
 Quanto mais dinheiro, vivem mais isolados  
 A violência na cidade tem se espalhado  
 Se isola mais ainda quem tem um carro blindado  
 Andando com cuidado, os passos apertados  
 Receio de sofrer abuso de um homem fardado  
 Chegando em casa, ele se sente mais aliviado  
 É recebido com o calor de um abraço apertado, ow  
 É hora de voltar pra casa  
 Trabalhador, só quer chegar bem  
 Infelizmente não tem asas  
 E precisa das ruas e das linhas do trem  
 A condução está tão cara  
 Conforto é algo o que não tem  
 Mas o trabalhador encara essa rotina  
 Sem nunca depender de ninguém”  
 (SAPIÊNCIA, 2017).

Já os versos em que narra a condição da mulher trabalhadora na volta para casa, não se trata de uma mulher que também está na universidade, mas aponta-se que apesar dela levar um livro na bolsa, não consegue realizar a leitura no ônibus cheio e também fala-se das violências estruturais ao qual está sujeita por ser uma mulher negra, trabalhadora e moradora da periferia (SAPIÊNCIA, 2017). Na época, eu identificava-me com a música em sua totalidade, já que eu tinha a rotina do homem representado, mas era a mulher representada e levava de 6 à 7 horas com deslocamentos por meio do transporte público diariamente.

Mas é no trabalho do rapper Thiago El Niño que encontro uma reflexão contundente e que, para além do incentivo ao acesso e permanência nos espaços formais de conhecimento, propõem-se uma reflexão sobre a construção desses espaços, seu arranjo estrutural e modelo pedagógico. Inspirado no livro “Pedagoginga” de Alan da Rosa, a canção homônima permite-nos muitas apreensões e cativa-me fortemente.

Em Pedagoginga Thiago El Niño historiciza a dominação por meio do pensamento

“E uma hora cês vão ver o inevitável  
 Nossa fé é imensurável e transforma dor em motivação  
 Pra superação, tanta humilhação  
 Atravessar o oceano para tramar na sua plantação  
 Café, algodão, cana, escravidão

Alforriaram o nosso corpo, mas deixaram as mentes na prisão”  
(EL NIÑO, 2018);

#### Nega esse modelo de pensamento

“Não! Abre logo a porra do cofre  
Não tô falando de dinheiro, eu falo de conhecimento  
Eu não quero mais estudar na sua escola  
Que não conta a minha história, na verdade me mata por dentro  
Me alimento da sabedoria de entidades de terreiro  
Sou guerreiro da falange de Ogum, zum zum zum  
Capoeira mata um, mata mil”  
(EL NIÑO, 2018);

#### Aponta outra possibilidade formativa ante ao modelo hegemônico

“Pedagoginga na troca de informação  
Papo de visão, nossa construção  
Passa por saber quem somos e também quem eles são  
Não entrar em conflitos que não tragam solução  
Evitar a fadiga, não dar um passo em vão  
Quando todo campo de conhecimento é válido  
Só tem que o homem pálido  
Nos vende que somente o seu que serve  
Levanta-se a voz daquele que se atreve  
A expor seu desconforto mesmo que o sistema não releve  
Não é leve não, mano, pesado pique um fardo  
Eu tenho amigos no outro lado, são exceções que eu tenho amor  
Mas se tem coisa que a escola não me ensinou  
É que o amor é indispensável em qualquer lugar que for”  
(EL NIÑO, 2018);

#### Compartilha a própria experiência nesses espaços questionando sua intencionalidade

“Mano, vou te falar ein, ô lugar que eu odiava  
Eu não entendia porra nenhuma do que a professora me falava  
Ela explicava, explicava, querendo que eu  
Criasse um interesse num mundo que não tinha nada haver com o meu  
Não sei se a escola aliena mais do que informa  
Te revolta ou te conforma com as merdas que o mundo tá  
Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar  
Depende da história contada e também de quem vai contar”  
(EL NIÑO, 2018);

#### E reivindica a importância que o Hip Hop teve para ele na ruptura com esse arranjo hegemônico e afirmação de uma perspectiva emancipatória

“Pra mim contaram que o preto não tem vez  
E o que que o Hip-Hop fez? Veio e me disse o contrário  
A escola sempre reforçou que eu era feio  
O Hip-Hop veio e disse: Tu é bonito pra caralho  
O Hip-Hop me falou de autonomia  
Autonomia que a escola nunca me deu  
A escola me ensinou a escolher caminhos  
Dentro do quadradinho que ela mesmo me prendeu”  
(EL NIÑO, 2018).



Importante comentar que Thiago El Niño teve acesso ao ensino superior público federal e que essa inserção permite-lhe uma outra experiência para questionar a educação, especialmente tendo formado-se em Pedagogia e reivindicando-se Educador Popular.

Também publicizada em 2018, o RAP “Cota não é esmola” da artista Bia Ferreira, manifesta uma crítica a interpretação de que as cotas raciais e sociais são concessões caritativas e benevolentes e narra de modo didático o contexto desigual e estrutural em que se tornam necessárias cotas raciais e sociais. A necessidade de uma música que aborde essa questão, permite-nos considerar que esse tem sido um conflito no interior das universidades e Bia é contundente e combativa ao demarcar que esse conflito é também uma expressão do racismo e uma questão de classe:

“Existe muita coisa que não te disseram na escola  
 Cota não é esmola!  
 Experimenta nascer preto na favela pra você ver!  
 O que rola com preto e pobre não aparece na TV  
 Opressão, humilhação, preconceito  
 A gente sabe como termina, quando começa desse jeito  
 Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais  
 Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais  
 Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé  
 Não tem dinheiro pro busão  
 Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão  
 E já que tá cansada quer carona no busão  
 Mas como é preta e pobre, o motorista grita: não!  
 E essa é só a primeira porta que se fecha  
 Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa  
 Chega na escola, outro portão se fecha  
 “Você demorou, não vai entrar na aula de história  
 Espera, senta aí, já já dá 1 hora  
 Espera mais um pouco e entra na segunda aula  
 E vê se não atrasa de novo!” A diretora fala  
 Chega na sala, agora o sono vai batendo  
 E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que  
 Se a passagem é 3,80 e você tem 3 na mão  
 Ela interrompe a professora e diz, 'então não vai ter pão'  
 E os amigos que riem dela todo dia  
 Riem mais e a humilham mais, o que você faria?  
 Ela cansou da humilhação e não quer mais escola  
 E no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola  
 O tempo foi passando e ela foi crescendo  
 Agora la na rua ela é a preta do suvaco fedorento  
 Que alisa o cabelo pra se sentir aceita  
 Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita  
 Agora ela cresceu, quer muito estudar  
 Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular  
 E a boca seca, seca, nem um cuspe  
 Vai pagar a faculdade, porque “preto e pobre não vai pra USP”  
 Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola  
 Que todos são iguais e que cota é esmola  
 Cansada de esmolas e sem o dim da faculdade  
 Ela ainda acorda cedo e limpa três apê no centro da cidade  
 Experimenta nascer preto, pobre na comunidade

‘Cê vai ver como são diferentes as oportunidades’  
(FERREIRA, 2019).

Ela também é enfática ao elaborar que a interpretação de cotas como “vitimismo” é expressão racismo: “E nem venha me dizer que isso é vitimismo/Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo! / E nem venha me dizer que isso é vitimismo” (FERREIRA, 2019), incentivando a ruptura com os silenciamentos “Não deixe calar a nossa voz não!” (FERREIRA, 2019) e reafirmando que “Cota não é esmola!”(FERREIRA, 2019).

Além de canções que expressamente falam sobre universidade e educação, percebo também que algumas palavras, geralmente associadas ao contexto universitário, tem aparecido em alguns RAPs, mesmo sem estar associada ao contexto universitário. Para mim, isso indica uma familiarização e popularização da linguagem especializada utilizada nas universidades, inclusive fora dela. Termos como “objeto”, “objetivo”, “depósito”, “tradução”, “cientista social”, “plano de ações”, entre outros, são termos *comuns* no contexto universitário e que tem aparecido em letras de rap, mesmo sem fazer alusão ao sentido universitário.

Como exemplo destaco a canção “A propósito” de Rashid, Kamau e SPVIC. Questionando sobre o valor do trabalho desenvolvido por cada pessoa, especialmente no próprio contexto do Hip Hop, os rappers engatilham reflexões chamando a atenção para a necessidade de intencionalidade no que se faz. No Hip Hop chamamos isso de compromisso. Então eles chamam a atenção para o compromisso com aquilo que se faz, indicando que mesmo numa conjuntura difícil é preciso manter esse valor e que não se trata de uma aparência, de *ter* e sim de uma construção, de uma essência, de *ser*.

Para refletir isso utilizam-se de um jogo de versos com alguns enigmas e nessa construção inserem algumas palavras mais fortemente associadas ao contexto universitário. Por terem essas palavras, que eu associo ao contexto universitário, ao ouvi-las em outros contextos elas *ainda* me remetiam ao contexto universitário e por isso ajudaram-me a refletir minha inserção na unversidade, permitindo que eu refletisse meu compromisso enquanto pesquisadora, ainda que não seja essa a intenção declarada no som. Nos trechos “Ainda sou dos que buscam motivos/ Quero progresso mas eu não confundo objetos com objetivos” (RASHID, SPVIC & KAMAU, 2019), “Mas a riqueza da quebrada que eu canto vai além, é a da visão” (RASHID, SPVIC & KAMAU, 2019) e

“Boné num vem com ideia, postura num vem na peita  
Tênis num vem com a caminhada que a rua respeita  
Curto moda, faço moda, enfim  
Só que só kit, sem conteúdo, te iguala a um manequim (Haha)  
Mano eu vim de onde o rap nos guia  
E a rua não curte quem é só algoritmo e poesia (Vixe)  
(RASHID, SPVIC & KAMAU, 2019)

foram versos que auxiliaram-me a sempre a questionar o que eu estava fazendo em minha pesquisa e retornar ao meu compromisso ao realizá-la. Também é interessante observar que no modelo hegemônico de conhecimento vigente nas universidades quanto maior a proximidade entre a realidade pesquisada e o sujeito pesquisador, menos válida e legítima é considerada a pesquisa; enquanto que nas cultura periféricas, ocorre o processo inverso, quanto mais íntimo e próximo da realidade de que se fala, maior a validade e legitimidade se confere à criação e em muitos momentos esses versos foram meu apoio para bancar essa pesquisa:

“Escravo do ritmo, do que escrevo eu sou íntimo  
Enxergue assim: eu sou o morro e meu verso o cria, yeah”  
(RASHID, SPVIC & KAMAU, 2019)

“Sagradas serão as linhas, minha lírica e o ensinamento  
Aos surdos: (os batimentos)  
Aos cegos: o sentimento  
(Sem ego), somente entrego, sem embalar, o conhecimento  
Incentivar, vivo dentro do meio da narrativa”  
(RASHID, SPVIC & KAMAU, 2019)

“Entendendo sua realidade regida no inconsciente”  
(RASHID, SPVIC & KAMAU, 2019)

Não à toa eu faço minha adesão as pesquisas radicalmente qualitativa, pesquisas em que pesquisadores assumem sua presença na pesquisa, contextualizam-se nela, tal como aprendi e nas culturas periféricas. Como pesquisas desse teor não são valorizadas no modelo de universidade hegemônico, referenciar-me nas mensagens da minha própria cultura foi essencial para manter a forma de ação e de pensamento – metodologia - no desenvolvimento da pesquisa. Ainda em “À propósito” há um momento em que relacionam a feitura daquela música, que exigiria muito conhecimento, com o ensino superior:

“Eu sei do meu valor, pra cambiar não paga tradutor  
Espero que entendam *eu*, tá melhor que o ano anterior  
Se não entender, se lembra:  
Pré-requisito pra dividir a track  
Com Kamau, Rashid  
É ter ensino superior”  
(RASHID, SPVIC & KAMAU, 2019)

Por fim, chegamos à canção “**AmarElo**” do rapper Emicida em parceria com Pablo Vittar e Majur. Carregada em batidas, significados e intertextualidades, dentre as diferentes reflexões possibilitadas por meio de AmarElo, destaco a ruptura com uma visão que reduz as pessoas às violências estruturais que sofrem, a atenção à saúde mental e o incentivo à superação de desafios de forma coletiva.

Em uma narrativa intimista, a letra indica que as violências estruturais sofridas pelo eu lírico é também o que motiva a construção de outra possibilidade de existência, mesmo numa sociedade que contradiga isso:

“Eu sonho mais alto que drones  
Combustível do meu tipo? A fome  
Pra arregaçar como um ciclone (entendeu?)  
Pra que amanhã não seja só um ontem  
Com um novo nome  
O abutre ronda, ansioso pela queda (sem sorte)  
Findo mágoa, mano, sou mais que essa merda (bem mais)  
Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda  
Estilo água, eu corro no meio das pedra”  
(EMICIDA, VITTAR & MAJUR, 2019)

Coloca-se ainda como um sujeito *ativo* nessa tarefa:

“Na trama, tudo os drama turvo, eu sou um dramaturgo  
Conclama a se afastar da lama, enquanto inflama o mundo  
Sem melodrama, busco grana, isso é hosana em curso  
Capulanas, catanas, buscar nirvana é o recurso  
É um mundo cão pra nóiz, perder não é opção, certo?  
De onde o vento faz a curva, brota o papo reto  
Num deixo quieto, num tem como deixar quieto  
A meta é deixar sem chão, quem riu de nóiz sem teto”  
(EMICIDA, VITTAR & MAJUR, 2019).

Contudo, essa postura, esse apelo à superação de desafios *também* produz sofrimento para as pessoas incitadas à isso, sobrecarrega-as ao “romantizar” a resiliência:

“Figurinha premiada, brilho no escuro, desde a quebrada avulso  
De gorro, alto do morro e os camarada tudo  
De peça no forro e os piores impulsos  
Só eu e Deus sabe o que é não ter nada, ser expulso  
Ponho linhas no mundo, mas já quis pôr no pulso  
Sem o torro, nossa vida não vale a de um cachorro, triste  
Hoje cedo não era um hit, era um pedido de socorro”  
(EMICIDA, VITTAR & MAJUR, 2019)

Uma vez que esse apelo é novamente a reafirmação de um projeto que afeta negativamente a subjetividade da população periférica:

“Com uma presença aérea  
Onde a última tendência é depressão com aparência de férias  
Vovó diz, Odiar o diabo é mó boi, difícil é viver no inferno  
E vem a tona  
Que o mesmo império canalha, que não te leva a sério  
Interfere pra te levar a lona”  
(EMICIDA, VITTAR & MAJUR, 2019)

A música então faz um outro apelo, propondo uma perspectiva que não reduza as pessoas às violências sofridas, às suas cicatrizes, uma vez que essa realidade social que vivenciam é *construída intencionalmente*. A sobrevalorização da superação individual dessas violências não é uma ruptura com a sua produção e sim a individualização e responsabilização das pessoas vítimas. O discurso apelativo à superação de violências intencionalmente

construídas, ao invés de romper com a produção das desigualdades é, novamente, a afirmação de uma sociabilidade que continua negando a humanidade dessas/es sujeitas/os e, portanto, novamente, determinando suas possibilidades de (re)existências. Assim, de forma visceral e com uma percepção extremamente sofisticada sobre os desafios vivenciado por essas/es sujeitas/os, AmarElo, reivindica:

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
 Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes, que nem devia 'tá aqui  
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
 Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nóiz?  
 Alvos passeando por aí  
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
 Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência  
 É roubar o pouco de bom que vivi  
 Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
 Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes  
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir”  
 (EMICIDA, VITTAR & MAJUR, 2019)

Quase no fim da música, Emicida propõe um diálogo direto com quem o ouve, a quem se dirige sua mensagem, e aconselha-as/os indicando-nos que a música dirige-se *também* às maloqueiras e maloqueiros que estão no ensino superior<sup>29</sup>:

“Aí, maloqueiro, aí, maloqueira  
 Levanta essa cabeça  
 Enxuga essas lágrimas, certo? (Você memo)  
 Respira fundo e volta pro ringue (vai)  
 'Cê vai sair dessa prisão  
 'Cê vai atrás desse diploma  
 Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?  
 Faz isso por nós, faz essa por nós (vai)  
 Te vejo no pódio  
 Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro”  
 (EMICIDA, VITTAR & MAJUR, 2019).

É importante observar que mesmo após as considerações feitas na música em relação aos sofrimentos vivido, a mensagem da música ainda é a de enfrentamento e superação da realidade social vivida, mas de forma mais consciente dessa realidade e mesmo dos sentidos desse enfrentamento e superação. O pedido “Faz isso por nós, faz essa por nós”, é também um indicativo de que as conquistas, mesmo quando *parecem* individuais, são coletivas, é *de e por* toda a maloqueiragem.

Com “Capítulo 4, Versículo 3”, “Coração de Mãe”, “À quem possa interessar”, “Pedagoginga”, “Cota não é esmola”, “À Propósito” e “AmarElo”, podemos perceber

<sup>29</sup> “Diploma” não se refere unicamente à universidade, mas, essa interpretação é possível também a partir do clipe oficial, indicado na playlist, em que vemos um estudante negro cursando direito e concluindo o curso superior.

mudanças na produção do discurso sobre periferias e universidades. Mudanças que vão da ausência nesse lugar, passando pela sujeição, acesso, disputa e transformação desse lugar. Como pessoa que se referencia *nas* expressões poéticas da periferia, especialmente as mediadas pela oralidade, perceber e me orientar por essas mudanças, que não são apenas *discursivas*, é também fazer parte dessas mudanças. Espero que o percurso realizado por esses RAP possam contribuir para que você reflita sobre periferias e universidades com outras referências.

Eu sou grata e sinto o máximo respeito e compromisso pela possibilidade de, por meio dessas reflexões, poder pontuar mais essa pra nós resistindo ao assujeitamento de quem sou/somos, enfrentando ao alijamento imposto à nós e ampliando a reflexão da nossa vivência para além da nossa sobrevivência!

*Diz, qual seu propósito?  
Verso, punchline, flow  
Mas quanto vale o show?  
Diz que diferença cê faz num depósito  
Diga-me  
Guarda o quê?  
Quais os tesouros (Yeah) e valores reais  
Diz, qual o seu propósito? Verso, punchline, flow  
Mas quanto vale o show?  
Diz que diferença cê faz num depósito?  
(RASHID, KAMAU & SPVIC)*

***Mensagem para Marília (conversa no whatsapp)***

Vamos depositar a dissertação na segunda, mas o texto ainda tá muito longe. A forma tá muito longe. E não acho que isso seja por eu estar atrasada. Penso que se não tivesse um prazo me pressionando eu não estaria produzindo. Eu tive um tempo “saudável” para escrever, e nesse tempo eu não conseguia escrever o que eu queria. Pelo menos não o conteúdo e forma que acredito. Parece que eu tenho dó de me entregar pra universidade. Não é sabotagem, é um antagonismo. Na pressão em nível hard eu até "produzo", mas não produzo o que eu queria. Produzo algo mais próximo ao que se pede, muito a contra gosto, muito por tabela. E por ser muito distante do que sei, considero tudo muito meia boca. Não o que quero. Novamente vou entregar um trabalho acadêmico ao qual eu tenho dificuldades em me reconhecer e acho que é por não me reconhecer no modelo de universidade. Não me reconheço na inteireza daquele espaço. Reconheço-me pesquisadora, educadora, estudante. Possuo as habilidades, capacidades e criatividades necessárias. Felizmente já encontro mais momentos para entender isso. Mas é tão frustrante não conseguir chegar onde se quer. Não consigo singularizar, realizar a síntese de tudo o que me ocorre. Ai pesquiso mais, estudo mais, me qualifico mais e continuo não chegando. Então estudo mais, pesquiso mis.... Só que não é que eu não sei. Ninguém sabe tudo mesmo, não é insegurança. Mas ficar procurando singularizar isso na lógica da universidade é distanciar-se da minha matriz lógica. E tentar defender essa matriz lógica na lógica da Universidade, que nega e se apropria de outras possibilidade lógicas, deixando só uma frestinha para nos corromper a disputá-la é a estratégia epistemicida do modelo de universidade que atende ao modelo capitalista de produção e reprodução da opressão por meio do conhecimento. O modelo de universidade É muito mais arraigado do que nos primeiros mergulhos nos parece. Muita coisa ainda precisa mudar. E enquanto ainda sou pressionada em atender ao modelo de universidade capitalista, menos conseguirei destruí-la. Se minha forma de ação e pensamento não se dá nesse espaço, se estar nesse espaço me distancia tanto de onde ele se dá, o que torna necessário disputar esse lugar? Para que uma disputa? Para que um lugar numa estrutura hierárquica e com valores tão distintos aos que me humanizam?

"As ferramentas do mestre não vão dismantelar a casa grande", será que também era sobre isso que a Audre Lorde dizia?

11:50 am

30/09/2019





- *Ela estuda aqui?*

- *Cota!*

Eu chacoto e me pego a sorrir, tomo cuidado para não cair nessa  
ilusão: até parece que o problema tá na consciência, a treta tá é na  
opressão.

Então, mesmo cansada, indignada, continuo fazendo

Pixo

Prosa

Arte

Lambe

P O E S I A !

*GRITANDO COM MEU CORAÇÃO.*

Sentindo jorrar o sangue, irrigando as feridas e mudando de direção.

Sonhando com outros futuros para nossas Pretinhas,  
que elas tenham espelhos e decidam como seguirão.

Sem que pra isso sejam violadas no corpo, no sentimento ou na  
razão.

Sigo de punho erguido, em riste, resisto na luta e também me  
segurando nos solavancos do busão, pois na selva da hipocrisia  
Transbordar e transportar essa rebeldia é minha peregrinação.

E se a palavra tem poder,

A poesia

A poesia é a nossa salvação.

Estamos cansadas. Mas a gente não desiste. A gente não desiste.

NÃO.

## REFERÊNCIAS

- ANARKA. **RIMADELA - CYPHER # 1**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FvbYAsKyFTs> . Acesso em 15 de janeiro de 2019.
- ÁVILA, Milene Peixoto. "**Periferia é periferia em qualquer lugar?**" **Antenor Garcia**: estudo de uma periferia interiorana. Dissertação de mestrado. USP. 2006.
- BEY, Hakim. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. 2001.
- BICHIR, Renata; MARQUES, Eduardo. **Investimentos públicos, infra-estrutura urbana e produção da periferia em São Paulo**. Espaço & Debates, v. 27, n. 42, p. 9-30, 2001.
- BONDUKI, Nabil Georges; ROLNIK, Raquel. **Periferias**: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1979.
- BRITO, Angela Xavier de; LEONARDOS, Ana Cristina. **A identidade das pesquisas qualitativas**: construção de um quadro analítico. Cadernos de Pesquisa, v. 113, p. 7-38, 2001.
- CALDEIRA, Teresa Pereiro do Rio. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CARMO, Milena Mateuzi. **Margem adentro**: políticas sociais, sujeitos e resistências na zona sul de São Paulo. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- CARVALHO, André Luiz de. **Metropolização e o discurso da modernidade na reposição da periferia**: o bairro do Cabuçu no município de Guarulhos. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- CUNHA, Rafael Carneiro da. **Sérgio Vaz**: Sarau ajudou a criar identidade das pessoas com o bairro Disponível em: <<http://vilamundo.org.br/2013/04/sergio-vaz-sarau-ajudou-a-criar-identidade-das-pessoas-com-o-bairro/>>. acessos em 18 jun 2018.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, 2013.
- DENZIN, Norman. **The Qualitative Manifesto**: A call to arms. 2018.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. In: **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Artmed, 2006.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. Editora Perspectiva, 1973.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade vista da periferia**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 1, n. 1, p. 84-99, 1986.
- EMICIDA; VITTAR, Pablo & MAJUR. **AmarElo**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

- FACE DA MORTE. **Coração de Mãe**. 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OpO633NQ6oc>. Acesso em 14 de outubro de 2019.
- FERREIRA, Bia. **Cota não é esmola**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcQIaoHajoM>. Acesso em 14 de outubro de 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 165 p.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Petrópolis: Vozes. 1997.
- GUELÉ, Uberê. **A academia é aquele [...]**. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/ubereguele/posts/1959715630949017> . Acesso em 25 de maio de 2019.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2.ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2017. 283 p.
- INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan/jun. 2012.
- JUPI77ER. **RIMADELA - CYPHER # 1**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FvbYAsKyFTs> . Acesso em 15 de janeiro de 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- KAMAU. **À quem possa interessar**. 2008, Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-8L4R\\_83c8](https://www.youtube.com/watch?v=-8L4R_83c8). Acesso em 14 de outubro de 2019.
- LARA, Fernão Lopes Ginez de. **Modernização e desenvolvimentismo: formação das primeiras favelas de São Paulo e a favela do Vergueiro**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- LEITE, Antonio Eleilson. **Marcos fundamentais da literatura periférica em São Paulo**. Revista Estudos Culturais, v. 1, n. 1, 2014.
- MEC. **EDITAL Nº 9 Programa de Educação Tutorial – PET. 2010**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7140-edital-pet2010-novosgrupos&category\\_slug=novembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7140-edital-pet2010-novosgrupos&category_slug=novembro-2010-pdf&Itemid=30192). Acesso em 14 de outubro de 2019.
- MILLS, Charles Wriqth. **A Imaginação Sociológica**. 1.ed. Rio de Janeiro. Zahar. 1965.
- PIERRE, Elizabeth Adams St. **Post Qualitative Inquiry**. In: *Qualitative Inquiry in Neoliberal Times*, p. 39, 2017
- PET EDUCAÇÃO POPULAR. **Conheça o PET**. Disponível em: <http://educacao-popular.blogspot.com/p/nossa-historia.html>. Acesso em 14 de outubro de 2019.
- RACIONAIS MC's. **Capítulo 4, Versículo 3**. 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TITRneC6jLU>. Acesso em 14 de outubro de 2019.
- RASHID, SPVIC & KAMAU. **À Propósito**. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2\\_CfklrsvjM](https://www.youtube.com/watch?v=2_CfklrsvjM). Acesso em 14 de outubro de 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O Que é: lugar de fala?** 1. ed. Belo Horizonte. Letramentos, 2017. 112p.

ROMAGUER, Alda Regina Tognini; WUNDER Alik. **Políticas e Poéticas do Acontecimento: do silêncio a um risco de voz.** Revista Brasileira de Estudos da Presença, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 124-146, ago. 2015. ISSN 2237-2660. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/51077/35880>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** Edusp, 2002.

SAPIÊNCIA, Rincon. **A volta pra casa.** 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vSVY1rzAW9w>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

SILVA, Brenda. **Asema Aya.** 2017.

SILVA, Brenda. **Com os pés no chão e o mundo nas costas.** 2014.

SILVA, Brenda. **Tá na minha cabeça.** 2014.

SILVA, Brenda. **SALVE! O HIP HOP no enfrentamento ao genocídio descaracterizado da juventude pobre, preta e periférica.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de São Paulo. 2016.

SILVA, Simone. **As rodas literárias nas décadas de 1920-30: troca e reciprocidade no mundo do livro.** Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, 2010.

TOMASEVICIUS FILHO, Eduardo. **Breves notas às cartas de José de Anchieta.** Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 99, p. 557-569, 2004.

TORRES, Thiago. **Viver em dois mundo diferente é uma coisa tão difícil...** Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1234489606714949&set=p.1234489606714949&type=3&theater>. Acesso em 17 de junho de 2019.

UNIFESP. **Processo Seletivo de Estudantes.** Edital nº 12 de 2018. Disponível em: [https://www.unifesp.br/reitoria/proex/images/PROEX/Editais/AbdiasNasc\\_edital12/Edital\\_2018\\_12\\_Alunos\\_prorrogado.pdf](https://www.unifesp.br/reitoria/proex/images/PROEX/Editais/AbdiasNasc_edital12/Edital_2018_12_Alunos_prorrogado.pdf). Acesso em 14 de outubro de 2019.

UNIFESP. **Processo Seletivo de Estudantes.** Edital nº 12 de 2018. Disponível em: [https://www.unifesp.br/reitoria/proex/images/PROEX/Editais/AbdiasNasc\\_edital12/Edital\\_2018\\_12\\_Alunos\\_prorrogado.pdf](https://www.unifesp.br/reitoria/proex/images/PROEX/Editais/AbdiasNasc_edital12/Edital_2018_12_Alunos_prorrogado.pdf). Acesso em 14 de outubro de 2019.

USP (SP). Engenho. **Vozes do Engenho.** Brasil: [s. n.], 2018. Disponível em: <http://www.engenho.prceu.usp.br/vozes-do-engenho/>. Acesso em: 5 ago. 2019.

TENNINA, Lucía. **Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos.** Estud. Lit. Bras. Contemp., Brasília, n. 42, p. 11-28, Dec. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182013000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182013000200001&lng=en&nrm=iso)>. access on 19 jun. 2018.

VELARDI, Marília. **Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa.** Moringa, v. 9, n. 1, p. 43-54, 2018.

KAECKE, Janaina de Moraes. **Em torno das abordagens críticas ao espaço urbano: os diferentes sentidos da periferia.** 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

KOWARICK, Lúcio. **A Espoliação Urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979

\_\_\_\_\_ **As Lutas Sociais e a Cidade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.